



PERSEGUIÇÃO CONTINUADA

Casos crescem 51% na Paraíba e principais vítimas são mulheres

Estado registrou 1.414 ocorrências de stalking em 2024; situação gera medo e abala a saúde das vítimas. *Página 7*

Foto: Roberto Guedes



Crédito rural incentiva famílias paraibanas a viver no campo

Recursos destinados a assentamentos da reforma agrária são voltados à compra de sementes, animais e maquinários, que ajudam a desenvolver a produção de alimentos em comunidades de diferentes regiões do estado. O chamado Crédito Instalação é a primeira etapa de financiamento garantida pelo Incra às famílias.

Página 5

Aumento de temporários nas prefeituras acende alerta do TCE

Contratações equivalem a 86% do total de efetivos na gestão pública. Dos 178 municípios notificados pelo órgão, em junho, apenas 142 enviaram justificativas para as admissões.

Página 13



Foto: Mirilo Alveço/Divulgação

Benito di Paula reencontra-se com o público de João Pessoa

O artista realiza um show hoje, às 19h, no Teatro Pedra do Reino, acompanhado do filho, Rodrigo Vellozzo. Os bilhetes estão disponíveis no site Ingresso Digital, a partir de R\$ 90. Em conversa exclusiva com A União, o cantor relembrou momentos dos seus 83 anos de vida — mais de 60 deles dedicados à arte.

Página 9

Foto: Roberto Guedes



Data celebra a preservação do patrimônio

Historiadores destacam a importância de bens materiais e imateriais, como o coco de roda (foto), que representam a cultura local.

Página 25

Rota Cultural chega a Bananeiras e celebra retorno às origens

Com apresentações de artistas como Marcelo Falcão e Nando Reis, município recebe o Caminhos do Frio a partir de amanhã.

Página 8

Foto: Divulgação/Secom-PB



■ “Hoje com 92 anos, ainda sinto não sei se encanto ou o alvoroço daquele menino de sítio”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Amo as pedras mais que tudo, certamente porque elas me moldaram os fios do destino”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

Liberação de prédios irregulares em João Pessoa coloca em risco Lei do Gabarito

Decisão da Justiça favorável à construção fora do limite previsto na legislação pode abrir precedentes no município. Sindicato sugere tolerância zero aos excessos, após fase de transição.

Página 3

Violência contra a mulher é crime!
Denuncie. Ligue 180



Editorial

Riquezas do Brasil

Os Poderes Públicos e a sociedade civil organizada devem manter-se em esforço permanente para que o corpo social brasileiro como um todo tenha acesso às informações basilares, relacionadas ao patrimônio material e imaterial do país, e, principalmente, tenha condições de visitar esse valioso conjunto de bens culturais. É muito importante que as pessoas aprendam a se reconhecer nos legados tanto do passado quanto do presente.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) define patrimônio material como o “um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza, conforme está definido nos quatro Livros do Tombo”. De acordo com esses documentos, trata-se, portanto, de bens de reconhecido valor arqueológico, paisagístico, etnográfico e histórico, figurando, também, nessas listas, as belas-artes e as artes aplicadas.

No rol dos bens tombados pelo Iphan, de natureza material, podem ser encontrados tesouros móveis e imóveis, públicos ou individuais: cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos, coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos. Isso posto, tem-se melhor consciência de quão rico é o Brasil, no que se refere aos bens culturais.

Mas não fica por aí. O país conta, ainda, com um impressionante acervo de bens culturais de natureza imaterial, que diz respeito, de acordo com o Iphan, “àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas)”.

Retrato fiel da pluralidade cultural do Brasil e de sua dimensão histórica, o patrimônio imaterial, na conceitualização do Iphan, é “transmitido de geração a geração” e “recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana”.

Que todos os cidadãos e cidadãs do país saibam muito sobre esses acervos e tenham chances de visitá-lo, no todo ou em parte, podendo começar, no caso da Paraíba, pelo Centro Cultural São Francisco, prosseguindo pelos Centros Históricos de Olinda, Salvador, São Luís, São Cristóvão e Diamantina, passando pelo Pantanal mato-grossense até chegar às Ruínas de São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul. E isso ainda é pouco.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Mídia responsável, infância protegida

A preocupação com o fenômeno da adultização da infância não é algo novo. Nas últimas décadas, temos percebido o quanto as crianças vêm sendo expostas a conteúdos, comportamentos e padrões estéticos que pertencem ao universo adulto — seja pela televisão, pela publicidade ou pelas redes sociais. Isso tem levado à adoção de atitudes, vestimentas e valores incompatíveis com a idade infantojuvenil.

O tema voltou a ganhar destaque nos últimos dias, em razão da denúncia feita, em vídeo, pelo influenciador digital Felca, envolvendo casos de pedofilia na internet. A questão ganhou grande repercussão, expondo uma realidade já conhecida, mas, lamentavelmente, ignorada por muitos. O episódio provocou reações, inclusive no campo político, e se tornou uma oportunidade para defender propostas de regulamentação da mídia.

O presidente da Câmara Federal, o deputado Hugo Motta, decidiu pautar o debate, no qual já foram protocolados mais de 30 projetos, apresentados por parlamentares de diferentes posicionamentos ideológicos. Tornou-se, assim, uma pauta consensual, com algumas restrições levantadas por lideranças políticas da extrema direita, que recorrem ao velho discurso de que a regulação da mídia ameaça a liberdade de imprensa e a livre circulação de ideias. O Governo Federal, por sua vez, anunciou o envio de uma proposta legal para estabelecer regras que garantam o bom funcionamento da mídia, assegurando a todos o direito à comunicação de forma tranquila e segura. Não se trata de censura, mas da definição de parâmetros claros e responsáveis para seu uso.

No caso específico da adultização do público infantil, essa regulação é imperiosa e urgente. É necessário limitar a exibição de conteúdos inadequados em horários acessíveis às crianças, criar códigos de conduta para a publicidade infantil e responsabilizar as plataformas digitais por algoritmos que promovam conteúdos nocivos.

O processo de adultização da infância compromete o desenvolvimento saudável, estimulando precocemente a sexualização, o consumismo e a per-

da de referências próprias dessa fase da vida. O impacto é direto sobre a autoestima, a construção da identidade e até mesmo a saúde mental.

É chegada a hora de a sociedade brasileira promover um amplo, imediato e transparente debate sobre o tema no campo das políticas de comunicação e cultura. É fundamental que a mídia funcione de forma ética, responsável e democrática. Não é mais aceitável a campanha de desinformação que tenta induzir ao entendimento de que a regulação significaria o “fim da liberdade de expressão”. Em várias partes do mundo democrático, a regulação midiática já é uma realidade consolidada.

A infância não pode ser tratada como um nicho de mercado nem como um laboratório para modismos e lucros rápidos. Preservar esse tempo único da vida é investir no futuro de uma sociedade mais equilibrada, saudável e consciente. A regulação da mídia é, portanto, um instrumento indispensável para que nossas crianças tenham o direito de viver plenamente... como crianças — protegidas desses perversos mercados eróticos. Com ela, será possível punir com rigor os delinquentes sociais responsáveis por tais práticas, inibindo a continuidade desse crime.

“

É preciso criar códigos de conduta para a publicidade infantil e responsabilizar as plataformas digitais por algoritmos que promovam conteúdos nocivos

Rui Leitão

Foto Legenda

João Pedrosa



Pedaladas na história

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Minha dívida com Campina

A chuva da última sexta só fez aumentar a minha dívida com a amplidão acolhedora de Campina Grande.

Naquela cidade me fiz, de lá saí para o que tinha de ser. Um pequeno caboclo de sítio, tirado de um socavão de desfiladeiros e matas fechadas que estreitava a terra e o céu, o horizonte, a pequena porção de terra de um pai que não sabia ler, que assinava em cruz, no entanto consorciado com minha mãe, uma ex-beatinha da Casa de Caridade do padre Ibiapina, que a tudo via com energia e com os olhos fitos no Evangelho.

Um Evangelho, ressalte-se, que começava pela varinha de Anchieta a alargar e apontar horizontes além do que cingia aquele nosso mundo povoado da mais primária sobrevivência.

Imaginem os jovens senhores deste século sem limites de tempo ou de espaço. Tempo e espaço nos quais, onde estivermos, aí está o mundo inteiro, desde que não nos falte o celular, o bem de consumo mais integralmente bem distribuído nesses nossos quinhentos anos de civilização e progresso.

Pois bem, hoje, com 92 anos, ainda sinto não sei se encanto ou o alvoroço daquele menino de sítio que, depois das subidas e descidas de quem vem do brejo, vê destampar-se num clarão de vida a maior cidade do seu mundo. Bem maior do que a propagada por feireiros, tropeiros ou viajantes. E que nunca mudou de tamanho nem de espírito, por mais que outras praças da região afluam na concorrência.

Numa página de “Notas do meu Lugar”, a propósito de discurso de vanglória pela água que se botava em Campina, escrevi faz meio século: “Campina Grande não se formou nem cresceu de nenhum alvará da Corte. Cresceu de si mesma, por sua própria conta ou pelo que a Paraíba lhe deve. (...) Praça internacional do algodão, praça nacional de couro, de minérios, praça regional do varejo e do atacado. A Rua Presidente João Pessoa, um acostamento nacional, um congresso múltiplo e vários de placas, siglas próximas e longínquas” — era o que eu via da janela de interno do Pio XI. E da mesma janela, vendo por cima, nunca saí. Não sei como larguei tudo isso.

Tive a intenção de entrar no Rebate, jornal do professor Luiz Gil, mas lá não havia folha de pessoal. Sem queda para o comércio, migrei para João Pessoa, em 1951, atrás da vaga que o Rebate

“

[Campina Grande] nunca mudou de tamanho nem de espírito, por mais que outras praças da região afluam na concorrência

Gonzaga Rodrigues

não podia oferecer. De lá circulavam quatro jornais: A União, do governo; A Imprensa, dos pais, tendo padre Odilon como diretor; O Norte da campanha de Zé Américo; e A Tribuna, de Epitacinho.

Graças a essa opção de vida e de trabalho, meus vínculos com Campina se tornaram ainda mais fortes e mais se ampliaram ao sabor do tempo e de duas gerações: a de Epitácio Soares, João Viana, Antonio Mangabeira, Raimundo Gadelha, Nilo Tavares, João Nogueira de Aruda (Pinta Cega), Raif Ramalho; e a de Juarez Farias, Evaldo Gonçalves, Babá e Evaldo Cruz, Orlando Tejo, Raimundo Asfora, Luís Mota, Figueiredo Agra, Manuel Cunegundes, Raimundo Adolfo, Antônio Carlos Escorel, Carlos Martins Leite, Geraldo Nogueira, Noaldo Dantas, Figueiredo Agra, Amir Gaudêncio, José Neiva Freire e a presença solidária e amiga de Chico Pereira, Gleryston Lucena, Leidson Farias, somando-se a tudo isto o privilégio de ser acolhido (por que não dizer?) jovialmente pela geração de Bruno Gaudêncio, Thélío, Thomas Bruno.

Mesmo sem poder ir abraçar os amigos de Campina, impossibilitado pela chuva da última sexta, não posso deixar de expressar minha gratidão às almas generosas que, mesmo quando nada mais lhes posso oferecer, se contentam com a pobreza do meu afeto.

Obrigado, presidente Thélío Queiroz Farias, chanceler Dalton Gadelha, amigos José Mário da Silva Branco, Chico Pereira, Vladimir Neiva!

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



Foto: João Pedrosa

Terceira Câmara Cível do TJPB considerou que os 84 cm construídos além do permitido não causarão danos ambientais

LITORAL PARAIBANO

Decisão da Justiça coloca Lei do Gabarito em risco

Manifestação favorável à construção irregular na orla pode abrir precedentes

Emerson da Cunha
 emerson.uniao@gmail.com

Na primeira semana de agosto, a Terceira Câmara Cível do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB) considerou legal o chamado “habite-se” do Oceânica Cabo Branco, empreendimento da construtora Oceânica — alvo de ação do Ministério Público da Paraíba (MPPB) —, no bairro Cabo Branco, em João Pessoa. Seguindo um dos desembargadores que avaliaram o caso, os 84 cm construídos além do permitido pela chamada “Lei do Gabarito” não geraria nenhum dano ambiental. E, de fato, essa não seria a questão. O problema é que a decisão, a primeira colegiada em benefício de construções consideradas irregulares, pelo MPPB, por altura acima do permitido pode abrir precedentes para casos similares. E aí sim corremos o risco de sofrer as consequências.

É o que aponta o presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Paraíba (CAU-PB), o arquiteto e urbanista Ricardo Vidal. “Em casos como os que têm gerado debate recente, nos quais o limite de altura é ultrapassado por poucos centímetros, dificilmente há impacto ambiental adicional relevante. A questão passa a ser, sobretudo, jurídica, pelo

risco de se criar precedentes que fragilizem a aplicação da lei”, explica Vidal. Segundo ele, se o descumprimento tornar-se mais expressivo ou forem liberadas construções significativamente mais altas, podem ocorrer impactos urbanísticos e ambientais, como alterações no microclima, perda de ventilação e mudanças na paisagem.

João Pessoa é destaque, desde os anos 1990, entre as capitais pela chamada Lei do Gabarito, dispositivo dentro do Plano Diretor da cidade que estabelece alturas escalonadas para prédios em até 500 m de distância a partir do preamar, entre alturas que variam de 12,9 m a 35 m.

Cabedelo também tem sua Lei do Gabarito, que prevê o mesmo limite, com variações de 12,9 m a 30 m. As leis dialogam com a Constituição Estadual, de 1989, que, no artigo 229, determina de interesse ecológico toda a faixa de 150 m de praias do território paraibano desde o preamar.

Se, no momento de sua aprovação, essas leis geraram polêmicas, hoje, elas tornaram-se um ativo para a capital e Região Metropolitana, chamando a atenção pelo cuidado com a orla. No entanto, mais casos irregulares têm sido denunciados e investigados.

No início deste mês, veio a

“

É um perigo para todos os municípios. Qualquer lei sem poder de polícia em sua fiscalização se torna inócua

Antonio Almeida

público o caso do empreendimento Vivere Home Design, da construtora Dimensional, no bairro de Cambinho, em Cabedelo. A empresa é alvo de ação civil pública, pelo MPPB, em razão da construção acima do permitido: 1,52 m no bloco A; 2,95 m no bloco B; e 3,41 m no bloco C. A ação, proposta pelo promotor Francisco Formiga, pede o embargo total da obra, a suspensão de qualquer licença pela prefeitura da cidade e a demolição das áreas excedentes. Na cidade de Cabedelo, além desse caso, pelo menos, mais três outros de desrespeito à Lei do Gabarito foram alvo de inves-

tigação ou ação pública movida pelo MPPB no mês junho.

Em João Pessoa, os casos mais comuns acontecem na orla do Cabo Branco e de Maíra. Desde o ano passado, segundo informações do MPPB, pelo menos, quatro prédios na capital são ou foram alvos de inquérito ou ação na Justiça por terem sido construídos acima do gabarito, como foi o caso da Oceânica. “O desrespeito à lei de restrição do gabarito dos edifícios na faixa de 500 m da costa paraibana é muito grave. Os casos estão se repetindo, abrindo precedentes e criando jurisprudência. É um perigo, não somente para a cidade de João Pessoa e, sim, para todos os municípios da orla paraibana”, salienta o engenheiro civil Antonio Almeida, convidado, à época, para a elaboração do Plano Diretor da capital.

“O que é grave é a Justiça contrariar o arrazoado de um descumprimento da lei e dar ganho de causa ao infrator. Se o órgão licenciador concede licença fraudulenta, fica claro que é caso para inquérito, punição do ou dos responsáveis, até com a demissão e prisão. Porém, no geral, trata-se de uma tática usada comumente pelo infrator: a do fato consumado. Qualquer lei sem poder de polícia em sua fiscalização se torna inócua”, acrescenta o engenheiro civil.

Sindicato sugere tolerância zero aos excessos

Segundo o Sindicato da Indústria da Construção Civil de João Pessoa (Sinduscon-JP), de fato, ao longo dos anos da vigência da legislação, foi aplicada certa tolerância em relação à altura dos prédios na orla, por parte das empresas e dos próprios órgãos de controle. “Não é que não se está cumprindo a lei, ou que as pessoas estão querendo flexibilizar. Mas, se você pegar na orla, eu duvido que tenha um prédio com 12,9 m. Um vai ter 12,4 m; outro, 12,5 m; outro, talvez, 13,3 m. Porque é uma coisa manual, a referên-

cia é a calçada. Se você pegar um canto, ele vai dar um pouco maior, um pouco menor”, exemplifica o presidente do sindicato, Ozaes Mangueira. “A gente quer uma forma de isso não mais acontecer, para que haja uma tolerância zero, mas há a necessidade de uma transição. Não é justo penalizar empresas se, antes delas, passaram várias”.

A saída também estaria no aprimoramento da fiscalização. “Seria bom que pudéssemos, antes de realizar as duas últimas concretagens, ter uma fiscalização. Quer di-

zer, o sindicato das empresas está pedindo para serem fiscalizadas todas as obras, para ver, realmente, como elas estão, se vão ultrapassar ou se vão atingir esses 12,9 m. Então, dessa forma, conseguiríamos fazer uma coisa que tenha tolerância zero”, argumenta Ozaes.

Resposta das construtoras

Em resposta ao nosso contato, a construtora Oceânica, do empreendimento Oceânica Cabo Branco, informou não comentará decisões judiciais. A reportagem tentou

contactar a construtora Dimensional, do prédio Vivere Home Design, por telefone e WhatsApp, mas não conseguiu retorno até o fechamento desta edição.

■
 Ozaes Mangueira pede que obras sejam fiscalizadas antes das duas últimas concretagens

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

O livro, esse fascinante objeto

Há objetos que passam despercebidos em uma casa, uma caneca esquecida na prateleira, uma almofada fora do lugar, um vaso que já não tem flor. Mas o livro não. Ele é um desses raros objetos que não apenas estão, mas existem. Ocupam espaço físico e simbólico. Um livro não decora: declara.

Mesmo fechado, um livro carrega uma inquietação quieta. Deitado sobre a mesa, espiando da estante, esconde em sua lombada uma espécie de promessa. É como se dissesse: “Há um mundo aqui dentro, mas só vou mostrá-lo se você me tocar”. E é verdade. O livro é um dos poucos objetos que só revela sua natureza quando ganha atenção. Um liquidificador funciona sozinho, uma lâmpada acende com um clique. O livro, não. É preciso abrir, folhear, mergulhar. Ele exige cumplicidade.

O mais curioso é que, sendo objeto, o livro é também um portal. Um quadrado de papel que, sem pedir licença, arrasta você para outros tempos, vozes, ideias. Em um mundo que corre, que pisca, que grita por nossa atenção a cada segundo, o livro é um convite ao contrário: ele pede silêncio, pede demora, pede entrega. E, talvez, seja isso que o torne tão fascinante. É um objeto que não se contenta em ser olhado. Quer ser vivido.

Seu peso nas mãos não é o mesmo que o de um celular ou de um controle remoto. É um peso simbólico. Um livro tem densidade emocional. Pode ser leve como um conto infantil ou denso como um tratado filosófico, mas nunca é vazio. Mesmo aquele livro que você não gostou tem algo de mágico: foi escrito por alguém, sonhado por alguém, impresso, encadernado, espalhado pelo mundo até cair nas suas mãos. E isso, por si só, já o torna singular.

O livro, como objeto, tem personalidade. Os novos têm aquele cheiro fresco de papel recém-nascido, aquele som seco das páginas sendo abertas pela primeira vez. Já os velhos carregam um perfume que não se reproduz, uma mistura de poeira, memória e tempo. Abrir um livro antigo é como abrir uma janela para uma casa que já foi habitada. Há marcas, rabiscos, páginas dobradas, dedicatórias esquecidas. Cada

livro é também um arquivo de quem o leu. Um caderno invisível de presenças.

Nas estantes, os livros agrupam-se como se conversassem entre si. O romance flerta com a biografia, o volume de poesia cochicha algo para o de filosofia. São como vizinhos que, mesmo calados, trocam histórias pelo simples fato de estarem ali. Quem tem muitos livros sabe: eles criam atmosfera. Uma casa com livros é uma casa onde mora a curiosidade.

E o gesto de abrir um livro, ah, esse gesto. É quase um ritual. Você o segura com cuidado, sente o tato da capa, a textura das páginas. Às vezes, ele range, como quem desperta. E, então, começa o mergulho. O livro não entrega tudo de uma vez. Ele dança com você. Uma linha, uma página, um capítulo. Vai puxando pela mão, gentilmente, até que você já não está mais ali, está em outro lugar, em outra pele, em outra vida.

Na era do digital, muitos previram o fim do livro impresso. Mas ele resiste. Porque não é apenas um meio de transmitir palavras, é um objeto de afeto. Há algo de profundamente humano em marcar uma página com uma folha seca, em anotar uma frase na margem, em emprestar um livro com certo receio, quase como se estivesse emprestando um pedaço de si.

Um livro é, no fundo, um paradoxo encantador: é imóvel, mas leva longe. É mudo, mas fala. É coisa, mas parece gente. Ele não precisa ser ligado, carregado, atualizado. Não trava, não apaga, não some em nuvem. Está ali, inteiro, pronto. Só esperando que você se aproxime.

E quando você termina um livro, ele não termina você. Fica ali, com um canto de silêncio que continua vibrando. Você fecha a capa, mas algo permanece aberto por dentro.

Talvez, o livro seja isso: um objeto que, ao invés de ocupar espaço, amplia-nos. Um retângulo que, em mãos humanas, transforma-se em infinito.

Joaquim Hugo

Secretário de Desenvolvimento da Agropecuária e Pesca do Estado da Paraíba (Sedap)

“Hoje, somos reconhecidos como livres da aftosa sem vacinação”



Em entrevista, gestor detalha os impactos da certificação e o compromisso com o fortalecimento da agropecuária paraibana

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

A recente certificação da Paraíba como zona livre de febre aftosa sem vacinação, concedida pela Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA), representa um marco para o agronegócio do estado e abre novas perspectivas para produtores, agroindústrias e exportações. O reconhecimento é resultado direto de um conjunto de ações coordenadas pela Secretaria de Desenvolvimento da Agropecuária e da Pesca (Sedap), que intensificou investimentos em defesa sanitária, fortaleceu as barreiras interestaduais, ampliou a vigilância epidemiológica e modernizou os sistemas de controle e rastreabilidade animal.

Sob a gestão do secretário Joaquim Hugo, a Sedap tem atuado com foco na valorização da produção local, no acesso a novos mercados e na consolidação de uma agropecuária mais sustentável e competitiva. A retirada da vacinação amplia o potencial de exportação e agrega valor à carne e aos derivados produzidos na Paraíba.

Nesta entrevista ao Jornal A União, Joaquim Hugo detalha os impactos da certificação, os próximos passos do Governo do Estado e o compromisso com o fortalecimento do campo paraibano.

A entrevista

■ O que significa, na prática, a certificação da Paraíba como estado livre da febre aftosa sem vacinação?

Essa certificação representa um marco histórico para a Paraíba. Durante mais de 20 anos, o Brasil não registrou casos de febre aftosa, mas havia uma divisão: alguns estados eram livres da doença com vacinação, como a Paraíba, e outros, sem vacinação. Essa diferença impedia a livre circulação de animais entre estados, o que travava o comércio. A Paraíba liderou uma articulação com outros estados do Nordeste e, com apoio do Ministério da Agricultura, antecipamos a campanha de vacinação de maio para abril de 2024. Em apenas 15 dias, alcançamos altos índices de imunização, o que nos credenciou, junto à Organização Mundial de Saúde Animal, a obter o novo status. Além disso, reestruturamos a Defesa Agropecuária com ações como concursos e melhorias nas unidades regionais. Hoje, somos reconhecidos como livres da aftosa sem vacinação — uma vitória que abre portas para exportação e fortalece nosso agronegócio.

■ E o que precisa ser feito para manter esse status?

A manutenção da certificação exige vigilância constante. Não é mais necessário vacinar, mas é obrigatório atualizar, duas vezes ao ano, todas as informações das propriedades rurais. Isso inclui não apenas o número de bovinos, mas tudo o que é produzido nelas — como aves, frutas e outros animais.

Essa atualização deve ser feita nas USABs, nossas Unidades Locais de Sanidade Animal e Vegetal, nos mesmos períodos em que se fazia a vacinação, ou seja, em maio e novembro. Esse controle garante que o Estado mantenha a confiança internacional no seu sistema sanitário, permitindo a continuidade das exportações e da movimentação comercial.

■ Como o Circuito Paraíba de Agronegócio tem contribuído para a economia do estado?

As feiras e exposições agropecuárias são estratégicas. Em 2019, apenas três eventos tinham apoio do Governo Estadual. Hoje, já são 60 espalhados por todas as regiões, contemplando desde exposições de animais a festas como a da carne de sol em Picuí ou a do camarão em Itabaiana. Esses eventos geram emprego, movimentam o turismo, estimulam pequenos produtores e funcionam como vitrines para novos produtos. Muitas queijarias, por exemplo, sobrevivem apenas das vendas nesses espaços. Calculamos que mais de um milhão de pessoas vão circular por esses eventos em 2025. Além disso, eles oferecem cursos, capacitações e oportunidades para negócios, sendo fundamentais para fortalecer o setor e dar visibilidade à agropecuária paraibana.

■ Uma das novidades foi a criação do Sistema Unificado Estadual de Sanidade Agroindustrial Familiar (Susaf). O que essa nova legislação representa para os pequenos produtores?

O Susaf é uma revolução para a agricultura familiar. Ele permite que produtos com selo de inspeção municipal [SIM], emitidos por municípios ou consórcios que tenham estrutura técnica comprovada, tenham validade estadual, como se tivessem o selo de inspeção estadual [SIE]. Isso é um ganho enorme. Um exemplo é o consórcio Cisco Agro, no Cariri, com 34 municípios: se comprovarem estrutura e capacidade técnica, os produtos inspecionados por eles terão livre circulação em todo o estado. Isso amplia o mercado para queijarias, produtores de mel, de carne, e fortalece os pequenos negócios. A lei já foi aprovada, está sendo regulamentada, e muito em breve estará em pleno funcionamento.

■ A estiagem tem preocupado produtores. Quais são as ações do Governo Estadual para enfrentar esse problema?

Estamos acompanhando atentamente a situação. As chuvas foram irregulares e abaixo da média, especialmente no Sertão, que é responsável por 80% da produção de leite de gado. Diante disso, nos antecipamos: fizemos uma licitação para compra de ração concentrada e o Estado vai subsidiar 50% do custo para os produtores. Além disso, estamos preparando a distribuição de volumoso [silagem de milho e sorgo], que será essencial para manter o rebanho nos próximos 60 a 90 dias. Essas ações vão ajudar a preservar o rebanho e, mais que isso, proteger milhares de famílias que vivem da produção de leite. O impacto social é enorme, já que o leite gera emprego, fixa o homem no campo e fortalece a economia local.

■ Há uma preocupação crescente com a sucessão nas propriedades rurais. Como o governo tem atuado nesse sentido?

Esse é um dos nossos grandes desafios: garantir que as propriedades não fiquem abandonadas com o passar das gerações. Para isso, criamos o programa Mulheres do Agro, que valoriza a participação feminina como protagonista nas atividades rurais. A ideia é inserir as mulheres em funções estratégicas, como a ordenha ou a higienização das salas de leite, o que fortalece a renda da família e mantém os jovens interessados na vida no campo. Quan-

do o filho vê que a mãe e o pai têm renda garantida da atividade rural, ele enxerga futuro ali e pode buscar uma formação ligada ao setor. Essa valorização da mulher é essencial para garantir a sucessão e a permanência das famílias no campo.

■ E como está a logística de distribuição de sementes para o plantio de 2026?

Aprendemos com os erros. Em 2024, por conta da burocracia nos processos de licitação, a entrega das sementes no Sertão atrasou. Agora, mudamos a estratégia: estamos trabalhando com registro de preços por dois anos. Isso nos permite antecipar o processo. Por exemplo, já licitamos as sementes de 2026. Assim, garantimos que as sementes cheguem no período certo — em dezembro, antes das primeiras chuvas —, principalmente nas regiões onde a janela de plantio é muito curta. É planejamento e agilidade para não perder produtividade.

■ A piscicultura ainda não é muito conhecida como programa estratégico. Qual o papel da distribuição de alevinos no desenvolvimento da cadeia?

Embora pouco conhecida, a distribuição de alevinos é extremamente estratégica. Produzimos cerca de sete milhões de alevinos por ano, distribuídos gratuitamente em açudes públicos e privados. Se metade sobrevive, são 3,5 milhões de peixes, que em seis meses atingem cerca de 600 g. Isso representa mais de 1.800 toneladas de peixe, o que pode gerar até R\$ 18 milhões em renda. O problema é a falta de unidades de beneficiamento certificadas. Ainda não temos, por exemplo, filé de tilápia produzido na Paraíba com selo para venda em supermercados. Essa ausência de estrutura trava a expansão do setor. Estamos trabalhando para mudar isso e criar condições para que a piscicultura seja uma verdadeira alternativa de renda.

■ No geral, qual é a principal dificuldade do produtor rural paraibano?

A maior dificuldade, sem dúvida, é a comercialização. O produtor sabe produzir, com excelência. Mas, quando chega o momento de vender, muitas vezes depende de atravessadores que pagam menos do que o justo. Por isso, estamos investindo fortemente na certifica-

ção de produtos, na criação de espaços de comercialização e na valorização das cadeias produtivas locais. Abrimos abatedouros certificados, como em Monteiro, e estamos expandindo laticínios e queijarias com selo. Quando o produto é certificado, ele entra em outros mercados e valoriza toda a cadeia. É um esforço para tornar o agro paraibano mais justo, competitivo e sustentável.

■ Quais são os parceiros mais importantes da Sedap para realizar tantas ações?

Temos uma grande rede de parcerias. O Sebrae é fundamental, assim como a Federação da Agricultura e Pecuária da Paraíba [Faepa], a Associação Paraíba dos Criadores de Caprinos e Ovinos [Apacco], o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural [Senar], a Organização das Cooperativas Brasileiras [OCB], Banco do Nordeste, Caixa Econômica, Banco do Brasil e prefeituras. A APA realiza os eventos em parceria com os municípios e com nosso apoio financeiro e logístico. Também contamos com o programa Empreender PB, que atua com artesanato, e os próprios municípios que ajudam nas festas, nos shows e na mobilização local. São eventos grandes, com impacto expressivo. A Expo João Pessoa, por exemplo, é hoje a maior festa pública do estado. A agropecuária atrai famílias, investidores e produtores, movimentando diversos setores da economia.

■ Para finalizar: o senhor mencionou o abatedouro de Monteiro. Qual o impacto disso para o Cariri?

Um impacto gigantesco. O Cariri já é o maior produtor de leite de cabra do Brasil. Com o abatedouro certificado em Monteiro, agora também vai poder abater animais com selo, o que viabiliza a venda de cortes nobres como o carré, que hoje chega a R\$ 160 no mercado importado. Com produção local, esse preço cai. Visitei um produtor em Monteiro que, com 500 animais, tira em média R\$ 4.500 por mês, mas sofre com atravessadores. Com o abatedouro, ele poderá vender direto, com preço justo, e aumentar sua renda. A capacidade é de 300 abates por dia. É a redenção para o Cariri e mais um passo firme para a valorização do nosso Semiárido.

REFORMA AGRÁRIA

Linhas de créditos incentivam trabalho rural comunitário

Quase 600 famílias receberam R\$ 8,4 milhões para infraestrutura e produção agrícola, em todo o estado

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Comprar sementes, animais, maquinário, pagar mão de obra. Viver de agricultura tem seus custos, mesmo que a terra tenha vindo gratuitamente. Para auxiliar os recém-assentados a se estabelecerem, o Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA) disponibiliza recursos que permitem a instalação em um assentamento e o desenvolvimento de atividades produtivas. O chamado Crédito Instalação é a primeira etapa de financiamento garantida pelo Instituto de Reforma Agrária (Incrá) às famílias.

Na Paraíba, o Incra liberou, em julho, R\$ 8,4 milhões em Crédito Instalação para 589 famílias de 22 assentamentos da reforma agrária e quatro comunidades quilombolas localizadas nas regiões do Agreste e do Sertão do estado.

“Os créditos produtivos

do Incra para famílias assentadas e quilombolas geram significativo impacto social, promovendo o aumento da produção de alimentos e a melhoria da qualidade de vida. Além disso, a construção de moradias dignas eleva a autoestima e fortalece a dignidade dessas comunidades”, relatou Antônio Barbosa Filho, superintendente do Incra na Paraíba.

Uma das comunidades quilombolas beneficiadas foi a de Senhor do Bonfim, localizada no município de Areia, Brejo paraibano, onde 18 famílias receberam moradias. Esse foi o primeiro território quilombola do estado a receber casas do instituto, construídas com recursos do Crédito Instalação na modalidade Habitacional — contando com um investimento de R\$ 1,35 milhão.

As casas, feitas de alvenaria, possuem 64 m², distribuídos em varanda, sala, cozinha, dois quartos, um banheiro e lavanderia. As pró-

prias famílias beneficiadas escolheram a planta da edificação, gerenciaram o dinheiro e acompanharam todo o processo de construção por meio da Associação dos Pequenos Produtores de Timbaúba e Araras (Appta), entidade credenciada pelo Incra para a elaboração e a execução das obras.

A maioria das 45 famílias da comunidade já obteve o Crédito Instalação na modalidade Apoio Inicial, no valor de até R\$ 8 mil, para a compra de itens de primeira necessidade, bens duráveis de uso doméstico e equipamentos produtivos. Os quilombolas também puderam acessar as modalidades Semiárido (até R\$ 16 mil) e Fomento Mulher (até R\$ 8 mil).

O agricultor Geraldo Gomes de Maria, morador da comunidade Senhor do Bonfim, contou que, com o crédito que conseguiu junto ao Incra, adquiriu sementes e adubação para sua plantação de laranjas e bananas, além de um garrote para criação. “Na agricultura,



Geraldo Gomes, produtor rural da comunidade Senhor do Bonfim, cuida de sua horta

não podemos fazer uma coisa só, senão a gente não sobrevive”, pontuou Geraldo.

Trabalhando no cultivo da terra desde os nove anos de idade, o agricultor disse, ainda, que precisava expandir sua produção e o crédito, que

recebeu no mês passado, chegou em boa hora. “Já estava ficando preocupado em perder o período da chuva”, contou o morador da comunidade Senhor do Bonfim, complementando que ele e seus colegas de assentamento, além do plantio,

também investiram em maquinário, irrigação e criação de bovinos.

Os quilombolas conseguiram, ainda, um crédito para instalação de energia solar, mas este último chegou por meio do Governo do Estado.

Financiamento público impulsiona assentamento há 29 anos

O assentamento Dona Antônia, localizado no município do Conde, Litoral Sul da Paraíba, existe há 29 anos e hoje abriga 110 famílias, conforme explicou o presidente da Associação de Agricultores do assentamento, Allan Kardec Matias, mais conhecido como Jangada. Segundo ele, “na época da divisão das terras, os agricultores tiveram acesso a diversas linhas de crédito, que foram essenciais para começar e melhorar a produção”.

De acordo com a secretária da Associação, Betânia Santos da Silva, os créditos foram usados para começar

a explorar a terra, cada um à sua maneira. “Muitos começaram a comprar sementes, pagar mão de obra que não tinha, fazer o serviço de maquinário, comprar animais para criar. Então, ajudou muito”, disse. Posteriormente, já como associação, eles conseguiram crédito do Empreendedor Paraíba para aquisição de um trator.

O agricultor Ernande Herminegildo Santos, conhecido na região como Baiano, contou que sempre teve receio de pegar os empréstimos específicos para a produção rural e depois ter dificuldade para pagar, por ser uma área de atuação muito incerta. “Agricultura, às vezes, está bom, às vezes não”, comentou. Apesar disso, ele lembra que há algum tempo sua esposa teve acesso ao Pronaf Mulher, linha de crédito do Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf) e foi de grande ajuda para os dois.

Para driblar as dificuldades, Herminegildo tenta diversificar a produção. Além de plantar tubérculos e raízes, como batata doce e macaxeira, completamente orgânicos, ele também produz, de forma artesanal, farinha, goma de tapioca e queijo coalho. Nada se perde, os restos da produção de farinha e goma servem de alimento para os animais do sítio — vacas, galinhas e um jumento.

“Eu trabalho com tudo natural, não uso agrotóxico, nada químico. Comercializo vários tipos de culturas, leite, goma, farinha, batata doce,



Tubérculos, como macaxeira, são cultivados nas plantações

milho, macaxeira, sempre varia, o que sair melhor vai ser vendido. É assim, porque não plantamos só uma cultura,

sabe? Tem que cultivar várias coisas, um pouquinho de cada um até chegar no pirão completo”, disse o agricultor.

Acesso

O Crédito Instalação conta com 10 modalidades: Apoio Inicial, Fomento, Fomento Jovem, Fomento Mulher, Semiárido, Florestal, Recuperação Ambiental, Cacao, Habitacional e Reforma Habitacional.

Para ter acesso a qualquer uma das modalidades, a família deve estar em situação regular na relação de beneficiários e com seus dados atualizados junto ao Incra; estar inscrita no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico); não possuir pendências de inadimplência no Sistema Nacional de Concessão de

Créditos de Instalação (SNCI); e ter firmado título provisório ou definitivo, no caso de famílias assentadas em projetos criados pelo Incra.

Além disso, é exigida a elaboração de um projeto técnico, que detalhe a atividade produtiva a ser desenvolvida. A única exceção é a modalidade Apoio Inicial, que não requer esse tipo de planejamento. O projeto deve ser feito por um profissional habilitado, que pode ser um servidor do Incra, representante de prestadoras de assistência técnica ou órgãos públicos ou integrante de organizações da sociedade civil, que façam parceria com o instituto.

Modalidades de Crédito Instalação

■ **Apoio inicial:** auxilia na instalação do assentamento e na compra de itens de primeira necessidade, de bens duráveis de uso doméstico e de equipamentos produtivos. O valor é de até R\$ 8 mil;

■ **Fomento:** viabiliza projetos produtivos voltados à promoção da segurança alimentar e nutricional, e de estímulo à geração de trabalho e renda. Até R\$ 16 mil;

■ **Fomento Jovem:** viabiliza a implementação de projetos produtivos e de geração de renda sob a responsabilidade de jovens de 16 a 29 anos de idade. Até R\$ 8 mil;

■ **Fomento Mulher:** ajuda as mulheres titulares do lote a implementar projetos produtivos sob a responsabilidade delas. Valor de até R\$ 8 mil;

■ **Semiárido:** atende à necessidade de segurança hídrica do assentado no Semiárido — de acordo com classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Apoiar soluções de captação, armazenamento e distribuição de água para consumo humano, animal e produtivo. O valor é de até R\$ 16 mil, com prioridade para as unidades familiares que não tenham sido beneficiadas pelo Programa Nacional de Apoio à Captação de Água de Chuva e Outras Tecnologias Sociais de Acesso à Água, instituído pela Lei nº 12.873, de 24 de outubro de 2013;

■ **Florestal:** proporciona a implantação e a manutenção sustentável de sistemas agroflorestais ou o manejo florestal de lotes e área de reserva legal com vegetação nativa igual

ou superior ao estabelecido pela legislação ambiental. Podem ser liberados até R\$ 8 mil;

■ **Recuperação ambiental:** assegura a implantação e a manutenção sustentável de sistemas florestais ou agroflorestais, ou o manejo florestal de lotes, de área de reserva legal e de preservação permanente que se encontram degradadas, conforme disposto na Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012. Cada família uma tem à disposição até R\$ 8 mil;

■ **Cacau:** promove a implementação e a recuperação de cultivos de cacau em sistema agroflorestal. O valor é de até R\$ 8 mil;

■ **Habitacional:** para viabilizar, por parte e sob a responsabilidade do beneficiário,

a aquisição de materiais de construção, a contratação de projetos arquitetônicos e de engenharia e a contratação de mão de obra e de serviços de engenharia a serem utilizados na construção de habitação rural, até o valor estabelecido para a modalidade correspondente do Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR), de que trata a Lei nº 11.977, de 7 de julho de 2009;

■ **Reforma Habitacional:** para viabilizar, por parte e sob a responsabilidade do beneficiário, a aquisição de materiais de construção, a contratação de projetos arquitetônicos e de engenharia e a contratação de mão de obra e de serviços de engenharia, a serem utilizados na melhoria ou na ampliação de habitações rurais, até o valor estabelecido para a modalidade correspondente do PNHR.



Foto: Roberto Cuedes

Eu trabalho com tudo natural, não uso agrotóxico, nada químico. Comercializo várias tipos de culturas

Ernande Herminegildo

MOTOS POR APLICATIVO

Modal tem vários adeptos na capital

Com mais de 137 mil motocicletas, a frota desse meio de transporte aumentou, em João Pessoa, quase 6% em um ano

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

A locomoção entre vias e bairros até um destino final exige soluções viáveis, sobretudo em um contexto desigual de busca por mobilidade eficiente. Nesse cenário, o crescimento da frota de motocicletas é um dos indicadores da reconfiguração da mobilidade urbana no país.

De acordo com dados da Secretaria Nacional de Trânsito (Senatran), até junho de 2025, João Pessoa registrava 137.539 motocicletas em circulação, contra 129.945 no mesmo período de 2024 — um aumento de 5,8% em um ano. O uso das motos como alternativa em plataformas de transporte, como Uber e 99, também se insere nesse contexto, com adesão expressiva de condutores e usuários.

A atuação dos mototáxis por aplicativo, segundo a geógrafa, professora e pesquisadora do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Andréa Porto Sales, enfrenta um “limbo” regulatório. Ela explica que a Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana de João Pessoa (Semob-JP) considera o serviço ilegal e realiza fiscalizações e autuações.

Dados da Secretaria Nacional de Trânsito e do portal Cidades, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que, em julho de 2023, João Pessoa possuía 126.733 motocicletas em circulação — um aumento de 47% em relação a 2013, quando eram 86.219. De acordo com Andréa, esse crescimento é resultado de uma combinação de fatores: a busca por alternativas ao transporte público, vantagens em cus-



Segundo especialista, a maior parte daqueles que utilizam o serviço são os trabalhadores que saem da Zona Sul ou da Região Metropolitana para o Centro da capital

to e tempo, e a possibilidade de gerar renda por meio do transporte de pessoas e mercadorias.

A escolha do modal de transporte em João Pessoa envolve fatores geográficos e de classe. De acordo com Andréa Porto Sales, a análise dos fluxos de deslocamento revela um padrão claro: uma grande massa de trabalhadores sai diariamente da zona Sul e de cidades-dormitório da Região Metropolitana, como Bayeux e Santa Rita, em direção às zonas Central e Norte da capital, onde concentram-se os empregos e serviços.

A geógrafa destaca que a redução de linhas, a superlotação e as tarifas consideradas altas são reclamações frequentes entre usuários do transporte coletivo. Nas áreas mais afastadas do Centro, como a Zona Sul, a falta de confiabilidade do sistema público de transporte reforça a percepção de ineficiên-



cia. Nesse contexto, a agilidade das motos para escapar de congestionamentos representa ganho de tempo e, para muitos, também retorno financeiro.

A pesquisadora ainda explica que o aumento no número de motocicletas e na circulação de passageiros por aplicativo não é causa, mas consequência direta dos problemas de mobilidade. Para ela, trata-se de uma resposta da população à busca por eficiência, economia e pelo di-

reito de ir e vir — algo que o transporte público não tem garantido de forma satisfatória. “Criminalizar ou ignorar a presença massiva deste meio de transporte é fechar os olhos para uma realidade consolidada e para as necessidades de milhares de cidadãos que dele dependem”, argumenta a especialista.

O planejamento urbano, segundo Andréa, precisa incorporar o espaço da moto de forma inteligente e segura, o que passa pela regulamenta-

ção da atividade de mototáxi e pela criação de infraestrutura adequada. Ela cita campanhas de educação no trânsito e até a possibilidade de permitir a circulação de motos em faixas exclusivas de ônibus, como já foi proposto na Câmara Municipal.

A normatização do transporte de encomendas em motocicletas, lambretas, motonetas e similares em João Pessoa é regida pela Lei Municipal nº 8.210, de 1997, que proíbe, em seu artigo 3º, o

transporte remunerado de passageiros. Sem atualização dessa regulamentação, a atividade de mototáxi na capital funciona atualmente por força de liminar judicial obtida em ação coletiva. De acordo com a Semob-JP, continuam valendo as fiscalizações das regras de trânsito aplicáveis a qualquer veículo do tipo, enquanto questões relacionadas à relação entre passageiro e transportador ficam sob responsabilidade dos aplicativos.

Agilidade e economia atraem, mas índice de acidentes preocupa

O transporte por aplicativo, que reúne motoristas de carros e, mais recentemente, de motos, já se consolidou como opção de locomoção nas cidades brasileiras. Segundo dados do módulo “Teletrabalho e Trabalho por Meio de Plataformas Digitais” da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), em 2022 o Brasil contabilizava 1,5 milhão de pessoas atuando por meio de plataformas digitais e aplicativos de serviços. Desse total, 52,2% — o equivalente a 778 mil trabalhadores — tinham como atividade principal o transporte de passageiros por aplicativo.

Pelo menos uma vez por dia útil, a arquiteta Camila Marcelino de Almeida utiliza o transporte por moto em aplicativo. Recém-formada, atua como atendente em uma empresa de telemarketing pela manhã e, no turno da tarde, como arquiteta e urbanista em um escritório. “O deslocamento até o trabalho matinal, no bairro José Américo, é feito com o Uber Moto, que, vez ou outra, também me leva ao segundo local de trabalho, no Altiplano”, relata.

Para Camila, a necessidade diária de percorrer extensas distâncias é um fator determinante na escolha do meio de locomoção. “Acabei me rendendo, pelo preço, praticidade, e por ser mais fácil que as corridas sejam aceitas em menos tempo. Normalmente, utilizo mais para ir trabalhar. Em outros momentos de lazer e passeios, eu prefiro o carro por aplicativo, ou o ônibus”, conta.

Apesar de considerar o serviço eficiente para o dia a dia, Camila admite desconforto com o uso frequente de motocicletas por aplicativo. “Honestamente, me sinto bastante insegura. Se tivesse opção, preferiria o carro ou o transporte público, pois tenho ouvido, cada vez mais, relatos de acidentes”, afirma.

Alternativa ao coletivo

Usuária também do transporte coletivo, ela aponta a falta de integração entre as linhas de ônibus como um problema recorrente. “As rotas mais afetadas são aquelas em que, para chegar a um bairro, é preciso pegar mais de um ônibus ou esperar muito tempo por determinada linha. Soma-se



No primeiro semestre, 78,5% dos casos de acidentes no Hospital de Trauma envolveram motos

a isso a insegurança nas paradas e a falta de iluminação noturna em alguns pontos”, acrescenta.

Segundo a Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana de João Pessoa (Semob-JP), o Sistema de Transporte Coletivo Convencional conta atualmente com 79 linhas, dois mil pontos de parada e uma frota de 482 veículos, com idade média de 6,4 anos. A média mensal de passageiros transportados é de 4.441.452, e a tarifa atual é de R\$ 5,20.

Para o diretor institucional do Sindicato das Empresas de Transporte Cole-

tivo Urbano de Passageiros no Município de João Pessoa (Sintur-JP), Isaac Júnior Moreira, a valorização do transporte coletivo é essencial para melhorar a mobilidade. “Ele é a alternativa mais ecológica e ambientalmente aceitável. Por transportar mais pessoas por viagem, polui menos e, ao retirar veículos das vias, contribui para que o trânsito flua melhor. João Pessoa possui hoje a terceira frota mais nova de toda a Região Nordeste”, relata Isaac.

A ilustradora Rayane Braga informa que, no auge, costumava utilizar o trans-

porte por moto em aplicativo até nove ou 10 vezes por semana, especialmente para ir ao trabalho. “Passei a usar com mais frequência no fim do ano passado, quando comecei a trabalhar perto de casa. O valor era mais baixo que a passagem de ônibus, compensava financeiramente e eu chegava mais rápido no local. Era mais cômodo e prático. Também usava em trajetos curtos, sobretudo para ir visitar amigas”, conta.

Perigo

A percepção de insegurança, no entanto, cres-

ce diante dos números de acidentes. No primeiro semestre deste ano, 78,5% dos atendimentos por acidentes de trânsito no Hospital de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena envolveram motociclistas. Do primeiro semestre de 2022 ao mesmo período de 2025, os casos aumentaram de 3.779 para 4.792. De acordo com o Relatório Anual da Coordenação do Registro Nacional de Acidentes e Estatísticas de Trânsito (Renaest), do Detran-PB, em 2024, 77,9% dos acidentes letais na Paraíba tiveram como vítimas ocupantes de motocicletas.

A preocupação com a segurança também alterou hábitos. Rayane afirma que evitava a moto quando o trajeto incluía rodovias. “Alguns amigos próximos sofreram acidentes, mesmo em percursos curtos, e isso me deixou em alerta. Utilizava a moto nesses trajetos, mas hoje tenho preferido o carro, que me dá maior sensação de segurança. Também recorro ao transporte público para ir ao trabalho, pois me sinto mais tranquila andando de ônibus, um tipo de veículo muito mais seguro”, relata.

PERSEGUIÇÃO REITERADA

Casos de *stalking* crescem mais de 50% na Paraíba

Anuário de Segurança Pública de 2025 também aponta aumento nacional de ocorrências contra mulheres

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Alvo de perseguição persistente, presencial e virtual, a pessoa atingida pelo *stalking* passa a conviver com o receio iminente da ação do agressor — contexto que pode gerar danos à saúde mental, como ansiedade, síndrome do pânico, depressão e estresse pós-traumático. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2025 apontou um aumento expressivo no número de casos registrados contra mulheres, em 2024: a taxa cresceu 18,2% em relação ao ano anterior. Na Paraíba, houve 1.414 ocorrências, em 2024, um salto de 51,3% na comparação com 2023, quando foram 930 registros.

Reação

Segundo a delegada, salto pode estar relacionado a um maior acesso à informação sobre o crime, tipificado em 2021, facilitando seu reconhecimento por parte dos alvos

De acordo com o levantamento nacional, o país totalizou, no período, 95.026 casos de mulheres vítimas desse tipo de violência, o que corresponde, aproximadamente,

a 10 alvos de perseguição por hora. A delegada de Polícia Civil e coordenadora das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (Deams) da Paraíba, Maria Sileide de Azevedo, avalia que o aumento pode estar relacionado a um maior acesso à informação sobre o crime, que foi tipificado há alguns anos. “Estamos vendo uma redução na subnotificação de casos: denúncias de situações que existiam, mas, antes, permaneciam sem registro. Muitas vítimas, que antes não sabiam como nomear ou denunciar esse comportamento, agora conseguem reconhecer o *stalking* como um crime e procurar ajuda”, afirma a delegada.

Representando um avanço na proteção da privacidade



de e da segurança individual, a Lei Federal nº 14.132/2021 categorizou essa prática abusiva no ordenamento jurídico brasileiro. Conforme a legislação, o *stalking* caracteriza-se quando alguém persiste

em vigiar, seguir, ameaçar ou invadir a privacidade de uma pessoa de forma contínua, ameaçando a integridade física ou psicológica e causando medo, angústia ou constrangimento. “A fa-

cilidade de acesso a informações, inclusive de localização, no meio digital, viabiliza a rastreabilidade da vida pessoal da vítima, sobretudo por meio das redes sociais”, explica Maria Sileide.

Situação provoca medo e afeta a liberdade

Identificar o *stalking* é o primeiro passo para proteger-se e tomar as medidas legais adequadas. Isso, contudo, nem sempre é fácil, já que o crime não precisa ser fisicamente violento. “Pode iniciar como uma justificativa de cuidado, parecendo inofensiva, mas tende a evoluir, afetando, diretamente, a liberdade e a tranquilidade emocional da vítima”, exemplifica a delegada Maria Sileide.

A presença constante e indesejada do agressor (ou *stalker*) nos mesmos locais que a vítima frequenta; o envio repetitivo de mensagens, liga-

ções ou *e-mails*; o monitoramento da rotina ou das redes sociais; e até o aparecimento inesperado na moradia ou no local de trabalho do alvo estão entre os comportamentos manifestados nesses casos. “Um sinal de alerta é quando a insistência provoca medo, afeta a liberdade da mulher ou altera seu comportamento, por receio de ser seguida ou vigiada. Assim, a repetição da conduta e a perturbação da liberdade, da privacidade ou da segurança da vítima configuram o crime”, descreve a coordenadora das Deams.

Outro ponto importante a

ser considerado é a vivência da vítima em ciclos de violência doméstica e relações abusivas. “É relevante ressaltar que os ex-companheiros representam a maioria dos casos de *stalking* registrados, já que muitos agressores não aceitam o fim do relacionamento e passam a perseguir a vítima, como forma de controle ou punição”, salienta a delegada.

A pena por *stalking* é de reclusão, por um período de seis meses a dois anos, e multa, podendo ser aumentada em 50%, quando o crime for cometido contra mulheres,

crianças, idosos, pessoas com deficiência ou com o uso de armas. Nesses casos, também podem ser concedidas medidas protetivas, com a proibição de contato e de aproximação da vítima por parte do *stalker*.

Denúncia

Mensagens, *e-mails*, *prints* de conversas virtuais, gravações de chamadas e registros de aparições inesperadas do agressor constituem evidências que podem ser reunidas pela vítima para denunciar o *stalking*. A mobilização de testemunhas também pode reforçar a acusação, e o registro de um Boletim de Ocorrência (B.O.) possibilita a investigação do caso e, consequentemente, a determinação das medidas judiciais aplicáveis.

Para isso, a vítima pode dirigir-se a qualquer uma das 21 Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher no estado, em municípios como João Pessoa, Campina Grande, Bayeux, Cabedelo, Santa Rita, Alhandra, Guarabira, Patos, Sousa, Monteiro, Esperança, Itaporanga, Picuí, Queimadas e Cajazeiras. Em localidades que não dispõem de uma Deam, as delegacias municipais devem ser procuradas. É possível, ainda, registrar o B.O. por meio da Delegacia On-line (<https://delegaciaonline.pb.gov.br/>), na qual podem ser solicitadas, inclusive, medidas protetivas de urgência, com ou sem representação criminal.

Qualquer pessoa pode denunciar violências do tipo, anonimamente, por meio dos telefones 180 (Central de Atendimento à Mulher) ou 197 (Polícia Civil). Caso a agressão esteja em curso, deve-se ligar para o número 190, a fim de que a Polícia Militar realize uma intervenção imediata, efetuando a prisão em flagrante, caso seja possível localizar o agressor.

Vítima fica vulnerável a transtornos mentais

Como reforça Stive Ferreira Lima, especialista em Psicologia da Saúde e psicólogo do Centro de Referência dos Direitos LGBTQIAPNB+ de Campina Grande, o padrão obsessivo, persistente e indesejado do *stalking* ameaça a integridade física e psicológica de seu alvo. “Diante desse comportamento nocivo, a vítima pode sofrer consequências que vão desde medo e desconforto até o desenvolvimento de transtornos mentais. Em casos mais graves, pode até colocar a própria vida em risco”, aponta.

Segundo o psicólogo, o *stalker* provoca na vítima um sentimento persecutório, mantendo-a em estado de alerta constante e sob sensação contínua de ameaça, o que gera estresse, dificuldade para relaxar e problemas de sono. “A longo prazo, isso pode comprometer a saúde mental, favorecendo o surgimento de distúrbios mais graves, como depressão, síndrome do pânico e ansiedade generalizada. É importante estar atento aos sinais como alterações no padrão de sono, mudanças de humor, distúrbios alimentares e isolamento social”, alerta Stive.

Por isso, conforme ressalta o especialista, o acompanhamento psicológico e o tratamento adequado são fundamentais para minimizar os danos emocionais causados por essa forma de violência e perseguição sistemática. “A psicoterapia, por exemplo, é uma ferramenta essencial para lidar com o trauma e os impactos emocionais. Evite minimizar o problema ou se culpar, o *stalking* é responsabilidade exclusiva de quem o pratica e a vítima nunca tem culpa”, recomenda Stive.

Além disso, é comum que amigos e familiares do alvo de *stalking* considerem seu temor como exagerado ou pas-

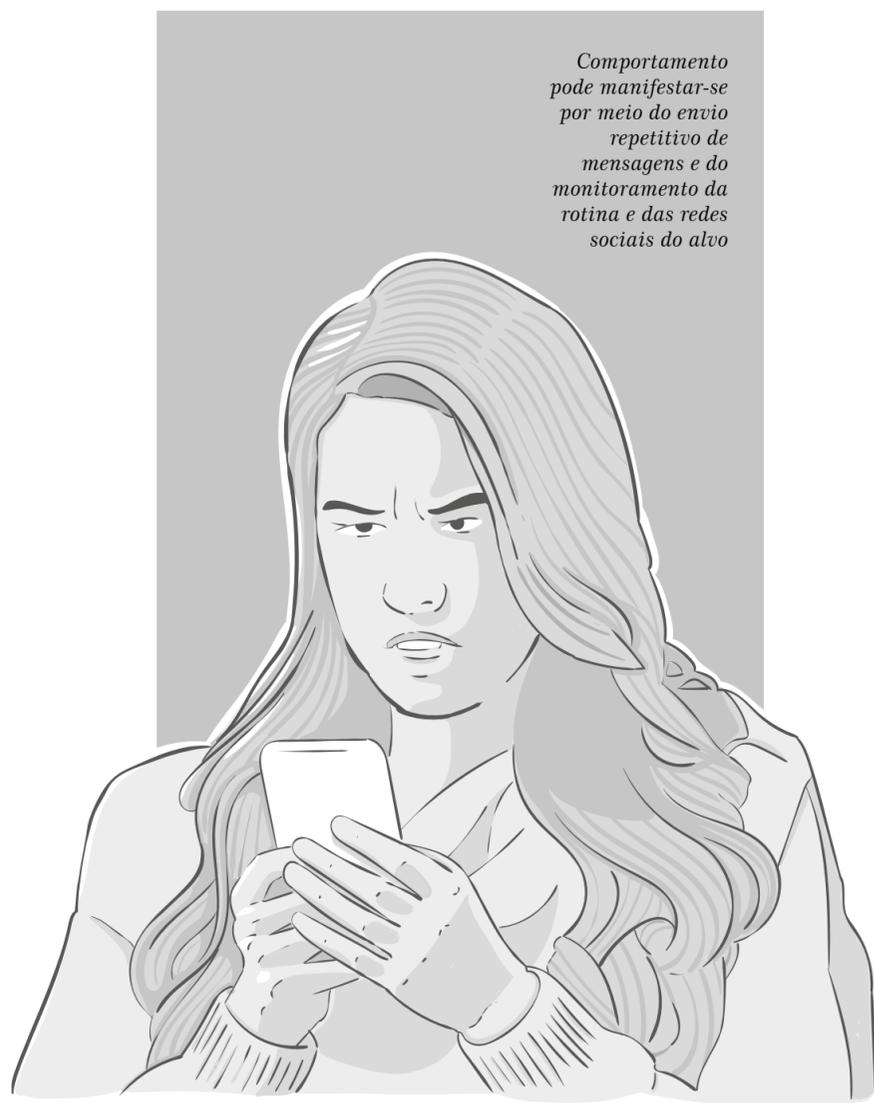
sageiro. No entanto, um *stalker* pode perseguir sua vítima por períodos que variam, em média, de dois a cinco anos. “É essencial explicar claramente o que está acontecendo, mostrando registros, locais e datas dos episódios de perseguição. Uma das atitudes mais importantes é não enfrentar tudo sozinha: buscar uma rede de apoio e contar com pessoas próximas pode aumentar a segurança e fortalecer o amparo emocional”, orienta o psicólogo.

Stive enfatiza a importância de também acionar o sistema de amparo formal dedicado a esses casos, como a Defensoria Pública, serviços de assistência psicológica e autoridades policiais, incluindo, no caso das mulheres, as delegacias especializadas e os Centros de Referência da Mulher. “Recorrer a esses serviços é essencial porque, ao contrário do apoio apenas de amigos, familiares ou vizinhos, envolve instituições e profissionais capacitados, que podem oferecer proteção, orientação jurídica e acolhimento psicológico, seguindo a legislação e os protocolos de segurança”, conclui o especialista.

“

Buscar uma rede de apoio e contar com pessoas próximas pode fortalecer o amparo emocional

Stive Ferreira



CAMINHOS DO FRIO

Rota cultural retorna às origens

Festival itinerante desembarca, amanhã, em Bananeiras; município sediou a primeira edição do evento, em 2006

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

A Rota Cultural Caminhos do Frio retorna às suas origens a partir de amanhã. Localizado na Serra da Borborema, a 136 km de João Pessoa e a 70 km de Campina Grande, Bananeiras foi o primeiro município a integrar o festival itinerante do Brejo, em sua edição inaugural, realizada em 2006. Inicialmente, o evento concentrava-se apenas nessa cidade, mas, desde então, cresceu e expandiu-se significativamente. O roteiro engloba, atualmente, 10 localidades, sendo promovido pelo Fórum de Turismo Sustentável do Brejo Paraibano (FTSBP), com o apoio do Governo da Paraíba, do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no estado (Sebrae-PB) e das prefeituras dos municípios participantes.

Bananeiras é a oitava parada do Caminhos do Frio de 2025, que traz o tema “Celebrando os Povos Tradicionais”. Em sua 18ª edição, o circuito teve início no fim de junho, no município de Areia, e já passou pelas cidades de Pilões, Matinhas, Solânea, Serraria, Borborema e Remígio, com novas etapas previstas em Alagoa Grande (de 25 a 31 de agosto) e Alagoa Nova (1ª a 7 de setembro).

Mais uma vez, a programação musical é destaque na semana do tradicional projeto turístico no Brejo: até o próximo dia 24, Bananeiras sediará apresentações de artistas de renome nacional, como os cantores Nando Reis, Marcelo Falcão e Latino. Mas a agenda festiva em Bananeiras oferecerá muito mais além de música: atrações culturais, artísticas e gastronômicas também farão parte das atividades. A proposta do Caminhos do Frio, afinal, é convidar visitantes e moradores das ci-

dades-sedes para uma celebração da cultura regional, divulgando as belezas naturais e riquezas históricas e fomentando a economia.

“O festival oferece experiências culturais completas, valorizando o patrimônio e a produção local, com atividades para todas as idades”, observou Karina Leon, secretária de Turismo de Bananeiras. Ela salientou que, com seu desenvolvimento contínuo, ao longo dos últimos anos, a programação do festival tem se tornado cada vez mais intensa e diversa, oferecendo oficinas, exposições, espetáculos teatrais e feiras de artesanato e de culinária.

O clima serrano, o charme colonial e as paisagens encantadoras de Bananeiras também são um show à parte, transformando a agenda local do Caminhos do Frio em uma ocasião oportuna

para os turistas que buscam dias e noites de lazer, descanso e tranquilidade. O município transformou-se em um destino turístico importante durante o festival, com opções de hospedagem, trilhas, mirantes, cachoeiras e pontos históricos para explorar, como a antiga estação ferroviária e o Túnel da Serra da Viração.

Como não poderia deixar de ser, a expectativa de público para o circuito deste ano na cidade é alta. Na avaliação da secretária municipal de Turismo, essa será uma edição histórica. “O festival promete ser o maior da história de Bananeiras, com uma programação intensa e diversificada, de 18 a 24 de agosto. O evento reunirá grandes nomes da música brasileira, como Nando Reis, Latino, Marcelo Falcão, Atitude 67 e DJ Eme, garantindo shows memoráveis para

aquecer o público nas noites frias de Bananeiras”, ressaltou Karina Leon.

Empenho coletivo

Ainda de acordo com a representante da Prefeitura de Bananeiras, a gestão municipal tem trabalhado junto à própria população da cidade na finalização dos preparativos para a 18ª Rota Cultural Caminhos do Frio. “A Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana (Semob) está focada na organização do trânsito, visando proporcionar uma experiência mais organizada e agradável para os turistas”, pontuou Karina Leon.

Além disso, a secretária de Turismo ressaltou que a infraestrutura de hospedagem da região está pronta para receber os turistas com carinho e acolhimento, dispondo de pousadas, hotéis e casas de

temporada. O comércio bananeirense também se mobiliza para oferecer produtos típicos, peças de artesanato e suvenires ligados ao festival. “A prefeitura e a popula-

ção de Bananeiras estão empenhadas em garantir que o Caminhos do Frio de 2025 seja uma experiência memorável para turistas e moradores”, reforçou.



Até o dia 18 de agosto, o tradicional circuito do Brejo movimenta a cidade com atrações artísticas e gastronômicas; um dos destaques da agenda musical é o cantor Nando Reis, ex-integrante do grupo de rock Titãs e autor de sucessos como “Por Onde Andei” e “O Segundo Sol”

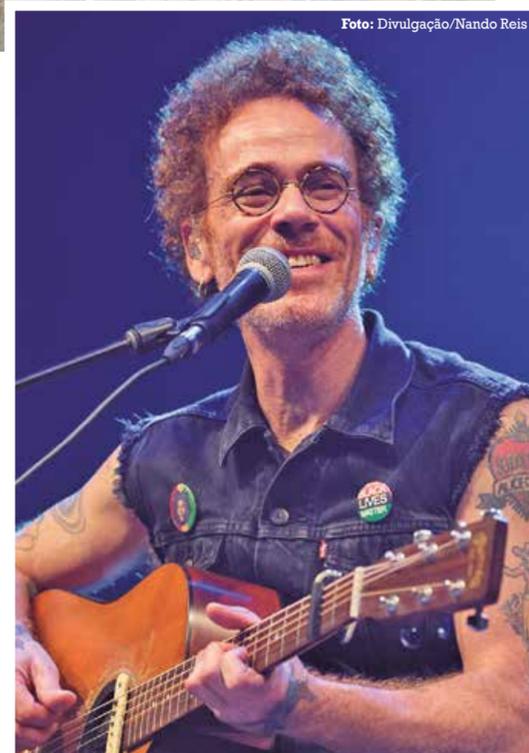


Foto: Divulgação/Nando Reis

Foto: Marco Pimentel/PBTur

Café e cachaça são atrativos dentro e fora da programação

A abertura do Caminhos do Frio em Bananeiras acontece às 19h de amanhã, com uma feira de gastronomia e artesanato. Na próxima terça-feira (19), os visitantes do evento poderão prestigiar apresentações de cultura popular, como o Boi de Reis, e, na quarta-feira (20), por sua vez, o destaque será uma performance teatral de bonecos com o renomado Mestre Clóvis.

Já na quinta-feira (21), logo pela manhã, está previsto um passeio guiado pelos principais pontos turísticos do município

e, à tarde, o público terá a oportunidade de acompanhar o processo de torra do café, com o Núcleo de Estudos em Cafeicultura (Necaf) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – que vem se dedicando a resgatar a tradição da produção cafeeira no Brejo do estado –, além de conferir o show de uma banda de pífano.

Oficinas de argila e de drinks com cachaça integram a agenda de atividades da próxima sexta-feira (22). Mais tarde, às 21h, o festival abre espaço para as

aguardadas apresentações de Nando Reis – ex-integrante da consagrada banda de rock Titãs e conhecido por sucessos como “All Star”, “Por Onde Andei” e “O Segundo Sol” – e Latino – ícone do pop nacional e autor de hits como “Festa no Apê” e “Me Leva”. Na mesma noite, a banda Vintage Glove e o cantor Kelson Kiss também animarão o público.

No sábado (23), a partir do mesmo horário, será a vez de Marcelo Falcão, ex-vocalista do Rappa, subir ao palco do evento

em Bananeiras, após ter cantado na etapa anterior do circuito, em Remígio. A programação musical da noite contará, ainda, com Kevin Ndjuna, DJ Eme e Victor Brizeno. No domingo (24), a banda Atitude 67 e o grupo Pagode do Brás ficarão encarregados de embalar o último dia do Caminhos do Frio na cidade.

Turismo local

Além de participar das ações oferecidas pela variada agenda em Bananeiras, os visitantes poderão aproveitar a passagem para conhecer diferentes atrativos turísticos locais, como o En-

genho Goiamunduba, polo de produção da Cachaça Rainha, marca familiar para quem já celebrou o São João na cidade ou aprecia a produção paraibana da tradicional bebida alcoólica. No estabelecimento, é possível testemunhar de perto as etapas de fabricação do produto.

Outro popular ponto de visitação é a antiga estação ferroviária de Bananeiras, inaugurada em 1925. Atualmente, o espaço abriga uma pousada, um restaurante e o Museu da Cidade, tendo seu conjunto arquitetônico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico

do Estado da Paraíba (Iphaep). O também famoso Túnel da Serra da Viração foi erguido por volta da mesma época da estação, com o objetivo de permitir a passagem do trem na região, e tornou-se, igualmente, uma atração turística bastante visitada.

Vale passear, ainda, pela Praça Epitácio Pessoa, ponto de encontro de turistas e moradores, no Centro do município, contando sempre com ornamentações que chamam atenção em datas festivas – além das esculturas de três bananas, monumento que faz alusão ao nome da cidade.



Foto: Teresa Duarte

A antiga estação ferroviária do município abriga uma pousada, um restaurante e um museu

Saiba Mais

Bananeiras já foi uma gigante no mercado do café. Em torno de 1852, sua produção cafeeira rivalizava com a de São Paulo e chegou a render um milhão de sacas colhidas anualmente. A cidade do Brejo era a maior produtora do grão na Paraíba e a segunda no Nordeste. O problema encontrado pela população local, à época, era o transporte da mercadoria, já que o trem chegou à região somente 72 anos depois.

As antigas edificações do município são indicativos desse passado de grande fartura, no qual famílias da localidade ganharam bastante dinheiro com a cafeicultura. Hoje, é possível encantar-se com a arquitetura preservada desses tempos, que ostenta características reminiscências do período colonial.

O nome da cidade, aliás, faz referência a uma outra riqueza natural: deriva das abundantes “pacoveiras”, bananeiras rústicas encontradas na localidade quando de sua fundação, marcando, assim, a identidade do município.

MÚSICA

O retorno de Benito di Paula

O cantor, que já morou em João Pessoa, fala sobre sua volta à cidade para um show hoje, no Teatro Pedra do Reino

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

“Osso duro de roer”. Uma das faixas mais conhecidas de Benito di Paula resume a personalidade do compositor e intérprete que lutou para consolidar-se como um dos maiores nomes de nossa música — mesmo com algumas disposições em contrário. Numa conversa exclusiva com *A União*, ele comentou lances dos seus 83 anos de vida — mais de 60 deles dedicados à arte. O artista retornará a João Pessoa para um show hoje, às 19h, no Teatro Pedra do Reino (Polo Turístico do Cabo Branco). Ele estará acompanhado do filho, Rodrigo Vellozzo. Os bilhetes estão disponíveis no *site* Ingresso Digital, a partir de R\$ 90.

Benito chegou a anunciar uma aposentadoria dos palcos, no ano passado, mas, por hora, segue com a turnê *Do Jeito que a Vida Quer*, na companhia de Rodrigo, ao lado de quem lançou, recentemente, uma nova versão do sucesso “Amigo do Sol, Amigo da Lua”. Ele quebrou um jejum de entrevistas para confirmar a “lenda” de que teria vivido em um imponente imóvel no bairro de Cruz das Armas, em João Pessoa, apelidado de “castelinho”.

“Sim, morei aí no ano 2000 e meu filho também. Inclusive, ele tirou a carteira de motorista na Paraíba. É um lugar que guardo na memória com muito carinho e que sempre rende boas histórias”, destaca.

Os caminhos que o levaram à capital paraibana tiveram origem em Nova Friburgo, município do Rio de Janeiro. De família humilde, deu seus

ONDE:

■ TEATRO PEDRA DO REINO (Centro de Convenções, PB-008, km 5, s/n, Polo Turístico Cabo Branco, João Pessoa).

primeiros passos na música como *crooner* de boates. Sua voz chamou a atenção da gravadora Copacabana, que o contratou como intérprete.

Seu estilo único — as correntes e os brincos que contrastavam com os finíssimos paletós — traziam ao público sua origem cigana. “No início, houve certo estranhamento. Alguns achavam ousado demais para a época, diziam que poderiam ‘distrair’ do que eu fazia como músico. Mas, para mim, sempre foram um símbolo do meu trabalho”, justifica.

Do alto de sua experiência, Benito afirma que não para de aprender, nos palcos, com o filho Rodrigo. Este tem no pai um super-herói, mas afirma que a dinâmica dos shows acontece da maneira mais orgânica possível.

“Osso duro de roer” foi composta como resposta a segmentos do samba que eram contrários ao seu estilo, nos anos 1970, que incluía elementos do *jazz* e outros ritmos. “No começo, não havia um plano claro de ‘fazer carreira’, mas, sim, a necessidade de me expressar. A certeza de que seria minha profissão veio quando percebi que podia emocionar as pessoas com minhas canções — e essa troca era a maior recompensa que eu poderia ter”, conclui.



Benito di Paula apresenta-se com o filho Rodrigo Vellozzo (abaixo), interpretando sucessos de sua carreira



Por meio do QR Code, acesse o site para compra de ingressos



Fotos: Murilo Alvares/Divulgação

CINCO DISCOS DE BENITO DI PAULA COMENTADOS POR ELE



Foto: Divulgação/Universal

ELA (1972)

Segundo disco de Benito. Chegou às lojas para substituir seu LP de estreia, cassado em razão da regravação da música “Apesar de você”, de Chico Buarque — crítica à Ditadura. Destacam-se a faixa de abertura, “Violão não se empresta a ninguém”, e a canção homônima, que ganhou versão na voz de Jair Rodrigues: “Esse representou, para mim, liberdade. No primeiro disco, ainda havia muitas imposições do mercado e uma tentativa de moldar o meu som. Já com Ela, pude mostrar mais claramente quem eu era como compositor, e isso fortaleceu minha identidade artística”.

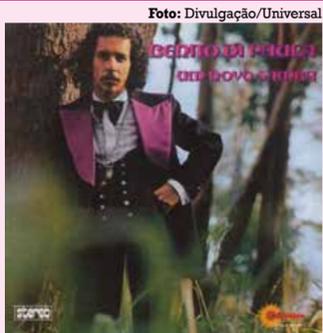


Foto: Divulgação/Universal

UM NOVO SAMBA (1973)

O título ousado desse disco pautava o maior sucesso fonográfico de Benito até então. O maior destaque fica com “Retalhos de cetim”, uma de suas canções-assinatura, que ganhou diversos covers ao longo do tempo. “Se não for amor”, na abertura do LP, também foi imortalizada. A gravadora Copacabana chegou a lançar esse álbum no Chile e na França: “O ‘novo’ era tanto musical quanto conceitual. E, sim, esse adjetivo vinha do piano, dos arranjos e da forma como eu queria dialogar com o samba tradicional. Mas também era uma declaração de que a música podia se reinventar sem perder suas raízes”.

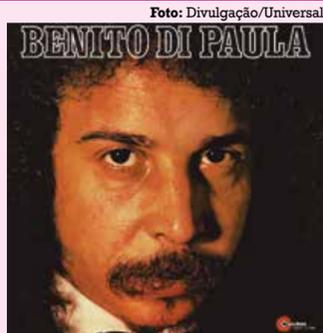


Foto: Divulgação/Universal

BENITO DI PAULA (1977)

Consolidado como intérprete e como compositor (a essa altura, tinha conseguido que Roberto Carlos gravasse duas faixas suas), o artista chegou à segunda metade da década com esse vinil editado em capa dupla. Aqui, Benito obteve êxito com duas “provocações” — “Assobiar e chupar cana” (sobre os atores que se lançavam cantores e vice-versa) e “Osso duro de roer” (“Estão querendo tirar meu nome do samba...”): “Houve reações, sim, mas nunca me preocupei em alimentar polêmicas. Essas canções eram o meu jeito de colocar para fora sentimentos e situações que eu vivia na época”.

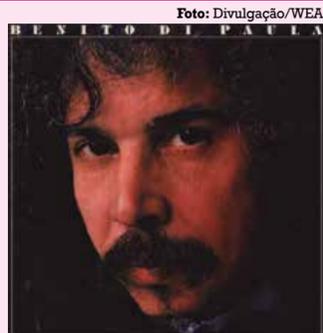


Foto: Divulgação/WEA

BENITO DI PAULA (1981)

Após mais de uma década de contrato com a Copacabana, Benito trocou de gravadora, tornando-se contemporâneo, neste selo, a nomes como Gilberto Gil e Guilherme Arantes. No disco de estreia na Warner, ampliou seu leque de arranjos, a exemplo do tango “A mulher amada”. Mas o sucesso do LP esteve centrado no clássico “Ah! Como eu amei”: “Eu queria uma canção mais delicada, que deixasse a melodia respirar. Essa nasceu num momento de grande inspiração, e os arranjos foram pensados para valorizar cada palavra, cada pausa. Foi um exercício de simplicidade e emoção”.



Foto: Divulgação/Sony

FAZENDO PAIXÃO (1990)

Benito ficou pouco tempo na Warner e, ao longo dos anos seguintes, mudou de gravadora outras vezes: rumou para a Som Livre, retornou para a Copacabana e iniciou a década de 1990 como artista da RCA (hoje Sony Music); o único disco lançado neste selo foi produzido por Michael Sullivan e logrou êxito com o compacto “Fazendo paixão”, escrito por Carlos Colla e Chico Roque: “Cada mudança teve suas razões. Às vezes, era por buscar mais liberdade artística; outras, por questões contratuais. Sempre procurei estar em lugares onde minha música fosse respeitada e pudesse chegar ao público da melhor forma possível”.

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Socialismo com características chinesas

Do ponto de vista econômico, a China parece ter seguido um caminho que Lênin talvez considerasse herético: ela não apenas amadureceu as forças produtivas sob tutela estatal, mas fez isso incorporando o capital externo e os mecanismos de mercado como motores principais de sua industrialização.

É uma aposta na contradição controlada. O partido não dirige a produção diretamente, mas mantém o monopólio político enquanto libera setores da economia para a lógica do lucro. Isso se afasta tanto do marxismo clássico quanto do leninismo ortodoxo.

Filosoficamente talvez a diferença esteja no modo como a China leu o materialismo histórico. Enquanto Lênin acreditava que a base econômica deveria ser forçada a se desenvolver por uma superestrutura revolucionária, a China parece ter seguido uma lógica inversa: usar o desenvolvimento econômico como forma de consolidar a estabilidade do regime e garantir sua legitimidade, mesmo sem uma revolução proletária tradicional.

Ao contrário do que aconteceu com a URSS e a Rússia, que sofreram com a permanência das elites e tiveram mui-

ta dificuldade em romper com estruturas pré-capitalistas. Talvez o problema maior soviético tenha sido tentar acelerar a história sem base material nem subjetiva consolidada. Mandava-se cosmonautas ao espaço, mas não se conseguia, em certo momento, sustentar um padrão mínimo de vida doméstica, pela fragilidade de sua indústria de bens duráveis e semiduráveis. O que Gramsci chamaria de uma revolução sem hegemonia.

A China, por outro lado, parece ter compreendido que a integração controlada ao mercado global poderia funcionar como uma alavanca histórica. A entrada na Organização Mundial do Comércio e o uso massivo de zonas econômicas especiais mostram um cálculo estratégico: permitir a penetração do capital estrangeiro não para dissolver o poder do Estado, mas para ampliar sua capacidade de planejamento e sua base tributária. O mercado, nesse sentido, torna-se uma ferramenta, não um objetivo final.

Numa visão marxista, podemos dizer que a China encenou uma forma peculiar de “acumulação primitiva” sob gestão socialista. O campesinato foi progressivamente integrado

à economia urbana e industrial, mas não por expropriação caótica, e sim por um processo gradual que manteve a propriedade formal da terra nas mãos do Estado. Isso evitou um colapso social generalizado e preservou a coesão política necessária para sustentar as reformas.

O resultado é uma formação econômico-social em que o crescimento, a modernização tecnológica e a inserção global coexistem com um sistema político centralizado. Se, para o marxismo ortodoxo, o capitalismo é uma etapa a ser superada pela luta proletária, na experiência chinesa ele é um instrumento a ser domesticado e incorporado ao projeto nacional.

Assim, a estratégia econômica chinesa não apenas desafia as leituras tradicionais do marxismo como também oferece um exemplo histórico de como as categorias marxistas podem ser reinterpretadas em função de circunstâncias específicas. A contradição entre capital e socialismo, longe de ser eliminada, é mantida como força central. O que nos leva a pensar que essa tensão é a chave para longevidade e energia do socialismo com características chinesas.

Estética e Existência

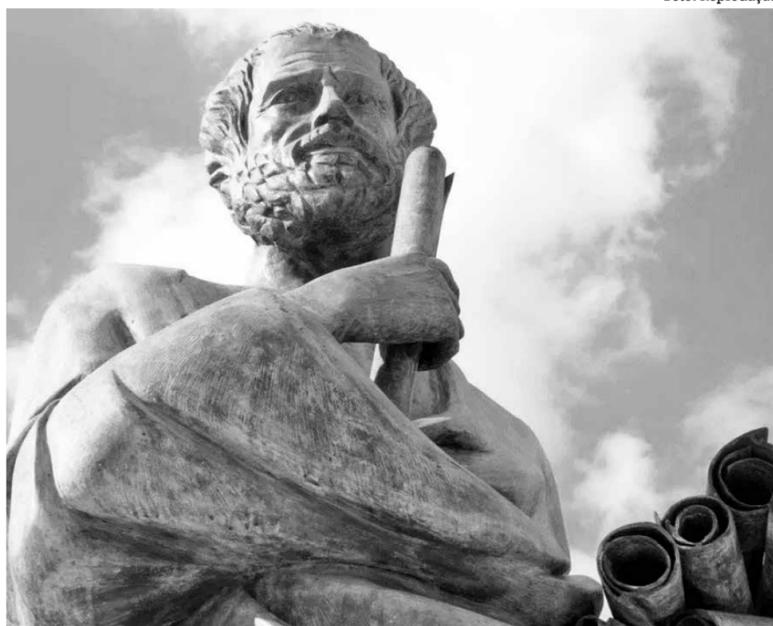
Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Virtude e política em Aristóteles

A *Ética a Nicômaco*, escrita entre 340 e 335 a.C. pelo filósofo grego Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), permanece sendo um dos fundamentos do pensamento ocidental. Nela, o pensador analisa a natureza da moralidade, da virtude e do bem. A obra é organizada em dez livros e visa investigar como os seres humanos podem construir o bem-estar por meio da prática da virtude. O título faz referência a seu filho, Nicômaco.

Aristóteles considera que o objetivo final da vida humana é alcançar a felicidade. Para ele, essa finalidade se concretiza ao longo de uma vida inteira dedicada ao bem. Isso depende de viver de acordo com a razão e desenvolver as virtudes. A razão aristotélica é o que distingue os seres humanos dos outros animais, e a virtude consiste na excelência do exercício da racionalidade, tanto nas ações quanto nas emoções. Para isso, o “justo meio” ou “meio-termo” é o fundamento de sua ética. A virtude é o equilíbrio adequado entre dois extremos, que são os vícios. Por exemplo, a coragem é a virtude que está entre a bravura e a covardia. Portanto, as virtudes representam um equilíbrio relativo ao contexto e à situação. O equilíbrio (“meio-termo”) é, assim, uma questão prática que depende da experiência e do julgamento ético de cada pessoa. Aristóteles defende que a virtude é uma disposição adquirida, desenvolvida pela repetição de atos virtuosos, ou seja, trata-se de uma prática contínua.

Uma das contribuições mais influentes da *Ética a Nicômaco* à ética ocidental é a tese da sabedoria prática. Aristóteles sustenta que, para alcançar o justo meio e viver de acordo com a virtude, é necessário um julgamento prático, que não se baseia em regras universais, mas na deliberação cuidadosa e no discernimento das circunstâncias particulares. A razão prática não é apenas teórica, mas orientada para a ação e para a tomada de decisões corretas, levando em consideração o bem-estar coletivo e o contexto específico de cada situação. Essa sabedoria se distingue da razão teórica, que busca o conhecimento universal e absoluto, sendo mais relevante para o comportamento cotidiano e as escolhas morais que uma pessoa realiza.



Estátua do filósofo na Universidade Aristóteles de Salônica, na Grécia, de Tilemahos Efthimiadis

Aristóteles também diferencia os tipos de vida que os seres humanos podem escolher. Uma de suas discussões importantes na *Ética a Nicômaco* é sobre a relação entre a “vida contemplativa” (dedicada ao conhecimento e à filosofia) e a “vida ativa” (voltada para as relações sociais, políticas e ações práticas). Para o pensador, embora a vida contemplativa seja a forma mais excelente de existência — pois busca o conhecimento em si e a verdade universal — a vida ativa também possui grande relevância, pois envolve a interação com os outros e a busca pelo bem comum. Assim, a felicidade, em seu entendimento, é mais plenamente realizada por aqueles que conseguem cultivar tanto a vida contemplativa quanto a vida ativa, combinando razão e ação de maneira harmônica.

A vida virtuosa em comunidade, na ética aristotélica, está fusionada à sua concepção política. Aristóteles vê o ser humano como um ser político e defende que a virtude e a felicidade não podem ser plenamente alcançadas sem a participação na vida comunitária. A boa sociedade é aquela que permite que os indivíduos pratiquem as virtudes e se relacionem de acordo com a razão. Ele argumenta que as leis e as instituições políticas devem ser orientadas para tornar acessível a convivên-

cia virtuosa entre os cidadãos, pois a política tem a função determinante de criar as condições necessárias para que a felicidade coletiva seja possível, promovendo a participação de todos e o bem comum.

A *Ética a Nicômaco* é uma reflexão sobre moralidade, virtude e felicidade. Para Aristóteles, a vida saudável não depende de prazeres momentâneos ou bens materiais, mas da prática constante da virtude, do uso da razão e do equilíbrio moral. A felicidade realiza-se nas relações de respeito com os outros. Sua concepção de virtude como justo meio continua a influenciar a filosofia moral, oferecendo uma abordagem fundamentada para o bem-estar individual e coletivo.

Sinta-se convidado à audição do 532º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 17, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante a transmissão, comentarei algumas obras do compositor austríaco Johann Nepomuk Hummel (1778-1837). Sua produção musical revela uma sensibilidade estética que, de certo modo, emprega a prudência para resolver tensões sociais presentes em seu tempo.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Nelson ainda choca

Como Nelson Rodrigues virou repórter? O pai dele, Mário Rodrigues (1885-1930), criou o jornal *A Manhã*, em 1925, no Rio de Janeiro. Quando tinha 14 anos, ele começou a trabalhar com o pai e se tornou repórter policial. Antes, em 1919, ingressou na Escola Prudente de Moraes e ganhou um concurso de redação. O tema era o adultério. Tá explicado?

Nelson Rodrigues é o autor brasileiro que mais vi do que li. Vi Nelson via Jabor: “Herculano, aqui quem fala é uma morta” — nunca esqueci a voz de Darlene Glória girando no gravador. Eram as primeiras cenas do filme *Toda Nudez Será Castigada*, mas não foi o primeiro espanto no universo rodrigueano. Talvez da educação sensorial.

Como nasci no Sertão, eu escutava meu pai dizer que a filha de um amigo ia casar “na marra”, ou seja, na delegacia. Nem era a moça, mas o rapaz que era obrigado a casar, vítimas do prazer e tragédia, que na linguagem antiga se dizia: “Foi deflorada”.

Na língua portuguesa, deflorar é um verbo, o ato de deflorar, tirar flor; tirar virgindade. Vejam como a língua é rica, mesmo com a palavra em desuso. Hoje não se deflora mais ninguém: conheceu, transou, curtiu, já foi.

Dizendo-se cristão, o autor de *Vestido de Noiva* (1943) rasurou as cartilhas religiosas e estéticas do Brasil moderno. Não que Nelson fosse uma assombração, sanguinário, cruel, mas questionou bulas ideológicas, da esquerda e da direita, no contexto ditatorial dos anos 1970 e 1980. Afirmava ser Marx uma besta. Como mostra as imagens dos mais de 20 filmes baseados em sua obra, o sexo atrapalha o amor. Já pensou? O sexo atrapalhar o amor? Faz sentido.

Bravo. No universo das trevas onde desemboca infinitamente pujante o contraditório dos afetos e das paixões, o autor pernambucano, e não teve outro melhor, encenou o corpo e a alma da classe média suburbana no ato mais provocador (sim, vamos evitar aqui citar as frases de NR).

Nelson dizia que só as mulheres normais gostam de apanhar; afirmava ser preciso paixão até para chupar um picolé. Até nos arredores mais longínquos do planeta, chegou essa nada espantosa afirmação.

Sem beirar o marginal, N. Rodrigues não viveu os anos 1980, que para ele teriam sido inúteis — lembrando que Nelson morreu em dezembro de 1980, no Rio.

Ainda no começo da vida no Rio de Janeiro, em 1929 (Nelson nasceu em 1912), seu irmão, Roberto Rodrigues (1906-1929) — foi assassinado pela escritora Sylvia Seraphim (1902-1936), por causa de uma reportagem sobre seu suposto adultério. Suposto adultério em 1929 é demais... Pois é, cá comigo, perdoa o K por eu não poder te perdoar.

Ninguém escreveu no Brasil como Nelson Rodrigues: contos, romances, crônicas, peças de teatro e o escambau.

Pensando bem, Eros e Prometeu já não são parceiros da nova desordem amorosa, embora o “horóscopo” ainda anuncie o poder das coxas e do fogo — eu li isso num texto do escritor português Valter Hugo Mãe, sobre a oralidade das cachoeiras e os ruídos significantes cheios de desejo e som. Quanta falta faz Nelson Rodrigues...

O que Nelson Rodrigues diria das redes sociais e dos escândalos do picadeiro da política brasileira? Talvez nada... Ou o custo de vida subiu muito.

Nelson e Fernanda

Em 1963, Nelson Rodrigues estreou a primeira telenovela escrita por um ator brasileiro, *Morta sem Espelho*, com Fernanda Montenegro no elenco.

Kapetadas

1 – A inteligência artificial é onde as ciências exatas e as ciências humanas se beijam.

2 – Se fosse para eu ficar calmo, seria sistema calmoso e não nervoso.



O escritor Nelson Rodrigues e a atriz Fernanda Montenegro

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

65 anos de um clássico do cinema paraibano

Lembro bem de duas realizações importantes, quando tento resgatar a trajetória cinematográfica do nosso cinema: *Aruanda* e *O Salário da Morte*. Obras realizadas pelo sempre indicado Linduarte Noronha. O segundo filme, um longa-metragem genuinamente paraibano, em preto & branco, que guarda ainda valores inesquecíveis para todos que fizeram e ainda bancam o nosso “cinema de província”.

Nesses tempos atuais, e lá se vão 65 anos da produção de *Aruanda*, ainda trago comigo uma cópia desse documentário, que representou um dos bons movimentos daquela época, então considerada de Cinema Novo.

Quando do cinquentenário de sua obra maior, havia alguns anos atrás, dei um destaque evocando a realização de *Aruanda* (1960). Porquanto, os bons amigos sempre me serão eternos. E no caso em particular, o artista e confrade de uma obra nunca olvidada. Linduarte, aquele mais parceiro com quem convivemos dando aulas na UFPB, e no nosso dia a dia dos corredores da Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba.

E não sem razão que escrevi, à época, do cinquentenário de *Aruanda*:

“Análogica e curiosamente, lembro que ele começou a existir já com nome de artista. Não apenas porque tenha realizado um dos documentos fílmicos mais revolucionários e emblemáticos de



Foto: Divulgação

Cena de “Aruanda”, de Linduarte Noronha, curta clássico que completa 65 anos em 2025

sua época, e na história dos cinemas paraibano e brasileiro, dando novos ares ao “sonho em celuloide”, mas por ter mesmo um nome que leva a marca da própria arte, literalmente, *Lindu-Arte*.

Arte de nome e também de realização se lembrarmos, por exemplo, duas obras inesquecíveis do cinema paraibano: *Aruanda* (que fiz questão de homenagear numa das cenas do meu filme *Antomarchi* (2010), resgatando a esquina do Cine Rex da época dos anos sessenta) e *O Salário da Morte*, primeiro longa-metragem tido como genuinamente paraibano. Uma obra em preto & branco que guarda valores inesquecíveis para todos os que fazem o nosso cinema”.

Hoje, irmanando-me, mais uma vez, às homenagens que nossa Academia Paraibana de Cinema presta-lhe, como patrono da cadeira número 2, faço também minha deferência ao nosso “prior”, não só pelo seu feito com *Aruanda* — 65 anos de escola de cinema documental, sobretudo no Nordeste brasileiro — mas, certamente, pelas bases técnica e reflexiva por ele utilizadas, em razão dos valores antropológicos, sociológicos e culturais de nosso cinema na/da Parahyba. Mais ainda, em razão de sua destacada memória respeitosa e representativa, que acredito jamais será olvidada. — Para mais “Coisas de Cinema”, acesse: www.alexasantos.com.br.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Gabinete de curiosidades

Também gosto de juntar as coisas. Vejo, nelas, sinais de um estranho idioma que me fala do silêncio, do repouso, da autonomia, da solidão, da beleza. Burrinhos de barro, cavalos de cerâmica, boizinhos de vidro ou de madrepérola ocupam diversos lugares nos corredores de minha casa. Principalmente, nas vagas entre os livros que formam o acervo informe de minha amada biblioteca.

Dizem os sábios que a reunião desses objetos múltiplos constituem a magia interior de um suposto “gabinete de curiosidades” ou de um específico “museu imaginário”. Pois bem: penso que cultivo, a meu modo, a secreta alegria de possuir e organizar essas coisinhas miúdas que me agradam os olhos e me alimentam a alma.

Diria, portanto, que a minha biblioteca, como a de tantos autores, bibliófilos, pesquisadores, pode ser concebida, não somente como a geografia dos livros, mas também como um arquivo singular de pequenos artefatos, divididos entre o calor da inutilidade e os requisitos da beleza.

Não sei se existe alguma conexão semântica entre as pedras que trouxe das margens do Sena e o desespero de Madame Bovary, pois, na estante dos franceses, há uma fileira delas como que pontuando as situações existenciais que o código literário nos oferta, a título de lições de prazer ou como o prazer de uma didática insuperável.

Entre Herman Hesse, Thomas Mann e Goethe, fiz questão de distribuir pedaços arenosos do Muro de Berlim, duas ou três miniaturas de garrafas de cerveja, uma estatueta de Marx que comprei numa tarde de domingo, numa feira de praça, acossado por 4 graus abaixo de zero. A essa época, a Alemanha já reunida!

Não sei se existe alguma lógica implícita nessa mania saborosa de juntar coisinhas dispersas, colocando-as nas estantes a confabular com os livros numa sintaxe que pressupõe, como diria São Tomás de Aquino, integridade, simetria e clareza. Ou seja, as prerrogativas do que se quer perfeito e ao mesmo tempo inútil.

Como amo as pedras mais que tudo, certamente porque elas me moldaram os fios do destino e sacralizam a paisagem de origem, procuro dispô-las em cada recanto que me apetece. Tenho pedrinhas da Holanda, seixos de Londres e muitos exemplares de todas as regiões. Minha pedra em forma de peixe, uma das preferidas, veio da Lagoa de Cuité (PB), assim como me veio da Gruta de Angico (SE), um raro granito que decerto testemunhou a tragédia da morte de Lampião.

Tenho pedras do Canadá, da África do Sul, do Colorado, da Austrália, da Sibéria e muitas advindas do meu reino encantado, o *Sarafim*, a registrarem os pastos inesquecíveis de minha infância em meio ao gado, aos marmeleiros e ao vento.

Não só pedras, mas santinhos de madeira, frasquinhos de perfume, óculos antigos, casinhas de lata, carrinhos de baquelite, chapeuzinhos de couro, chaveiros, canivetes, faquinhas de ponta e muitos bonecos de gesso com efígies de notáveis, como Nietzsche, Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Luís Borges, Eça de Queiroz, Machado de Assis, Lima Barreto, Augusto dos Anjos, Dante Alighiere e tantos mais. Destaco, aqui, a beleza de imagem de Clarice Lispector, com seu jeito enigmático e sedutor qual uma cactácea que ninguém doma nem decifra.

Quero crer que essa mistura de livros e coisas promove um diálogo para lá de socrático. Livros também são coisas. Coisas também são livros. Estas, porque, em certo sentido, nos ensinam, nos educam, nos alargam a imaginação. Aqueles, porque, além das palavras, dos enredos, dos personagens, das ideias e dos conceitos, têm textura, materialidade, figuração, peso e medida. Dá gosto acomodar-se na poltrona e espicar, sem pressa, o copinho de plástico com a flâmula do Flamengo, dividindo o cronicário de José Lins do Rego com o de Nelson Rodrigues. Melhor ainda, no entanto, é conferir, nos mínimos detalhes, a inexplicável relação que se estabelece entre as pequeninas corujas de metal e toda a bibliografia mitológica e esotérica que adquiri ao longo dos anos, na sempre renovada obsessão de um louco colecionador. Desarvorado e sem cura!

Enfim, o melhor desse “gabinete de curiosidades” em que se transformou a minha biblioteca, é reter o infinito dentro do finito e provar que somos mais que uma grafia fisiológica ou um animal triste.

(Em tempo: esta crônica é para Bruno Gaudêncio, que me deu o mote!)

Colunista colaborador



Novo acadêmico toma posse em setembro

A Academia Paraibana de Cinema dará posse ao seu novo acadêmico em 11 de setembro. André Cananéa, jornalista paraibano de cultura, toma posse na vaga de Carlos Aranha, às 9h, na sala Antônio Barreto Neto, sede da entidade, na Unidade Tambaú da Fundação Casa de José Américo. Durante a recepção ao novo confrade, o presidente da APC, prof. João de Lima Gomes, fará a leitura de um termo de posse e um texto alusivo à gestão de Wills Leal à frente da fundação da entidade.

Da parte do novo confrade, haverá a leitura de um texto resgatando o feito de Carlos Aranha como crítico de cinema, animador cultural e jornalista dos mais destacados na produção musical da Paraíba.

EVENTO

Dança é destaque hoje no Festival de Inverno

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

A dança domina o palco do Teatro Municipal Severino Cabral, hoje, no Festival de Inverno de Campina

PROGRAMAÇÃO/ HOJE E AMANHÃ

DOMINGO, 17 DE AGOSTO

Parque Evaldo Cruz

15h – Dança: Batalha All Style de Inverno – CG

17h às 20h – Música: Coletivo do Rock

Teatro Municipal Severino Cabral

20h – Dança: *Segundo G.H.*, Carina Nagib (SP)

20h30 – Dança: *Às Vezes Eu Kahlo*, Geda Cia. de Dança (RS)

SEGUNDA, 18 DE AGOSTO

Miniteatro Paulo Pontes

19h – Cinema: *O Amuleto de Ogum*, de Nelson Pereira dos Santos

Teatro Municipal Severino Cabral

20h – Teatro: *Em Casa de Ferreiro o Espeto É de Ferro*, Cariri Produções Cênicas (CE)

Grande. Dois espetáculos serão apresentados: a bailarina Carina Nagib, de São Paulo, realiza o solo *Segundo G.H.* às 20h; e *Às Vezes Eu Kahlo*, solo de Graziela Silveira, da Geda Cia. de Dança, do Rio Grande do Sul, começa às 20h30.

Pelos títulos, já fica claro que as inspirações dos dois espetáculos são interseções com outras artes. *Segundo G.H.* é uma pesquisa coreográfica baseada na obra de Clarice Lispector, autora do livro *A Paixão Segundo G.H.* É

um trabalho bastante recente da bailarina e coreógrafa, que estreou este mês.

Às *Vezes Eu Kahlo*, por sua vez, inspira-se na artista plástica mexicana Frida Kahlo, figura das mais importantes da arte na América Latina. A coreografia concebida e dirigida pela coreógrafa Maria Waleska van Helden é focada no período após um grave acidente sofrido pela artista, que a deixou paralisada em uma cama e sua luta para superar essa limitação com força e criatividade.

Também hoje, no Parque Evaldo Cruz (Açude Novo) tem atrações à tarde: às 15h, a Batalha All Style de Inverno; e a partir das 17h, uma série

de apresentações do Coletivo do Rock.

A 50ª edição do festival continua amanhã, tendo como destaque a peça cearense *Em Casa de Ferreiro*, o *Espeto É de Ferro*, com o ator Edceu Barboza (veja o quadro nesta página) e ao longo da semana. Todas as atrações têm entrada franca.

ONDE:

■ **TEATRO SEVERINO CABRAL** (Av. Mal. Floriano Peixoto, s/n, Centro, Campina Grande).

■ **PARQUE EVALDO CRUZ** (Açude Novo, Av. Mal. Floriano Peixoto, Centro, Campina Grande).

Foto: Reprodução/Instagram @carina.nagib



Carina Nagib apresenta “Segundo G.H.” (acima) e Graziela Silveira está em “Às Vezes Eu Kahlo” (ao lado)



Foto: Divulgação/ Sabrina Helden

MÚSICA

Três gigantes da Mangueira em livro

Sambistas Nelson Cavaquinho, Cartola e Carlos Cachaca são tema de ensaios de Eliete Eça Negreiros

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Nos anos 1970, o Brasil redescobria a cadência pulsante do samba carioca, que descia do morro aos ventos prosaicos dos versos refinados de Carlos Cachaca (1902-1999), Cartola (1908-1980) e Nelson Cavaquinho (1911-1986), projetados pelas vozes potentes de intérpretes como Gal Costa, que gravou “Acontece” (de Cartola), e Nara Leão, com “O Sol Nascerá” (parceira entre Cartola e Elton Medeiros). O trio protagoniza o livro *Caminho da Existência* – Nelson Cavaquinho & Cartola & Carlos Cachaca (Edições Sesc, 212 páginas, R\$ 75).

“Esses sambistas têm uma força arrebatadora. Suas canções são verdadeiras iluminações, elas nos ensinam sobre o mundo e sobre nós mesmos. Uma expressão poética e musical altamente refinada. São filósofos populares que nos ensi-

nam a lidar com os reveses da vida”, diz a intérprete e pesquisadora musical Eliete Eça Negreiros, autora do livro.

O cavaquinista, que nasceu no bairro da Tijuca e se mudou para o Morro da Mangueira em 1952, é abordado no primeiro dos três ensaios que equilibram os bambas. Em “O samba de Nelson Cavaquinho — amor, sofrimento e morte”, Eliete aponta o caminho trágico traçado pelas letras do compositor, ancorada em pensadores de perspectiva distal, como Sêneca (4 a.C.-65) e Simone de Beauvoir (1908-1986), filóso-

fos de predileção da autora.

Nem tanto às rosas, nem aos moínhos que trituram sonhos, “Cartola — samba, delicadeza e amor” debruça-se com lucidez sobre os passos de Angelino de Oliveira, um dos fundadores da Estação Primeira de Mangueira em abril de 1928. E o parceiro constante de Cartola, também morador do Morro da Mangueira, Carlos Cachaca, encontra menção honrosa em “Os sambas de Carlos Cachaca — o caminho da existência”, último capítulo da obra.

A escolha do título do livro foi consequência da aproxima-

ção temática entre as canções. “As coisas foram acontecendo aos poucos, as canções se encontrando, dialogando entre si. Percebi o aspecto filosófico dos três e a temática da condi-

ção humana — vida, amor, alegria, sofrimento, morte” esclarece a autora.

A identificação entre o poema *Caminho da Existência*, escrito por Cachaca em 1930, e o conjunto da obra dos sambistas foi determinante. Como intérprete, Eliete afirma ser natural analisar composições distintas: “Alvorada” (composta por Cartola, Carlos Cachaca e Hermínio Bello de Carvalho), por exemplo, é um louvor à vida, enquanto “Não quero mais amar a ninguém”

(de Cachaca, Zé da Zilda e Cartola) expressa desalento e desamparo.

Para ela, a filosofia presente nessas obras dialoga com o estoicismo. “Tem um aspecto de resistência à dor, aceitação do destino, valorização dos sentimentos e ideias. Há uma frase do Nelson Cavaquinho que resume esta força da vida diante do sofrimento: ‘Feliz aquele que sabe sofrer’”, ressalta.

O livro, concebido para ser lido como um mergulho na obra dos sambistas e como um modo de refletir sobre a vida, atesta a forma como os sambistas provocavam a reflexão em suas canções. Na avaliação da autora, a música de Cartola, Nelson Cavaquinho e Carlos Cachaca carrega ensinamentos que não se encontram em instituições de ensino ou obras acadêmicas. “É lição de sabedoria que não se aprende na escola nem nos livros, mas, sim, no caminho da existência”, conclui.

Nelson Cavaquinho,
Cartola e Carlos Cachaca:
trio sublime da Mangueira

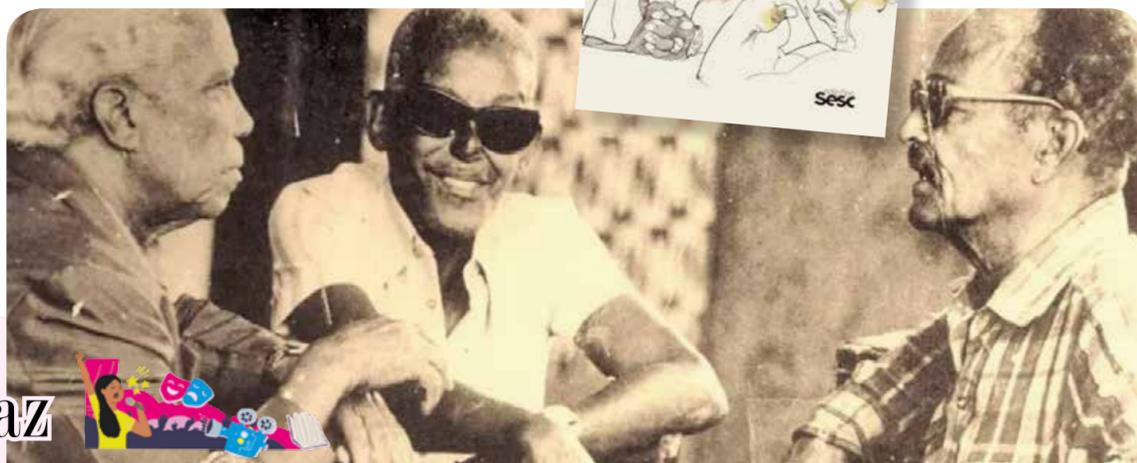


Foto: Reprodução/YouTube

Em Cartaz

Cinema

Programação de 14 a 20 de agosto, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

OS CARAS MALVADOS 2 (*The Bad Guys 2*). EUA, 2025. Dir.: Pierre Perifel e JP Sans. Animação/comédia. Ex-bandidos são coagidos a fazer um “último trabalho”. Sequência do filme de 2022. 1h44. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 15h30. CENTERPLEX MAG 3: dub.: dom.: 14h15, 16h30; seg. a qua.: 16h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 15h30, 18h, 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 15h15, 17h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 10: dom.: dub.: 13h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: dom.: 13h30, 16h, 18h30; seg. a qua.: 16h, 18h30. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 14h35, 16h40, 18h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 14h35, 16h40, 18h45. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 3D: 15h, 17h, 19h. PATOS MULTIPLEX 3: dub.: dom.: 3D: 14h40, 19h30; 2D: 17h20; seg. a qua.: 3D: 15h, 19h30; 2D: 17h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 14h10, 18h50; seg. a qua.: 18h50. CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: seg. a qua.: dub.: 15h. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 14h; seg. e qua.: 18h30.

CORRA QUE A POLÍCIA VEM AÍ! (*The Naked Gun*). EUA/Canadá, 2025. Dir.: Akiva Schaffer. Elenco: Liam Neeson, Pamela Anderson, Paul Walter Hauser, Danny Huston, CCH Pounder, Weird Al Yankovic, Priscilla Presley, Dave Bautista. Comédia/policial. Policial tão sério quanto atropalhado investiga a morte de um engenheiro de softwares. Quarto da série iniciada por *Corra que a Polícia Vem Aí!* (1988). 1h25. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 17h45, 19h45. CENTERPLEX MAG 4: leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: leg.: 20h, 22h05. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: dom.: 13h45, 16h, 18h15, 20h15; seg. a qua.: 16h, 18h15, 20h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 15h45, 18h, 20h15. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 20h55. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 15h30, 17h20, 19h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 15h30, 17h20, 19h10. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 20h55. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 17h30, 19h15. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: dom.: 16h40, 18h30; seg. a qua.: 18h30. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 21h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 17h; seg. a qua.: 17h10.

OS ENFORCADOS. Brasil/Portugal, 2025. Dir.: Fernando Coimbra. Elenco: Leandra Leal, Irandhir Santos, Thiago Thomé, Ernani Moraes. Policial/suspense. Procurando se afastar dos negócios criminosos de sua família mafiosa, casal vai afundando cada vez mais na violência. 2h03. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 14h15, 19h45.

JUNTOS (*Together*). Austrália/Estados Unidos, 2025. Dir.: Michael Shanks. Elenco: Dave Franco, Alison Brie, Damon Herriman. Terror. Ao se mudar para o interior, casal é afetado por uma força sobrenatural que corrompe suas vidas e faz seus corpos se

unirem. 1h42. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 21h45. CENTERPLEX MAG 4: leg.: 19h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 16h15, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 17h15. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 18h55. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 21h. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 18h55. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 18h40. CINE GUEDES 2: dub.: 21h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: 19h15.

ESPECIAL

FESTIVAL DE TEATRO DE RUA. Exibições de curtas de diversos estados. **Remígio:** CINE RT: dom.: 18h.

YUNGBLUD – ARE YOU READY, BOY? (*Yungblud – Are You Ready, Boy?*). Reino Unido, 2025. Dir.: Paul Dugdale. Documentário. A jornada do artista britânico. 2h. Classificação indicativa não informada.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: dom.: 15h; qua.: 19h.

CONTINUAÇÃO

AMORES MATERIALISTAS (*Materialists*). EUA/Finlândia, 2025. Dir.: Celine Song. Elenco: Dakota Johnson, Chris Evans, Pedro Pascal, Zoe Winters. Romance/comédia. Casamenteira tem problemas nos negócios quando se envolve em um triângulo amoroso. 1h56. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 15h, 18h, 21h. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 18h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 15h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dom.: dub.: 14h20.

COMO TREINAR O SEU DRAGÃO (*How to Train Your Dragon*). Reino Unido/EUA, 2025. Dir.: Dean DeBlois. Elenco: Mason Thames, Nico Parker, Gerard Butler. Aventura/infantil. Garoto de uma comunidade de vikings em guerra com dragões faz amizade com um dragão ferido. Refilmagem *live action* da animação de 2010. 2h05. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 16h45.

O DESERTO DE AKIN. Brasil, 2024. Dir.: Bernard Lessa. Elenco: Welket Bungué, Ana Flavia Cavalcanti, Reynier Moraes. Drama. Médico cubano no Brasil se vê em um impasse quando o programa de que participava é encerrado no Governo Bolsonaro. 1h18. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: seg., 18/08: 18h30; dom., 24/08: 15h; qua., 27/08: 20h.

DRÁCULA – UMA HISTÓRIA DE AMOR ETERNO (*Dracula – A Love Tale*). Reino Unido/França, 2025. Dir.: Luc Besson. Elenco: Caleb Landry Jones, Christoph Waltz, Matilda De Angelis. Terror/romance. Vampiro encontra, na Londres do século 19, mulher parecida com seu amor do passado. 2h09. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: 21h. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 20h35.

OS DRAGÕES. Brasil, 2025. Dir.: Gustavo Spolidoro. Elenco: Lóren Maite, Paulo Reginatto, Juliana Zardo. Aventura. Amigos se transformam em dragões, enfrentando a rejeição de sua comunidade conservadora. 1h24. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: seg., 25/08: 18h30; sáb., 30/08: 15h.

EM RUMO A UM TERRA DESCONHECIDA (*To a Land Unknown*). Reino Unido/França/Dinamarca/Holanda/Palestina/França/Alemanha/Arábia Saudita/Catar, 2024. Dir.: Mahdi Fleifel. Elenco: Angeliki Papoulia, Mahmoud Bakri, Manal Awad. Policial. Refugiado palestino enganado por contrabandista em Atenas busca vingança. 1h45. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: ter., 19/08: 18h30; sáb., 23/08: 17h; dom., 31/08: 17h.

UMA FAMÍLIA NORMAL (*Botong-ui Gajok*). Coreia do Sul, 2023. Dir.: Hur Jin-Ho. Elenco: Sul Kyung-Gu, Jang Dong-Gun, Kim Hee-Ae. Policial/drama. Dois irmãos e suas esposas se encontram para o jantar e discutem como lidar com um crime cometido por seus filhos. 1h56. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: seg., 18/08: 20h30; qui., 21/08: 20h30; sáb., 23/08: 19h; ter., 26/08: 20h30.

AHORA DO MAL (*Weapons*). EUA, 2025. Dir.: Zach Cregger. Elenco: Julia Garner, Josh Brolin, Amy Madigan. Mistério. Crianças de uma mesma classe desaparecem misteriosamente em uma pequena cidade, após todas fugirem de casa na mesma noite. 2h08. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 14h, 19h20; leg.: 16h40, 22h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 17h, 20h. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 15h30, 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h30, 20h40. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 21h. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: 20h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 21h10. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom.: 21h; seg. e qua.: 14h; ter.: 20h30.

UM LOBO ENTRE OS CISNES. Brasil, 2025. Dir.: Marcos Schechtman e Helena Varvaki. Elenco: Matheus Azeiteiro, Dario Grandinetti, Maria Paula Marini. Drama. Jovem do subúrbio carioca tenta vencer no mundo do balé clássico na Europa. 1h55. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: dom., 24/08: 17h; ter., 26/08: 18h30; sáb., 30/08: 19h.

A MELHOR MÃE DO MUNDO. Argentina/Brasil, 2025. Dir.: Anna Muylaert. Elenco: Shirley Cruz, Seu Jorge, Rihanna Barbosa, Lourenço Mutarelli. Drama. Sem teto, mulher tenta proteger seus dois filhos da difícil realidade das ruas. 1h45. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 14h45, 17h, 19h30.

MEU BOLO FAVORITO (*Keyke Mahboobe Man*). Irã/França/Suécia/Alemanha, 2024. Dir.: Maryam Moghadam e Behshad Sanaeeha. Elenco: Lili Farhadpour, Esmaeel Mehrabi, Mansoor Ilkhani. Romance/comédia/drama. Mulher de 70, solitária, decide receder sua vida amorosa e tem um encontro inesquecível. 1h37. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: dom., 17/08: 19h; qui., 21/08: 18h30; seg., 25/08: 20h30; sáb., 30/08: 17h.

QUARTETO FANTÁSTICO – PRIMEIROS PASSOS. (*The Fantastic Four – First Steps*). EUA, 2025. Dir.: Matt Shakman. Elenco: Pedro Pascal, Vanessa Kirby, Joseph Quinn, Ebon Moss-Bachrach, Ralph Ineson, Julia Garner, Natasha Lyonne. Aventura. Família de super-heróis precisa defender a Terra de

um deus espacial devorador de mundos. 1h55. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 18h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 16h45, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 14h30, 17h, 19h45; leg.: 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 14h, 16h45, 19h30, 22h. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 15h40, 18h, 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 15h40, 18h, 20h15. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 15h45. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 15h20, 18h40. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: 21h25. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom.: 15h45; seg. a qua.: 16h, 20h30.

UMA SEXTA-FEIRA MAIS LOUCA AINDA (*Freakier Friday*). EUA, 2025. Dir.: Nisha Ganatra. Elenco: Jamie Lee Curtis, Lindsay Lohan, Julia Butters, Sophia Hammons, Mark Harmon. Comédia. Mãe e filha voltam a trocar de corpos anos depois de isso ter acontecido pela primeira vez. Continuação de *Sexta-Feira Muito Louca* (2003). 1h51. Classificação indicativa a definir.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 14h15, 19h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 14h30. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 20h50. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 16h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 20h50. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 16h45. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 20h40. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: dom.: 14h20; seg. a qua.: 16h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: 16h50.

SMURFS (*Smurfs*). EUA/Bélgica/Itália, 2025. Dir.: Chris Miller. Vozes na dublagem brasileira: Jullie, Diego Martins, Ricardo Rossatto, Elcio Romar. Animação/comédia/aventura. Os *smurfs* precisam se aventurar no mundo real quando seu líder é sequestrado. 1h32. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 14h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: seg. a qua.: dub.: 15h45. CINESERCLA TAMBIA 6: dom.: dub.: 14h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dom.: dub.: 14h.

SUPERMAN (*Superman*). EUA, 2025. Dir.: James Gunn. Elenco: David Corenswet, Rachel Brosnahan, Nicholas Hoult, Maria Gabriela de Faria, Edi Gathegi. Aventura. Superman tenta conciliar suas heranças de seu planeta natal e da Terra enquanto enfrenta terríveis perigos. 2h09. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 15h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: qui. a ter.: dub.: 18h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 21h. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 15h50. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 18h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 18h10.

TELEFÉRICO DO AMOR (*Gondola*). Alemanha/Georgia, 2023. Dir.: Veit Helmer. Elenco: Nini Soselia, Mathilde Irrmann, Zuka Papuashvili. Romance/comédia/drama. Duas operadoras de teleférico se apaixonam ao passar uma pela outra em suas gôndolas. 1h22. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: dom., 17/08: 17h; ter., 19/08: 20h30; qui., 24/08: 19h; qui., 28/08: 18h30.

THIAGO E ÍSIS E OS BIOMAS DO BRASIL. Brasil, 2024. Dir.: João G. Amorim. Vozes: Neusa de Souza, Falcon Mantovani, Henrique Paulo. Animação/comédia/aventura. Pai e filhos percorrem três biomas brasileiros, aprendendo e ajudando animais em perigo. 1h31. Livre.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom., 17/08, sáb., 23/08, dom., 31/08: 15h.

Teatro

AMANHÃ

EM CASA DE FERREIRO, O ESPETO É DE FERRO. Espetáculo do Cariri Produções Cênicas (CE) no Festival de Inverno de Campina Grande.

Campina Grande: TEATRO SEVERINO CABRAL (Av. Mal. Floriano Peixoto, s/nº, Centro). Segunda, 18/8, 20h. Entrada franca.

Dança

HOJE

FESTIVAL DE INVERNO DE CAMPINA GRANDE. Apresentação do espetáculos *Segundo G.H.*, solo de Carina Nagib (SP) (20h), e *Às Vezes Eu Kahlo*, da Geda Cia. de Dança (RS) (20h30), no Festival de Inverno de Campina Grande.

Campina Grande: TEATRO SEVERINO CABRAL (Av. Mal. Floriano Peixoto, s/nº, Centro). Domingo, 17/8, 20h. Entrada franca.

Música

HOJE

BENITO DI PAULA. Cantor apresenta o show *Do Jeito que a Vida Quer*, com participação especial de Rodrigo Vellozo

João Pessoa: TEATRO PEDRA DO REINO (Centro de Convenções, PB-008, km 5, s/nº, Polo Turístico Cabo Branco). Domingo, 17/8, 19h. Ingressos: de R\$ 90 (balcão/meia) a R\$ 260 (plateia A/inteira), antecipados na plataforma Ingresso Digital.

CAMINHOS DO FRIO. Shows de Celebrare Coral (21h) e Padre Nilson Nunes (21h30).

Remígio: LAGOA PARQUE (Av. Joaquim Cavalcante). Domingo, 17/8. Entrada franca.

CHORA QUE PASSA. Cantora apresenta o show *O Lado Bão Forró*.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Domingo, 15/8, 14h. R\$ 15.

PARATHYBA. Show do grupo. Discotecagem: DJ Fomox.

João Pessoa: RECANTO DA CEVADA (R. Bancário Waldemar de Mesquita Accioly, Parque das Três Ruas, 53, Bancários). Domingo, 17/8, 18h. Entrada franca.

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Segunda, 18/8, 20h. Ingressos: R\$ 40 (inteira), m R\$ 30 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 20 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.

CONTRATAÇÕES TEMPORÁRIAS

Apenas 45 prefeitos cumprem regra

Excesso de servidores provisórios nos municípios paraibanos desagrada órgãos de controle e pode gerar sanções

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

A Paraíba tem enfrentado uma tendência crescente de contratações temporárias no serviço público nos últimos anos. A situação preocupa especialistas e órgãos de controle, uma vez que pode implicar na qualidade dos serviços oferecidos à população.

Auditoria realizada pelo Tribunal de Contas do Estado da Paraíba (TCE-PB) revela que todos os municípios com mais de 100 mil habitantes desrespeitam o limite estadual de 30% para contratações excepcionais, estabelecido pela Resolução TC nº 04/2004. Além disso, das 223 Prefeituras do estado, apenas 45 – ou seja, 20,2% – cumprem a norma.

Em abril deste ano, o contingente de contratados (81.635) representava 86% do total de efetivos (94.933). Nove municípios apresentaram índices exorbitantes: Baía da Traição (480,6%), Cruz do Espírito Santo (399,6%), Triunfo (248,5%), São João do Rio do Peixe (239,4%), Umbuzeiro (210,5%), Pedras de Fogo (208,4%), Bayeux (198,4%), Ingá (190,5%) e Mogeiro (183,8%).

O relatório dividiu a Paraíba em quatro regiões geográficas intermediárias: a de João Pessoa, com 63 municípios; a de Campina Grande, com 72; a de Patos, com 63; e a de Sousa/Cajazeiras, com 25.



Tribunal de Contas mapeou localidades e pediu explicações àquelas que descumpriam resolução; no entanto, 36 não apresentaram justificativas ao órgão

Conforme o documento, as regiões de Campina Grande e de Sousa/Cajazeiras apresentaram os piores desempenhos, com 84,7% e 84% dos municípios fora do limite, respectivamente. No grupo da capital, 81% das localidades estavam em desacordo com a legislação, enquanto, na região de Patos 71,4%, ignoravam as barreiras legais.

A auditoria mostrou que 174 municípios (78% do total

do estado) apresentavam tendência de aumentar o percentual de contratados em relação ao de efetivos, enquanto apenas 49 (22%) demonstravam tendência de queda. De janeiro de 2024 a junho de 2025, as áreas da Saúde e da Educação concentraram 85% do montante pago a servidores temporários.

Advertência
Os 178 municípios em si-

tução irregular foram notificados pelo TCE-PB a apresentar justificativas aos altos números de contratos excepcionais. No entanto, somente 142 enviaram respostas até o fim de julho, prazo estipulado pelo órgão. Os argumentos das Prefeituras estão sendo avaliados pela Auditoria da Corte de Contas e, caso sejam acatados, poderão resultar na formalização de um Pacto de Ade-

quação de Conduta Técnico-Operacional.

De acordo com o presidente do TCE-PB, o conselheiro Fábio Nogueira, tais excessos podem gerar problemas na administração pública, como “sobreposição dos serviços executados ou até ausência de atividades para alguns servidores, ferindo os princípios da economicidade, eficiência, eficácia e efetividade”.

■ Auditoria mostrou que, em abril deste ano, quadro de temporários representava 86% do total de efetivos nas Prefeituras da Paraíba

TCE propõe pacto para correção de irregularidades na administração

O Pacto de Adequação de Conduta Técnico-Operacional é uma ferramenta utilizada pelo TCE-PB, desde 2007, para corrigir problemas encontrados na gestão pública. O objetivo principal é regularizar atos e procedimentos administrativos, estabelecendo obrigações e prazos claros para serem cumpridos.

No caso das contratações temporárias, a principal obrigação do gestor consiste na redução da proporção entre contratados e efetivos para os 30% estabelecidos nas normas da Corte. Os prazos para a adequação variam de acordo com a situação de cada município, com metas estabelecidas para cada ano. No entanto, o Tribunal adverte que todos os municípios precisam estar em dia com as obrigações até o fim da gestão, em 2028.

O coordenador jurídico da Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup), Arnaldo Escorel, orienta aos municípios que não enviaram suas justificativas dentro do prazo a apresentar um plano de adequação ao TCE-PB, “mostrando boa-fé nos atos administrativos para fins de que seja, então, reconhecido pelo Tribunal de Contas no dia e na data de julgamento das contas de 2025”.

Panorama

Excessos representam uma “cultura” no estado e, para especialista em Direito Tributário, resistência de gestores à realização de concursos ajudou a pavimentar o cenário crítico

Causas

O presidente do TCE-PB, Fábio Nogueira, entende que a utilização das contratações temporárias em excesso representa uma cultura no estado, sendo uma prática que já ocorre há um longo tempo. Dentre os prejuízos, ele cita o caso dos 70 municípios que possuem regime de previdência própria. “[A situação] põe em risco a sustentabilidade futura da previdência local, uma vez que o financiamento do custeio com aposentados e pensionistas depende fortemente das contribuições previdenciárias vinculadas aos servidores efetivos”.

A advogada tributarista Bruna Barreto considera

que existe uma resistência dos prefeitos quanto à realização de concursos públicos e esse é um dos motivos para o alto índice de contratos temporários. Para a especialista, os certames atraem diversos desafios relacionados à judicialização, estabilidade e planos de carreira dos efetivos.

“O município é muito judicializado quando se realiza um concurso público; outro fator que faz com que os gestores ainda resistam muito à figura do concurso público é a estabilidade. Por vezes, o município classifica e convoca servidores públicos que, de fato, não atendem à sua necessidade e essa estabilidade não permite que o gestor desligue aquele servidor. E uma terceira questão são os planos de cargo de carreira. O servidor efetivo é muito mais oneroso para a gestão do que uma contratação por excepcional interesse público”, explica.

O coordenador jurídico da Famup destaca que cada município tem uma realidade muito singular, mas que a instabilidade de recursos financeiros tende a transformar a exceção em regra, no caso dos temporários. Para reverter o quadro, Arnaldo Escorel defende um equilíbrio entre funcionários efe-

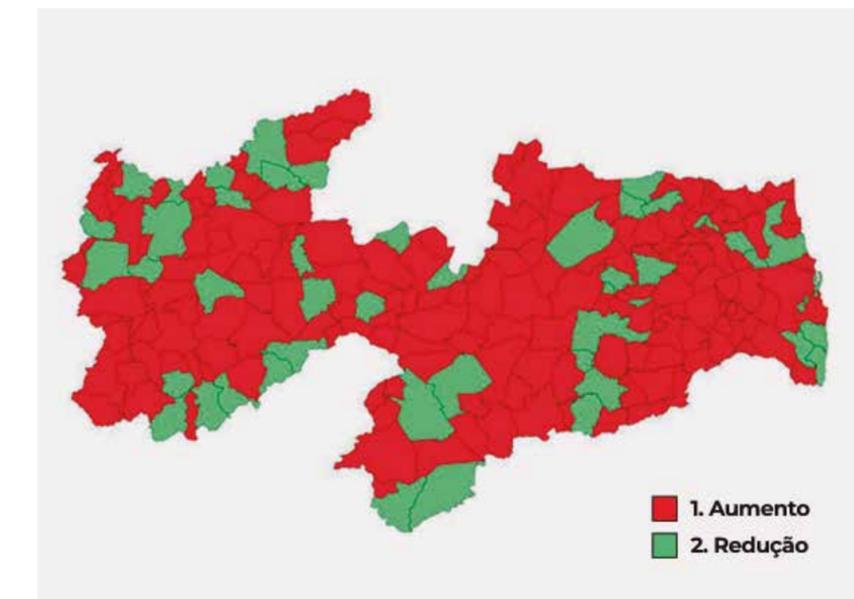


Gráfico indica tendência da proporção de servidores temporários em relação aos efetivos

tivos e temporários, por meio de uma reforma administrativa que otimize recursos e mão de obra.

“Não adianta ter, por exemplo, uma máquina administrativa com muitos funcionários ociosos, mesmo que qualificados, efeti-

vos, concursados etc., se eu não tenho todos os anos a mesma realidade e a mesma necessidade dele. Eu preciso ter uma margem de navegação. Por isso, o Tribunal de Contas estabeleceu que essa margem seria no patamar de 30%. E aí é que vem a reforma

administrativa como necessidade. Eu preciso adequar o meu corpo funcional de maneira que eu tenha mobilidade dentro dessa margem de 30%, porque, hoje, a situação é arcaica, existem municípios cuja estrutura administrativa é de 1990”, avalia.

Saiba Mais

A Lei Federal nº 8.745/1993 estabelece que os contratos temporários por excepcional interesse público são justificados em situações específicas, como calamidades públicas, emergências em saúde, recenseamentos, atividades acadêmicas (professores substitutos e visitantes), projetos de engenharia nas Forças Armadas, pesquisas científicas e ações de proteção ambiental.

Os prazos desses contratos variam de seis meses a quatro anos, a depender da atividade, com possibilidade de renovação em alguns casos. Contudo, a legislação nacional não define um limite para esse tipo de contratação.

Por perceber que os contratos temporários estavam tornando-se regra, em vez de exceção, o TCE-PB passou a adotar o teto de 30%, por meio da Resolução TC nº 04/2004. O não cumprimento da norma pode acarretar sanções, incluindo a aplicação de multas, reprovação das contas e até representações ao Ministério Público estadual, Federal, Trabalhista e Eleitoral.

SEGUNDO ESPECIALISTA

Uso de IA já beneficia a administração pública

Sistemas são pouco utilizados, mas alcançam esferas do municipal ao federal

Luiz Cláudio Canuto
Agência Câmara

Uma entre 10 prefeituras brasileiras usa inteligência artificial (IA), e também um entre quatro órgãos públicos federais. A informação foi passada durante audiência pública da Comissão de Ciência, Tecnologia e Inovação da Câmara, que tratou, nesta semana, dos desafios e das oportunidades do uso da IA na administração pública. Participaram representantes de institutos de pesquisa e especialistas no assunto.

O presidente do Instituto Illuminante de Inovação Tecnológica e Impacto Social, Gilberto Lima Júnior, acha que o uso ainda é pequeno, mas já trouxe benefícios. E citou o exemplo do Instituto Nacional de Propriedade Industrial (Inpi), que acelerou o trâmite de marcas e patentes por meio de uma ferramenta de IA, a Fel Inpi.

Já o Ministério da Ação Social, segundo ele, usa a inteligência artificial para detectar fraudes no programa Bolsa Família. Uma inovação mais perceptível é o *chatbot*, programa de computador que simula conversas para facilitar o acesso a serviços pelo cidadão, mas ajuda internamente, como ocorre no Ministério da Gestão, como explicou Gilberto Lima.

“Como há muita dificuldade de interação com esses sistemas e os sistemas de suporte às vezes não dão conta do tamanho da demanda, o próprio ministério utiliza-se, hoje, de uma inteligência artificial para facilitar a orientação de servidores públicos no uso dos sistemas de governança da máquina pública”, disse.

Cidades e estados

Entre as cidades, São Paulo, Vitória, Curitiba, Porto Alegre, Brasília e São Caetano do Sul destacam-se no uso da inteligência artificial, que foi acelerada durante a pandemia, quando houve iniciativa da Associação Nacional das Cidades Inteligentes, Tecnológicas e Inovadoras (Ancite),



Gilberto Lima Júnior aponta vantagens do uso da inteligência artificial em audiência pública

Foto: Vinicius Loures/Câmara dos Deputados

A favor

Tecnologia pode acelerar trâmites, reduzir custos de operação, aumentar a produtividade e até ajudar a detectar fraudes

que integrou 24 municípios com inteligência artificial colaborativa para tratar de controle de vacinação.

Em nível estadual, o Paraná usou a inteligência artificial na educação, para avaliação de fluência de leitura de 125 mil alunos (Fluência Paraná) e São Paulo aprimorou a cobrança do IPTU. O Piauí é o primeiro estado com Secretaria de Inteligência Artificial e já usa a IA na segurança pública e é ensinado nas escolas, aponta o presidente do Sindicato das Indústrias da Informação do Distrito Federal (Sinfor), Carlos Jacobino.

Já o estado de Goiás terá o primeiro computador de inteligência artificial com *chip* de última geração da Nvidia. Atualmente, 77 projetos são desenvolvidos no estado, afirma o professor

Anderson da Silva, coordenador Científico do Centro de Excelência em Inteligência Artificial da Universidade Federal de Goiás.

Segundo ele, Goiás foi pioneiro em curso universitário de IA, criado em 2019, que fez desabar a evasão na área de exatas, que era de 70% e agora é de apenas 3%. O curso de inteligência artificial foi mais concorrido do que o de Medicina. Um projeto com o MEC ajuda a diminuir a evasão escolar.

“Uma IA analisa individualmente comportamentos dos alunos e a gente passa a agir proativamente, em vez de reativamente, como geralmente acontece, porque depois que foi tomada a decisão da evasão, é muito difícil reverter isso, então você tem que atuar antes e a IA traz exatamente essa perspectiva para que a universidade atue antes que esse quadro se concretize”, disse Silva.

A inteligência artificial promove redução de 30% nos custos de operação e aumenta 40% na produtividade, segundo a coordenadora-geral do Laboratório de Inovação em Inteligência Artificial da Escola Nacional de Administração Pública (Enap), Patrícia Baldez. Ela cita como ótimo exemplo o estado de Pernambuco, que trabalha em regime “*no click*”, em que o Estado

entra em contato com o cidadão quando sabe que há necessidade.

Ela citou um exemplo: a mãe recebe uma mensagem pela internet quando seu filho faz aniversário e se encaixa no calendário de vacinação e informa a ela o posto de saúde mais próximo. Patrícia Baldez também lembrou como a IA pode ajudar a evitar tragédias.

“O que aconteceu no Rio Grande do Sul era previsto e previsível. Poderíamos ter, como estado, ter nos preparado para isso. Tínhamos modelos de leitura por satélite que indicavam que aquilo ia acontecer e como é que o estado não se prepara, inclusive reduzindo investimento?”, observou.

“

Uma IA analisa comportamentos dos alunos e a gente passa a agir proativamente, em vez de reativamente

Anderson da Silva

Maria do Rosário propõe regulamentação

Para o diretor do Sindicato dos Trabalhadores do Seguro Social e Previdência Social no Estado de São Paulo, Leonardo Gomes Fonseca, a revolução está apenas começando, e citou dados do cientista taiwanês Kai-Fu Lee.

“Até 2030, 80% dos empregos vão ser impactados pela inteligência artificial. Até 2040 ou 2044, 50% dos empregos serão substituídos por inteligência artificial, e, principalmente, os empregos que demandam mais intelecto. A questão braçal, mecânica, ainda vai demorar um pouco mais a chegar”, disse.

O debate foi pedido pela deputada Maria do Rosário (PT-RS). Ela afirmou que a audiência pública pode ajudar na elaboração de um marco normativo sólido e orientado à realidade brasileira sobre o uso da inteligência artificial na administração pública.

“Nós estamos, aqui, diante de questões que mostram que pode haver uma regulação positiva, uma regulação negativa, pode haver diferentes padrões de regulação. Regulação, portanto, é desenho de processo, anotei aqui como questão importante”, disse a deputada. Para ela, “não haverá um

bom uso da IA sem a mediação humana”.

O Projeto de Lei nº 2.338/23 trata do marco legal da inteligência artificial no Brasil. A proposta já foi aprovada no Senado, em dezembro do ano passado, e está em uma comissão especial da Câmara desde maio deste ano. O projeto prevê transparência algorítmica e permite regulamentação proporcional em cada nível de risco.

Até novembro haverá audiências públicas e seminários em cada região do país para discutir o projeto. O relatório deve ser apresentado pelo deputado Aguinaldo Ribeiro (PP-PB), em 25 de

novembro de 2025, para que seja votado na comissão especial e no Plenário, em dezembro. Existem mais de 250 projetos em tramitação no Legislativo que tratam de IA.

■ Cientista taiwanês acredita que, até 2030, 80% dos empregos serão impactados pela IA e, até 2040, substituídos

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (5)

Em 3 de outubro vindouro, lançarei o livro “Biografia cordelizada de Sérgio Ricardo Santos, o homem da comunicação integrada”. Será durante a Festa Literária de Solânea, promovida pela Academia Solanense de Letras, no Grêmio Morenense. O declamador Quelyno Souza estará na festa com suas tiradas poéticas.

“Se você voltar a escrever livros, favor não me dirigir mais a palavra” (Maciel Caju).

Recebi mais um livro do renomado escritor W. J. Solha. Trata-se de “A angústia de Hamlet, segundo seu amigo Horácio paraibano”. Uma novela genial, como afirma Hugo Almeida na contracapa.

“Quando eu era criança, minha mãe me disse: ‘se você se tornar um soldado, será um general. Se for padre, acabará sendo Papa’. Em vez disso, eu preferi ser um pintor e acabei sendo Picasso” (Picasso).

Tem uma cantora chamada Ana Frango Elétrico. Seu avô sofria *bullying* dos colegas pela dificuldade que tinham em pronunciar o sobrenome de origem judaico-russa Fainguelernt, e o apelidaram de “Frango Elétrico”.

Ana Frango Elétrico foi indicada ao Prêmio PIPA 2021. Ana Frango Elétrico é compositora, poeta, artista visual e produtora musical. E eu nunca ouvi falar dela. Em que mundo eu vivo?

No meu mundo ideal as pessoas ouviram mais Sérgio Sampaio do que Ana Frango Elétrico.

A juventude hoje não sabe quem foi Sérgio Sampaio.

“Fábio Mozart, citei seu nome no livro “Em Cabedelo, numa casquinha de noz”. Referi-me a um texto seu sobre Bastos de Andrade, que li no Recanto das Letras” (Fernando Freire).

Chamei um técnico em Informática para dar uma geral no meu computador. “O sistema está corrompido”, garantiu ele. “Isso eu já sabia!”.

Atuo na produção de trabalhos para rádio, montando conteúdos sonoros há mais de 30 anos, sempre como amador, no mais puro sentido desta expressão.

Ser radialista é envolvimento e paixão, já que mexer com rádio não está só na prática. Tem muito de humanismo.

“Não é preciso escrever nada para ser poeta. Alguns poetas trabalham em postos de gasolina, outros engraxam sapatos...” – (Bob Dilan).

Deu no Sensacionalista: “Sonda americana que irá a ponto mais próximo do sol deve chegar a Patos em janeiro”.

“Eu fico nessa luta para educar e civilizar as crianças, mas, a bem da verdade, são as crianças e a necessidade de dar-lhes bons exemplos que me mantem educada e civilizada” (Uma professora da rede pública).

O pai da deputada Tabata Amaral é de Itabaiana, minha terra adotiva na Paraíba.

Em João Pessoa, Tabata disse, emocionada, que seu pai morreu em decorrência das drogas e destacou que a educação poderia ter mudado a trajetória dele, assim como transformou a sua própria vida.

Tabata Amaral nasceu em São Paulo, é formada em Ciência Política e Astrofísica nas universidades Cambridge e Harvard, as mais prestigiadas dos Estados Unidos. O pai dela, Olivaldo Francisco de Pontes, era cobrador de ônibus. A mãe, a baiana Maria Renilda, era diarista.

Tabata é namorada de João Campos, prefeito de Recife. Sua vida é um exemplo de que só a educação redime as pessoas pobres.

PROCESSOS LENTOS

Demora judicial perpetua violência

Parentes de vítimas de chacinas convivem com a incerteza de verem punidos os responsáveis pelos crimes

Elaine Patricia Cruz
Agência Brasil

O assassinato de um ente querido é apenas uma das dores a que são submetidas as famílias das vítimas de chacinas. Além do luto, elas precisam também enfrentar a demora do Judiciário nos processos de indenização, de responsabilização e de criminalização e, muitas vezes, acabam também empobrecidas ou adoecidas.

Não foi diferente com as famílias do episódio violento que provocou a morte de 19 pessoas e que completou 10 anos no último dia 13. Os crimes ocorreram nos municípios de Barueri, Osasco e Itapevi, em um raio de 7 km, entre as 21h e as 23h daquela noite. Do total de 19 mortes, 15 ocorreram em Osasco, três em Barue-

ri e uma em Itapevi. Os assassinatos foram uma vingança pelas mortes de um policial militar (PM) e de um guarda-civil metropolitano ocorridas dias antes – e foram praticados por PMs.

Dois anos após a chacina, quatro policiais foram a julgamento. Dois deles, Fabrício Emmanuel Eleutério e Thiago Barbosa Henklain, foram condenados pelos crimes. Eleutério foi condenado à pena de 255 anos, sete meses e 10 dias de prisão. Já Henklain recebeu sentença de 247 anos, sete meses e 10 dias de prisão.

Naquele julgamento, o guarda-civil Sérgio Manhã também foi condenado a 100 anos e 10 meses de prisão. O ex-PM Victor Cristilder dos Santos, julgado separadamente, em março de 2018, foi con-

denado a 119 anos, quatro meses e quatro dias de reclusão. No entanto, as defesas recorreram, e um novo julgamento do caso foi realizado em 2017. Tanto Cristilder quanto Manhã acabaram sendo absolvidos.

Após uma década, muitas dessas famílias sequer foram indenizadas pelos crimes. É o caso de Zilda Maria de Jesus, mãe de Fernando Luiz de Paula, que foi assassinado em um bar de Barueri, na Grande São Paulo. Dona Zilda ainda enfrentou acusações dos advogados dos réus durante o julgamento do caso na esfera criminal. Essa situação também é enfrentada por diversas outras mães de vítimas de chacinas. “A gente não tem nem direito de guardar o luto”, lamenta ela.



Fernando Luiz de Paula foi assassinado há 10 anos por policiais militares de São Paulo

“Já estou morta”, diz mãe que teve o único filho assassinado por PMs

Poucas horas antes de ser morto com um tiro na testa, Fernando estava pintando a casa onde vivia com a mãe. Quando ela chegou do trabalho, encontrou a casa arrumada – o que lhe causou estranhamento, já que o filho costumava ser bastante bagunceiro. “Foi numa quinta-feira. Aqui estava tudo cheio de pó porque ele estava mexendo na casa... Ele falou ‘mãe, olha lá, vê se está bom’. A parede amarela?’. ‘É. Eu falei ‘está bom, filho’”, conta. Era quase 20h quando Fernando saiu de casa com destino ao bar do Juvenal, onde foi encontrar alguns amigos. Foi lá que ele e mais oito pessoas foram assassinadas por um grupo de homens armados que desceram de um carro disparando de forma aleatória.

O filho único de dona Zilda tinha 34 anos na época em que foi assassinado. “Quando eu entrei lá, eu vi meu filho na maca. Aí ele e outro moleque [estavam

mortos]. E os outros caras todos feridos. Parecia um hospital de guerra. E chegava gente. Era gente gritando”, lembra. Mais tarde, já na delegacia, ela teve a confirmação de que policiais que viviam na região e patrulhavam a área haviam atirado em Fernando. As investigações mostraram que seu filho morreu sem que houvesse qualquer processo criminal ou acusação contra ele. “Todos os meninos foram investigados. Não tem nada contra ele”, garante.

Passados 10 anos, as paredes pintadas por Fernando continuam da mesma forma. Mas não dona Zilda. “Eu já estou morta, filha”, desabafa, ao falar sobre a perda do filho e sobre o desgaste de todo o processo de luto e de busca por justiça. “Eu mudei muito meu comportamento. Tem horas, assim, que eu acho que eu já engoli muito sapo, já levei muita porrada na vida. Eu já caí, morei na rua, chuva, fome, e

superei isso. Mas ele morreu do jeito que morreu, filha”, lamenta ela para a reportagem. “É muita carga e eu estou sozinha, mesmo. Eu não sou guerreira, não”, diz.



Tem horas, assim, que eu acho que eu já engoli muito sapo, já levei muita porrada na vida

Dona Zilda

Sem conclusão, casos correm o risco de apagamento e repetição

Passados 10 anos desde as chacinas, para as famílias, a sensação é de que a violência continua se perpetuando. “Esse não responder é muito violento”, analisa a professora da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Carla Osmo. “Elas [mães das vítimas] insistem em dizer que o tempo não apazigua: é como se tivesse acontecido agora. A angústia da espera gera sofrimento, mas, ao mesmo tempo, a atualidade do sofrimento, que faz com que pareça que a violência da morte aconteceu agora”, acrescenta.

Embora a lembrança desse evento ainda seja do-

lorosa para as famílias, a coordenadora defende que é importante continuar a falar sobre a chacina para evitar que novas violências como essa continuem ocorrendo no país. “O apagamento tem relação com a continuidade e com a persistência da violência de Estado. O apagamento do que foi a violência de Estado nesses diversos episódios de execuções coletivas ou de massacres que aconteceram no estado de São Paulo tem relação com a continuidade da violência”, aponta.

Resposta

Procurada pela reportagem, a Secretaria de Se-

gurança Pública de São Paulo informou que o inquérito policial instaurado pelo Departamento Estadual de Homicídios e de Proteção à Pessoa (DHPP) para investigar o caso foi concluído em dezembro do mesmo ano, “com a identificação e indiciamentos de oito pessoas – sete policiais militares e um GCM [guarda-civil metropolitano]”. Segundo a secretária, “todos os PMs envolvidos no caso foram expulsos da corporação”. A reportagem procurou também o governo paulista para comentar o episódio e as indenizações, mas não obteve retorno até a publicação da matéria.

Familiares enfretam sofrimento, pobreza e omissão do Estado

Professora do Departamento de Direito da Unifesp na área dos direitos humanos, Carla Osmo destaca as implicações da violência nas famílias das vítimas. “É importante ter essa dimensão dos múltiplos impactos e das diversas violências que essas famílias sofrem para além da violência maior que é a exclusão do familiar. Essas vítimas deixaram mães, deixaram pais, deixaram companheiros, deixaram filhos. E essas famílias sofreram fatos muito severos, de empobrecimento e de adoecimentos graves relacionados a esse sofrimento”, observa.

Carla também é coordenadora do projeto Clínica de Direitos Humanos da Unifesp, em Osasco (SP). A clínica é um projeto da Unifesp que atua em apoio à luta das mães das vítimas da Chacina de Osasco, Itapevi e Barueri e que desenvolve pesquisas e produz conhecimento sobre a violência de Estado. A iniciativa reúne não só saberes acadêmicos, mas também a experiência de pessoas que lutam contra essa violência. Dona Zilda, por exemplo, é uma das bolsistas da Unifesp.

Morosidade

Outro fator que contribui para esses impactos – e que afeta inclusive a saúde dos familiares das vítimas – é a demora nos processos judiciais. “A demora gera bastante frustração porque às vezes as pessoas ficam exaustas”, avalia Carla. “Todo o processo é muito violento, muito desgastante, inclusive a demora [do Judiciário]. São vários sofrimentos que as famílias têm, e um deles é a falta de algum tipo de resposta do Estado. E essa omissão também tem um significado de desvalorização do acontecimento e desvalorização da vida, deixando [essas famílias] um pouco à margem”,

acrescenta.

Além disso, explicou ela, essas famílias ainda sofrem a estigmatização por terem algum membro da família morto por um policial. “Há o medo da polícia e o sentimento de que a vida não tem valor ou de que o Estado não dá nenhuma importância para a existência daquela pessoa que morreu para a vida dos familiares [daquele vítima]. São danos muito severos”, completa Carla.

Responsabilização

Para aliviar essa dor e também em busca de seus direitos, muitas dessas famílias acabam buscando na Justiça um reconhecimento sobre a responsabilidade do Estado por essas mortes. “Não são apenas os agentes individuais que foram condenados que tiveram responsabilidade [sobre as mortes]. O Estado tem responsabilidade institucional pela chacina. E olhar para isso é muito importante porque nos ajuda a pensar que essas chacinas se inserem em um histórico de episódios de violência de Estado e mesmo de execuções coletivas no estado de São Paulo”, diz a professora da Unifesp.

Em geral, as famílias entram com processos individuais para buscar essa responsabilização seja por meio de advogados ou da Defensoria Pública. “Nós começamos a fazer um acompanhamento de um conjunto de processos [relacionados à Chacina de Osasco, Itapevi e de Barueri]. E hoje nós temos uma relação de 16 processos [tramitando em âmbito civil]. É possível que tenha outros. Mas, enfim, esse é o número que nós temos”, aponta.

Desse total de processos que pedem a responsabilização do Estado e indenização às famílias das vítimas, 10 foram movidos por parentes das vítimas e um deles por um sobrevivente

de da chacina. Cinco processos tramitam em segredo de Justiça, por isso, não é possível saber mais detalhes sobre eles. Entre os processos que não estão sob sigilo, apenas dois chegaram à fase de execução, mas sem que as indenizações tenham sido pagas até o momento.

Processos arrastam-se

O acompanhamento e estudo que vêm sendo feitos pela Clínica de Direitos Humanos da Unifesp em relação a esses processos também demonstra outra dificuldade enfrentada pelas famílias: o Estado sempre contesta as decisões, o que aumenta o tempo para que as famílias sejam resarcidas.

“A advocacia do Estado contesta as demandas das famílias nos processos, trazendo uma excessiva exigência de provas para que se determine o pagamento de pensão. E argumenta em favor da fixação de valor baixo para ressarcimento de danos morais para evitar um ‘enriquecimento sem causa’ das famílias, como se o sofrimento das famílias fosse menor apenas por elas serem pobres”, afirma Carla Osmo.



O Estado tem responsabilidade institucional pela chacina. E olhar para isso é importante, pois nos ajuda a pensar

Carla Osmo

DOCÊNCIA

IFMA lança seleção de professores

Com jornadas de trabalho de 40 horas semanais, as remunerações podem chegar a até R\$13.288,85

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Postulantes à ocupação de postos de trabalho no setor público dispõem de oportunidades em diferentes estados do Nordeste. Entre elas, e com destaque para o exercício da docência, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) divulgou a abertura de um concurso público destinado à admissão de professores da carreira do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT).

Entre as áreas de conhecimento e atuação profissional contempladas, estão: Ciências Agrárias, Artes, Biologia (sete vagas), Ciência de Alimentos (três vagas), Ciência da Computação (sete vagas), Design, Educação (seis vagas), Educação Física (quatro vagas), Engenharia (11 vagas), Filosofia, Física (oito vagas), Geografia (seis vagas), História (quatro

vagas), Letras (três vagas), Matemática (17 vagas), Química (três vagas), Recursos Pesqueiros, Sociologia (quatro vagas) e Zootecnia (três vagas).

Com jornadas de trabalho de 40 horas semanais, as remunerações previstas para as funções exercidas pelos professores em regime de dedicação exclusiva variam de R\$ 6.180,86 a R\$ 13.288,85. O período de inscrições inicia na terça-feira (19), estendendo-se até 9 de setembro. A prova objetiva está marcada para o dia 19 de outubro.

O ato de inscrição pode ser realizado na página da

Fundação Sôsândrade Gerência de Concursos. No site (<https://www.fsaduconcursos.org.br/c/central/>), também fica disponível o edital na íntegra. O processo seletivo inclui a aplicação de prova objetiva, prova de desempenho didático e prova de títulos.

No mesmo endereço eletrônico, é possível encontrar um outro edital para vagas na mesma instituição de ensino, visando ao provimento de cargos pertencentes ao Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação (PCCTAE), dos níveis médio e superior, do quadro de

pessoal da Reitoria e dos diversos Campi. Remunerações mensais variam de R\$ 2.483,52 a R\$ 4.967,04. O período de inscrições já vigente, encerra no dia 8 de setembro.



Use o QR Code para acessar as vagas de técnico administrativo



Use o QR Code, para ver as vagas de docentes

CARREIRA

Profissão: analista social ou professor

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

A primeira condição para quem deseja pleitear carreira no universo da Sociologia enquanto profissão, é saber que é preciso desenvolver uma abertura para a possibilidade de “desnaturalização” da sua própria visão de mundo. Ou ainda, conseguir enxergá-la como uma dentre várias possibilidades. Este evento subjetivo, marca, frequentemente, a prática, a vida e a carreira dos sociólogos e cientistas sociais.

Socióloga e professora nos níveis Médio e Superior, Noélia Nunes, explica que, dentro da formação nesta área de conhecimento, os profissionais poderão atuar como analistas sociais. “Atuando, privilegiadamente, no universo da pesquisa científica, via em que se busca estabelecer relações de ‘causa e efeito’ para os fenômenos sociais, como violência, desemprego, alterações nas dinâmicas culturais, etc”.

Para aqueles que, além da pesquisa científica, também buscam a exteriorização dos

conhecimentos pertinentes à área, a possibilidade da docência desponta, segundo a professora, como um caminho profícuo e fértil, em que os profissionais tornam-se professores-pesquisadores. “É difícil separar a pesquisa da docência, pois uma vez que o sociólogo (o pesquisador) atua também como professor, estará, quase que automaticamente, analisando fenômenos sociais”.

Com graduação em Ciências Sociais, mestrado em Sociologia e doutorado em Ciências Sociais com ênfase em Sociologia, a profissional ressalta que as instituições de ensino, como as escolas e universidades, são também “laboratórios” de pesquisa para os atuantes na área.

Questionar as próprias verdades é, marcadamente, um entre os fatores que se fazem presentes neste universo profissional. Com os avanços na tecnologia, ensino e sociedade, a profissão e suas formas de exercício modificam-se. “Cada vez mais, o universo corporativo tem enxergado a indispensabilidade dos sociólogos, pois são eles que possuem as ferramentas teórico-metodológicas para o entendimento de fenômenos sociais, que sofrem também alterações pela dinâmica social”.

O papel do docente nesta área de conhecimento impacta os estudantes e a sociedade. “Asseguradamente, o acesso aos conteúdos de Sociologia é capaz de promover uma vi-

são de mundo mais clara, elucidativa e acolhedora da diversidade, promovendo por sua vez mentalidades inclinadas à prática e à defesa da justiça social”, avalia.

Para quem possui esta formação, posicionar-se diante do mundo do trabalho, pesquisa e ensino e manter-se atualizado, compreende o entendimento de que o “objeto” de apreciação e estudo segue em construção contínua. Noélia destaca que, como os fenômenos sociais estão sempre sofrendo alterações, é preciso um olhar atento e investido no sentido da produção de novas chaves teóricas e elucidativas, para corresponder às variações que perpassam a vida social.

Os seres humanos são mutáveis e, conseqüentemente, aquilo que produzem, enquanto fenômenos sociais, no âmbito da economia e da cultura, por exemplo, passa também por variações. “Por isso, trata-se de uma área, por assim dizer, ‘cumulativa’, pois é preciso produzir explicações atualizadas para os novos rumos que acometem a ‘realidade’ compreendida”, conclui a professora.

Quem busca concretizar o exercício desta profissão por meio da docência pode encontrar uma oportunidade no concurso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), que oferece quatro vagas para a função de professor de Sociologia.

NO INTERIOR

Paraíba tem certames para vagas em prefeituras

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

No interior do estado, já em período de inscrições, as prefeituras de São Bentinho e Santa Cecília têm processos programados, prevendo contratação de profissionais alfabetizados ou com níveis Fundamental, Médio e Superior na primeira cidade. Já a Prefeitura de Santa Cecília oferece 97 vagas, incluídas as reservadas, para admissão de profissionais dos níveis fundamental, médio, técnico e superior.

No concurso da Prefeitura de São Bentinho, de acordo com o edital, devem ser preenchidos cargos de auxiliar de serviços gerais, motorista, agente comunitário de saúde, agente administrativo, técnico em Enfermagem, auxiliar de consultório dentário, assistente social, fonoaudiólogo, bioquímico, farmacêutico, fisioterapeuta, odontólogo, psicólogo, nutricionista, terapeuta ocupacional, engenheiro civil e professor do magistério PMAG-A (15 vagas).

Com salários no valor de R\$ 1.518 a R\$ 3.490,90 ao mês, os profissionais admitidos desempenharão funções em carga horária de até 40 horas semanais. O período de inscrições, já aberto, encerra em 14 de setembro, a taxa varia de R\$75 a R\$115.

A classificação dos candidatos será realizada por meio de prova objetiva que deve ocorrer em 5 de outubro, prova prática para os cargos de motorista e prova de títulos para os cargos constantes nos quadros de cargos de nível superior. O concurso terá validade de dois anos, a contar da data do ato de homologação do resultado, podendo ser prorrogado por igual período, a critério do município.



A partir do QR Code, acesse o site do concurso de São Bentinho

Para a Prefeitura de Santa Cecília, as vagas previstas compreendem funções como: auxiliar de serviços gerais (10 vagas), coveiro, gari (cinco vagas), motorista D (10 vagas), operador de máquinas, vigilante (quatro vagas), agente comunitário de saúde (três vagas), agente de combate

às endemias, assistente de sala, assistente administrativo (duas vagas), auxiliar de consultório dentário, fiscal de obras, guarda municipal (10 vagas), técnico em enfermagem PSF (duas vagas), e plantonista (duas vagas), assistente social, enfermeiro PSF (duas vagas) e plantonista (três vagas).

Outros postos de trabalho são para fiscal de tributos, farmacêutico, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, nutricionista, médico-veterinário, médico clínico geral PSF (três vagas), médico plantonista (três vagas), psicólogo, cirurgião-dentista (duas vagas), profissional de Educação Física, terapeuta ocupacional, professor A (oito vagas), professor B – português (duas vagas), professor B – língua inglesa, professor B – matemática (duas vagas), professor B – história, professor B – geografia, professor B – ciências, psicopedagogo, supervisor escolar.

Para participar, é necessária a comprovação do nível de escolaridade exigido para a função pretendida e atender a outros requisitos específicos presentes no edital. Ao serem admitidos, os profissionais deverão cumprir jornadas de 30 a 40 horas semanais e receberão remunerações mensais de R\$ 1.518 a R\$ 5.000.

Os interessados já podem realizar inscrição desde o dia 24 de julho, prazo que dura até as 23h59 do dia 24 de agosto, pelo site EducaPB, com taxas de R\$ 60 a R\$ 100. A classificação dos candidatos será realizada por meio de prova objetiva, prevista para ser aplicada no dia 21 de setembro de 2025. Para alguns cargos, também haverá prova prática e avaliação de títulos.

A data marcada para a realização da prova é 21 de setembro, e o conteúdo programático incluirá questões de português, raciocínio lógico/matемática, informática, conhecimentos gerais e conhecimentos específicos. O concurso terá validade de um ano, contado da data de homologação, podendo ser prorrogado a critério do Poder Executivo municipal, por igual período.



Por meio do QR Code, acesse o site do concurso de Santa Cecília



Foto: Noélia Nunes/Arquivo pessoal

Noélia Nunes é socióloga, professora e pesquisadora

Selic

Fixado em 30 de julho de 2025

15%

Sálário mínimo

R\$ 1.518

Dólar \$ Comercial

-0,35%
R\$ 5,398

Euro € Comercial

+0,11%
R\$ 6,317

Libra £ Esterlina

-0,07%
R\$ 7,319

Inflação

IPCA do IBGE (em %)	
Julho/2025	0,26
Junho/2025	0,24
Maiço/2025	0,26
Abril/2025	0,43
Março/2025	0,56

Ibovespa

136.340 pts
-0,01%



MERCADO DE TRABALHO

Comportamento pesa nas demissões

Metade das dispensas no Brasil, em 2024, foi motivada por atitudes, superando a automação e a redução de custos

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Um levantamento nacional realizado pelo 6º Observatório de Carreiras e Mercado da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) revelou um dado que vem provocando reflexões profundas no mundo corporativo: metade das demissões no Brasil em 2024 foi motivada por questões comportamentais. O percentual supera fatores como automação das atividades (25%) e redução de custos e cortes de despesas (25%).

O estudo, que ouviu 3.631 estudantes, 3.655 ex-alunos e 583 empresas da área de recrutamento humano, apontou que as habilidades mais valorizadas, no último ano, foram comunicação

Dados
Estudo da PUCPR aponta que as habilidades mais valorizadas foram comunicação oral e escrita, planejamento, solução de problemas e gestão de conflitos

oral (11,46%), planejamento (10,73%), solução de problemas (10,18%), gestão de conflitos (7,51%) e comunicação escrita (7,42%).

Na comparação com 2021, período marcado pelos impactos da pandemia, a lista de prioridades mudou. Naquele ano, a solução de problemas (12,58%) era o principal diferencial. Hoje, embora ainda apareça entre as competências mais procuradas, a habilidade de conviver bem com as pessoas ganha protagonismo — um reflexo direto de ambientes híbridos e relações de trabalho cada vez mais complexas.

Na Paraíba, a presidente da Associação Brasileira de Recursos Humanos — Seccional Paraíba (ABRH/PB), Patrícia Queiroz, confirma que a realidade local acompanha o cenário nacional. “O mercado atual prioriza competências comportamentais. Adaptabilidade,



Foto: Patrícia Queiroz / Arquivo Pessoal

Empatia, escuta ativa e flexibilidade para aceitar feedbacks são comportamentos fundamentais

Patrícia Queiroz

resiliência e capacidade de lidar com mudanças tornaram-se essenciais, especialmente em um cenário onde 46,2% das empresas adotam modelos híbridos de trabalho”, explica.

Segundo ela, colaboração, inteligência emocional e alinhamento cultural ocupam o topo da lista de requisitos. E, em um momento em que apenas 28,67% das lideranças recebem nota máxima em preparo para gestão de pessoas, a proatividade e autonomia do colaborador são diferenciais importantes.

“Empatia, escuta ativa e flexibilidade para aceitar feedbacks são comportamentos fundamentais. A transparência, garantindo coerência entre discurso e ação, é outra qualidade crítica. Já compor-

tamentos tóxicos, como competição excessiva e resistência a feedbacks, continuam sendo grandes obstáculos”, alerta Patrícia. Ela também chama atenção para fenômenos recentes, como o presentismo digital — a tendência de trabalhar além do horário em modelos remotos ou híbridos —, que afeta diretamente a saúde mental.

No fim, como ressalta Patrícia, o que os números mostram é que, no mercado de trabalho paraibano — assim como no restante do país —, competência técnica pode abrir a porta, mas são as atitudes que mantêm o profissional dentro dela. E, no jogo rápido das transformações, “quem se adapta e colabora tem mais chances de permanecer e crescer”, resume.

Carreira duradoura requer técnica e inteligência emocional

As demandas mudam, tecnologias renovam-se e novas formas de organização surgem em ritmo acelerado. Mais do que acompanhar essas transformações, o que define a trajetória de um profissional é a maneira como ele se posiciona diante delas, destaca Raiane Nascimento, analista Sênior de Recursos Humanos (RH) da Acuidar, empresa especialista em cuidados para idosos, adultos e crianças, com ou sem limitações físicas. Ela ressalta, ainda, que nesse cenário de mudanças aceleradas, “quem alia preparo técnico à inteligência emocional, ao respeito e à colaboração constrói não apenas uma carreira sólida, mas também relações de trabalho mais saudáveis e duradouras”.

A trajetória de Ana Priscila, hoje diretora de Marketing de Serviços da Acuidar ilustra bem esse movimento. Ela entrou na empresa, em 2023, em um cargo operacional, saiu e, pouco tempo depois, voltou como líder. “Acredito que não nascemos prontos. Somos aprendizes da vida. Além da capacidade técnica, tenho assertividade, agilidade, empatia e atenção aos detalhes... e os detalhes fazem toda a diferença no trabalho”, afirma.

Ao retornar à empresa, em janeiro deste ano, Ana acredita que pesou o legado deixado e a forma de trabalho que sempre buscou ir além do que era esperado. “Não é só vestir a camisa. É fazer o que não está na sua função, mas que precisa ser feito. Eu costumo dizer que a gente tem que saber subir e descer no mesmo elevador: conhecer a operação para fazer uma boa gestão”. Hoje, li-



Gonçalo Vicente é dono de um bar, em João Pessoa, e considera que o respeito é uma postura obrigatória no ambiente de trabalho

derando dois times com seis colaboradores no total, ela reforça que a liderança é um exercício constante. “O líder precisa conhecer as equipes no pessoal e no profissional, ter escuta ativa e, acima de tudo, ser humano”, resume.

Liderança e gestão de talentos

Se o comportamento pesa tanto para contratações e desligamentos, o papel das lideranças e a qualidade da gestão de talentos tornam-se centrais. “Na contratação, avaliamos organização, comunicação, capacidade de resolver problemas e resiliência. Mas também buscamos alinhamento aos valores da empresa: sede de crescimento, melhoria contínua e lealdade. É preciso que todos estejam remando para a mesma direção”, analisa Raiane.

Para ela, as habilidades comportamentais e socioemocionais dos profissionais — as chamadas *soft skills* —

pesam muito na decisão final, seja para contratar ou para demitir. “Muitas vezes, recebemos currículos excelentes, mas já na entrevista percebemos problemas como falta de pontualidade ou resistência ao feedback. Isso pesa muito na decisão final”, explica a analista sênior.

Entre os comportamentos mais valorizados, Raiane destaca produtividade, empatia, adaptabilidade e responsabilidade. Já entre os mais prejudiciais, estão falta de comprometimento, resistência a mudanças e comunicação agressiva. “O desenvolvimento dessas habilidades começa com autoconhecimento e se fortalece com feedbacks constantes, disposição para novas experiências e gestão eficiente do tempo”, destaca a profissional.

Essa visão é compartilhada pelo empresário Gonçalo Vicente, proprietário do

rooftop bar Salsieri, no Hotel do Mar, no Cabo Branco, em João Pessoa, focando em drinks (em português, bebidas) e comidas feitas com ingredientes paraibanos. Na liderança do negócio, que, atualmente, possui sete fun-

cionários, Gonçalo prioriza a escuta ativa e a troca constante entre os todos, e faz questão de ressaltar que o respeito é uma postura obrigatória no ambiente de trabalho. “Comportamentos inadequados prejudicam o

ambiente. Quando isso acontece de forma contínua, mesmo após orientações, não há como manter a pessoa na equipe”, afirma.

Para Gonçalo, o maior desafio da sua liderança é entender as diferenças de valores e estilos de comunicação e gerenciar essas questões de maneira empática, para não gerar conflitos. “É essencial promover diálogo aberto, compreensão mútua e respeito às diferenças de cada geração, sempre com os objetivos da empresa em mente”, conclui.

■ Mais do que acompanhar as mudanças, os profissionais precisam, também, saber como se posicionar diante delas



Principal desafio na liderança do empresário é entender as diferenças de valores e na comunicação

DÍVIDAS EM ALTA

Inadimplentes não controlam gastos

Frustração sobre a instabilidade da renda é um dos motivos apontados pelos consumidores para evitar gerir as contas

A inadimplência dos consumidores do Brasil atingiu patamar recorde, o que evidencia a dificuldade do brasileiro em manter suas contas em dia. O cenário de juros elevados e de renda baixa são desafios do Poder Público, mas a falta de educação financeira dos consumidores também é um componente importante neste contexto.

De acordo com uma pesquisa realizada pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) — em parceria com a Offerwise Pesquisas —, com consumidores que tinham contas em atraso há pelo menos três meses, 37% dos inadimplentes residentes nas capitais do país admitem que não fazem gestão dos próprios ganhos e gastos, sobretudo porque fazem o controle de cabeça (17%).

As principais razões da falta de controle orçamentário citadas pelos inadimplentes sugerem que a resistência ao controle financeiro não ocorre apenas pela falta de interesse, mas também por experiências frustrantes e por desafios estruturais relacionados à instabilidade da renda: 16% afirmaram que já observaram seus gastos, mas não observaram resultados significativos, o que os desmotivou a persistir na prática. Além disso, 15% atribuem a falta de controle à ausência de disciplina para gerenciar as despesas. Já 14% destacam a dificuldade de manter um rendimento fixo ou o desconhecimento exato de seus ganhos monetários.

“É preocupante que um percentual tão expressivo da população não utilize um método sistemático para organizar seu orçamento. Não importa a ferramenta, o importante é que

o consumidor não se desorganize financeiramente. O fundamental é sempre registrar tudo o que se ganha e se gasta, e jamais confiar na memória porque ela falha”, alerta o presidente da CNDL, José César da Costa.

O levantamento mostra, ainda, que 63% dos consumidores fazem o controle do orçamento, principalmente usando o caderno de anotações (27%) e planilha no computador (23%).

Entre os que controlam seu orçamento, a maior parte das anotações refere-se às despesas essenciais como mantimentos, produtos de higiene, luz, água, aluguel, condomínio, mensalidades de escolas (85%).

Já 77% controlam os rendimentos considerando a soma de todo dinheiro que recebem como salário, mesadas, aluguéis, ajuda de familiares, “bicos”, pensão, aposentadoria. Em seguida, 75% monitoram as prestações de compras de itens como roupas, imóvel, carro etc., enquanto 70% controlam os gastos não essenciais, como salão de beleza, lazer, saídas a bares e restaurantes, lanches, estacionamentos, táxi, roupa e presentes.

■ **Pesquisa mostrou que 28% dos consumidores admitem que, às vezes, se descontrolam e gastam mais do que deveriam**

Episódio isolado

Para quase metade dos entrevistados (47%), a ina-



Foto: Leonardo Ariele

Pelo menos 15% dos entrevistados atribuem o descontrole das finanças à ausência de disciplina para gerenciar as despesas

dimplência foi um episódio isolado, uma vez que enfrentaram essa dificuldade financeira pela primeira vez. Em contrapartida, 26% afirmaram que essa situação se repetiu, caracterizando uma segunda ocorrência, enquanto 17% declararam que a inadimplência é um acontecimento recorrente.

Para entender melhor a forma como os consumidores percebem sua vida financeira, a pesquisa investigou afirmações que mais faziam sentido para os entrevistados, revelando padrões de comportamento, desafios enfrentados e mudanças na gestão do orçamento, sendo as de maior concordância: 41% buscam o melhor custo benefício em todas as compras, 35% estão esperando ganhar mais dinheiro para começar a organizar a minha

vida financeira, 29% buscam estar sempre informado sobre finanças, organização e educação financeira e 28% admitem que, às vezes, se descontrolam e gastam mais do que deveriam.

Apesar das dificuldades financeiras, a autopercepção dos inadimplentes sobre a gestão do orçamento é bastante diversificada evidenciando a diferença entre conhecimento e execução do controle dos gastos. 41% avaliam seu conhecimento ótimo ou bom, enquanto 39% o classificam como regular e 18% como ruim ou péssimo.

“Os dados indicam que, para muitos, a gestão de dívidas se torna um desafio contínuo. Embora uma parte significativa das pessoas experimente a inadimplência como um evento isolado, muitas dificuldades recorrentes como instabilidade



Foto: João Pedrosa

de renda, falta de planejamento financeiro e controle dos gastos eficaz dificultam os consumidores de saírem da inadimplência”, destaca Costa.

Metodologia

A pesquisa foi realizada com consumidores com contas em atraso há mais de três meses, abrangendo homens e mulheres com 18 anos ou mais, de todas as classes

econômicas e capitais brasileiras. Os dados foram coletados via *web* e, posteriormente, pós-ponderados por sexo, idade, estado, renda e escolaridade. O estudo contou com uma amostra de 600 participantes, resultando em uma margem de erro de quatro pontos percentuais, para um intervalo de confiança de 95%. A coleta dos dados ocorreu entre os dias 22 e 30 de janeiro de 2025.

Cartão de crédito e empréstimo estão entre os principais vilões

Os principais vilões da inadimplência no país são o cartão de crédito (23%), os empréstimos em bancos ou financeiras (16%) e o crediário (12%), segundo a pesquisa do CNDL e do SPC Brasil. O levantamento também mapeou quais são os compromissos financeiros em atraso, mas que não levaram ainda o consumidor à inadimplência: mais uma vez o cartão de crédito (15%) lidera a lista, seguido pelas contas de água e luz (10%) e em seguida o cheque especial (9%, com destaque para as classes A e B).

“O país vive um momento de alta inadimplência e juros altos, esse cenário desafiador demanda paciência e educação financeira por parte dos consumidores”, destaca o presidente da CNDL, José César da Costa.

De acordo com ele, é necessário avaliar bem antes de fechar um acordo. “Na hora de negociar uma dívida, é importante ir com um planejamento que possa ser realmente cumprido e na

hora de buscar um crédito, deve-se sempre considerar todas as taxas envolvidas. Além disso, o consumidor deve ficar atento, uma vez que aqueles créditos que ficam disponíveis com mais facilidade são os emprés-

timos com juros mais caros”, destaca o presidente da CNDL.

Prioridades

No ranking das contas prioritárias, a pesquisa mostra que os consumidores pa-

gam em dia primeiro as que são de uso diário e podem ter seus serviços cortados: a internet (73%), as contas de água e luz (68%) e o telefone (65%), seguidos pela TV por assinatura (59%) e plano de saúde (48%).

Já os principais compromissos financeiros dos entrevistados são as contas de água/luz (86%), o cartão de crédito (85%), internet (84%), conta de telefone (80%) e TV por assinatura (67%).

Entre as contas com maior tempo médio de atraso destacam-se parcelas a pagar em cheques pré-datados (15 meses), escola/faculdade/Fies (15 meses), condomínio (13 meses), crediário (11 meses) e os empréstimos (11 meses).

Já os compromissos com menor média de tempo são: telefone (seis meses), financiamento de casa própria (seis meses) e financiamento de automóvel (seis meses). “As contas de telefone e internet são prioritárias, uma vez que estas ferramentas se tornaram indispensáveis para os consumidores, inclusive para a vida profissional”, explica Merula Borges, especialista em finanças da CNDL. “O importante é que o consumi-

dor faça um controle dos seus gastos mensais e mantenha suas contas básicas dentro do previsto no orçamento. Anotar todos os compromissos financeiros e fazer um planejamento mensal, inclusive dos gastos extras, ajuda o consumidor a ter uma visão realista do quanto pode gastar”, acrescenta a especialista.

“

Na hora de negociar uma dívida, é importante ir com um planejamento que possa ser cumprido

José César da Costa



Foto: Caetano Rodrigo

Importante para as vendas, cartão de crédito responde por 23% da inadimplência no país

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Painel já foi a Sousa e a Monteiro

Nas duas cidades visitadas, foram feitas discussões importantes sobre a ciência, dados e relatos dos impactos do clima

Ascom Secties

Com a presença ativa de um público formado por pesquisadores, estudantes e gestores públicos, o IV Painel Paraibano de Mudanças Climáticas já percorreu Sousa e Monteiro, levando discussões importantes sobre ciência, dados e relatos sobre os impactos no clima. Promovido pelo Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties) e da Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semas), em parceria com instituições de ensino e pesquisa, o evento se prepara agora para chegar a Campina Grande, no dia 4 de setembro, e a João Pessoa, nos dias 24 e 25, ampliando o diálogo técnico e comunitário sobre os desafios e soluções para mitigar os efeitos das mudanças climáticas.

A abertura dos trabalhos aconteceu em Sousa, no último dia 7 de agosto, e contou com a presença do secretário-executivo de Ciência e Tecnologia da Secties, Rubens Freire, autoridades, pesquisadores acadêmicos, estudantes e gestores públicos. Em seguida, o painel chegou a Monteiro, onde aconteceu nos últimos dias 14 e 15 de agosto.

Às vésperas da COP30, que acontecerá em novembro no Brasil, a Secties promoveu a integração entre ciência e gestão pública para compreender os impactos das mudanças climáticas e buscar soluções para mitigá-los antes que seja tarde. “O Painel de Mudanças Climáticas acontece em um ano muito importante que vai acontecer a COP30 no Pará. Tudo o que é discutido hoje em ciência e em desenvolvimento, é preciso levar em conta a sustentabilidade para a convivência cada vez mais com a questão dos recursos naturais. Isso é muito importante, principalmen-

Caminhos

Evento se prepara agora para chegar a Campina Grande, no dia 4 de setembro, e a João Pessoa, nos dias 24 e 25

te para deixar todo um legado para as futuras gerações da preservação”, ressaltou o secretário Claudio Furtado.

A coordenadora do painel, Simone Porfírio, destacou a importância de o evento retornar, na sua quarta edição. “Estamos muito felizes por estarmos mais uma vez realizando o quarto painel de Mudanças Climáticas. Estamos surpresos positivamente com o engajamento do público. Tivemos auditórios lotados e muito conhecimento compartilhado ao longo do dia”, disse.

Para a estudante Maria Clarice, que cursa Técnico em Meio Ambiente no IFPB, Campus Sousa, o evento foi essencial para sua formação. “Acho muito importante essa palestra sobre as mudanças climáticas, ainda mais para o meu curso, porque já vou me adaptando mais e aprendendo mais sobre o tema”. O professor de Sociologia do Campus Sousa, Pedro Santiago Couto, também ressaltou a importância do debate. “Faço parte do Comitê de Energias Renováveis do Semiárido [Cersa], que é muito preocupado tanto com as questões das mudanças climáticas, mas principalmente com a nossa Caa-

tinga, um bioma que segue sendo devastado e pouco valorizado. Aqui na Paraíba, principalmente no Sertão e no Campus Sousa, há uma preocupação imediata em tratar dessa temática, pela importância que ela tem não só para o Brasil, mas para o mundo. Um evento como esse é fundamental para dialogar com os estudantes, formar também as comunidades externas e seguir atuando para transfor-

mar essa realidade tão problemática”, comentou.

Alterações no clima ocorrem naturalmente desde os tempos remotos da Terra. Contudo, os cientistas evidenciam que as variações atuais são aceleradas em função do modo de vida adotado pela humanidade a partir da Revolução Industrial. A demanda por energia, minerais e água, somada à produção alimentar em larga escala para bilhões de pessoas, provoca extração de recursos naturais até seu esgotamento. O gás carbônico, resultante do consumo e da produção industrial, é o principal responsável pela intensificação do efeito estufa, fenômeno que mantém a temperatura do planeta. Diante dos alertas científicos, o Acordo de Paris (2015) estabeleceu a meta de limitar o aquecimento global a 2° C em relação aos níveis pré-industriais.

Como a dinâmica climática é global, o enfrentamento também deve ser. No entanto, cada região sofre impactos de forma diferente e requer ações locais sustentáveis. Por isso, o Governo da Paraíba, por meio da Secties, da Semas e de parceiros institucionais, realiza o IV Painel Paraibano de Mudanças Climáticas — A Consciência pelo Conhecimento para fortalecer o diálogo técnico-científico e subsidiar políticas de prevenção e mitigação.

Após Sousa e Monteiro, o evento seguirá para Campina Grande (4/9) e João Pessoa (24 e 25/9). No dia

20 de setembro, Dia Estadual de Conscientização sobre Mudanças Climáticas na Paraíba (Lei Estadual nº 12.392/2022), serão realizadas ações com ONGs paraibanas. A participação é gratuita e as inscrições podem ser feitas pelo site da Secties.

Impactos

De acordo com o pesquisador do Instituto Nacional do Semiárido (Insa), Aldrin Marin Perez, mesmo com o cumprimento das metas do Acordo de Paris, o Brasil continuará enfrentando alterações nos padrões climáticos.

“Existem 14 ameaças climáticas sob cenários de aquecimento de 1,5°C e 2°C: aumento de temperatura e ondas de calor em todo o território, maior ocorrência de secas no Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste, e intensificação de eventos extremos, como chuvas torrenciais e ventos severos”.

Na Paraíba, a zona costeira sofre com a elevação do nível do mar, acidificação e aquecimento da água, que provocam branquea-

mento e mortalidade de corais. No interior, a intensificação da desertificação e a escassez hídrica comprometem a agricultura e a segurança alimentar.

Desertificação

O Boletim Temático da Sudene revela que 18% do território brasileiro, principalmente no Semiárido, está suscetível à desertificação, onde vivem 39 milhões de pessoas. Na Paraíba, mais de 12% do território já atingem os níveis mais altos desse fenômeno. “Onde a degradação se instala, crescem os riscos sociais — êxodo rural, insegurança alimentar, perda de renda, escassez hídrica”, adverte Aldrin Perez.

Apesar disso, ele afirma que é possível reverter parte do cenário: “Os mapas mostram onde estão os focos da degradação e, com isso, onde precisam estar concentrados os esforços de recuperação. Com políticas públicas bem orientadas, ações de rearboreção, agroecologia, manejo sustentável e justiça ambiental, é possível reverter parte desse cenário”.

Saiba Mais

Próximas etapas do IV Painel Paraibano de Mudanças Climáticas

Etapa Borborema: Monteiro – 14/8 (IFPB Monteiro)

Etapa Agreste: Campina Grande – 4/9 (Insa)

Etapa Mata Paraibana: João Pessoa – 24 e 25/9 (IFPB Jaguaribe)



Fotos: Divulgação/Secties

Público jovem lotou o espaço onde as ações foram discutidas no último dia 7 deste mês, em Sousa, Sertão da Paraíba



O professor de Sociologia do Campus de Sousa, Pedro Santiago (D), ressaltou a importância do debate



REINO FUNGI

Pesquisas avançam com novas descobertas

Mais de 40 espécies desconhecidas de fungos foram catalogadas na Paraíba desde os anos 1960

Emerson da Cunha
emerson.aumino@gmail.com

1961. O pesquisador alemão Rolf Singer vem ao Brasil e, nas proximidades da capital, cataloga os primeiros fungos paraibanos. *Pleurotus djamor*, *Trogia cantharelloides*, *Paxillus guttatus* constam como as primeiras espécies fúngicas catalogadas em solos do estado. Ao longo de 16 anos, mais descobertas seriam realizadas pelo pesquisador estrangeiro, que acabou fazendo a sua última em território paraibano, em 1977, com a catalogação do cogumelo *Camarophyllus paraibensis*. Um hiato passou-se até chegar ao ano de 2013, quando os trabalhos de outro pesquisador, o professor Felipe

Wartchow, do Departamento de Sistemática e Ecologia, do Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e sua equipe, desvendam mais uma nova espécie de fungo no estado.

Foi o “nascimento”, ou melhor, a catalogação do cogumelo *Hydropus griseolazulinus*, espécie da ordem *Agaricales*. As pesquisas seguiram nos anos seguintes e, até neste ano, Wartchow e equipe têm registradas mais 22 novas espécies de fungos na Paraíba. As mais recentes foram descobertas na Área de Proteção Ambiental (APA) da Barra de Mamanguape, os cogumelos *Tylophilus curtipes* e *Tylophilus simulissimus*. No total, o estado registra mais de 40 espécies

propriamente “paraibanas” de fungos, encontradas e catalogadas por aqui.

Esse processo de buscas por novas espécies de fungos é o principal trabalho de Wartchow e sua equipe, formada por outros pesquisadores e estudantes do curso de Ciências Biológicas. É o que se chama de sistemática e taxonomia, que atua na descrição e descoberta de espécies. Eles especializam-se em fazer a busca ativa de fungos em geral, especialmente cogumelos, em áreas de floresta e mata, tentando identificar, por meio de diversas características, se o fungo encontrado pertence a uma espécie conhecida ou se é uma novidade.

É a chamada pesquisa ma-

croscópica, na qual as análises ainda estão no campo de visão maior, junto de outras caracterizações, como cheiro, por exemplo. Além disso, o trabalho continua no laboratório, com análises microscópicas de DNA e outras partes. Quando esse momento finda, é hora de desidratar os fungos, que permanecem armazenados para estudos e pesquisas posteriores. No caso das descobertas de Wartchow e equipe, eles ficam no Laboratório de Morfo-Taxonomia Fúngica.

Um dos locais de pesquisa do grupo é a Floresta Nacional de Restinga de Cabedelo, ou Mata do Amem, área federal de conservação. “Em 2012, foram as primeiras vezes que eu coletei naquela Unidade de

Conservação. Fiz seis viagens de abril a julho, foram encontradas 70 espécies de cogumelos. E eu não estou nem considerando todos os tipos de fungos. Tem orelha de pau e outras morfologias”.

Mesmo com a riqueza de biodiversidade, os impactos urbanos ambientais são sentidos, e pode-se deixar de conhecer e catalogar fungos antes que eles desapareçam no nosso território. “É uma área que sofre muita pressão urbana, de trem, de rodovia, constando grande diversidade de espécies de fungos. Eu devo ter aqui quase 150 espécies de fungos que não consegui ainda trabalhar, algumas delas já descritas pela ciência e muitas outras ainda sequer conseguimos trabalhar”, explica

o biólogo, sobre a necessidade de preservação das áreas naturais.

“A princípio, a importância do meu trabalho é catalogar as espécies para confirmar que o Brasil realmente é o país com o maior número de espécies do mundo, de vários organismos. O Brasil é o primeiro lugar em biodiversidade”, explica, ainda, o pesquisador. “Os estudos indicam o Brasil como país megadiverso em vários tipos, em vários organismos, inclusive para fungo. E meu tipo de trabalho de catalogar, de descrever espécies novas, de descobrir fungos novos ajuda a melhorar essa premissa do que o Brasil é o mais megadiverso também para o fungo”, defende Wartchow.

Suplementos alimentares

A relação do professor Fillipe Oliveira, farmacêutico, professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e coordenador do grupo *Fungi*, com os fungos mudou ao longo do tempo. Tendo iniciado suas pesquisas com fungos agentes de doenças, como as de pele ou do couro cabeludo, ao iniciar suas atividades em um curso de Nutrição, começou a perceber como os fungos poderiam, deteriorando alimentos, influenciar ainda em efeitos adversos aos seres humanos.

Mas, foi apenas na convivência com uma de suas alunas produtora de cogumelo que viu o papel promissor entre alimentos disponíveis, seja nutritivamente, seja nas funções biológicas. Atualmente, o professor tem atuado sobre fungos que podem servir de nutracêuticos, ou seja, produtos alimentícios ou partes de alimentos que ofere-

cem benefícios à saúde, incluindo prevenção e tratamento de doenças, além de complementar dieta. Ou, como é o termo mais comum, no caso dos fungos, suplementos alimentares.

Atualmente, ele e seu grupo de pesquisa estão dedicados ao cultivo de dois tipos de cogumelos shimeji, cujo nome científico é o *Pleurotus*, um rosa e um branco, na cidade de Cuité. Nesse momento, ocorre a fase de análise do potencial nutricional dos cogumelos, das quantidades de fibra, proteína e de compostos bioativos. A ideia é ver a possibilidade de eles atuarem como potencial probiótico, que “ajudam na saúde da nossa microbiota intestinal”. Ele explica que é como se bactérias boas se alimentassem desses cogumelos ao consumirmos, e vão povoando o intestino, trazendo benefícios, como melhoria da imunidade. “Tendo efeito pro-

biótico, a última etapa é fazer o desenvolvimento de nutracêuticos, ou seja, um suplemento alimentar em cápsula que ajudaria os consumidores a alcançar concentrações ideais de nutrientes, de compostos bioativos e dos benefícios que os cogumelos poderiam oferecer. Essas últimas etapas, só ano que vem”, explica o pesquisador.

■ Grupo de pesquisa dedica-se ao cultivo de dois tipos de cogumelos shimeji, na cidade de Cuité

Sustentabilidade no cultivo

Para além de produzir o cogumelo, que pode ser comestível, a pesquisa também avança na sustentabilidade do substrato utilizado, ou seja, a base sobre a qual os cogumelos ganham vida e reproduzem-se, a partir de resíduos locais. “A gente utiliza resíduo agrônomico. Em Areia, no Brejo da Paraíba, se produz muita banana. E as folhas de bananeira são produtos que iriam para o solo, por exemplo, o que pode causar problemas e impactos negativos no ambiente. Então, a ideia é a gente utilizar esse material como substrato para o fungo crescer. Utilizamos também resíduos oriundos de indústria de polpa de frutas, em Nova Floresta, pertinho de Cuité. A gente escolheu o cajá como modelo e saiu

fazendo formulações, misturando folha de bananeira e cajá para entender se de fato servem como meio nutritivo, como substrato para o cogumelo”.

Além disso, o que sobra do material, o pós-substrato, pode ser reutilizado no próprio solo com menor impacto e mesmo como fertilizante “porque o fungo tem essa habilidade de degradar componentes que são muito duros, muito rígidos na estrutura desses resíduos agrícolas”, explica Oliveira. “O pequeno produtor, por exemplo, pode usar a folha de bananeira para produzir cogumelo, que serve para sua dieta ou seu comércio. E ainda retorna para o seu para o próprio solo para produzir outras plantas, outros alimentos”, ressalta o professor.

Fungos no espaço urbano

Porém, é preciso ter cuidado porque contextos urbanos podem ser um bom cenário para a disseminação de doenças causadas por fungos, como é o caso da esporotricose, causada por fungos do gênero *Sporothrix*. Tendo como foco inicial o Rio de Janeiro, no fim dos anos 1990, e tendo pouca incidência no estado paraibano, desde 2017 o número de infecções por essa doença vem aumentando sistematicamente, sendo considerada endêmica no estado. Até 2023, ano do último Boletim Epidemiológico do estado para a doença, haviam sido registradas 577 casos, em 43 municípios, com preponderância de casos na Região Metropolitana de João Pessoa.

“Em 2017, por mais que a gen-

te estudasse esporotricose, a gente via dois, três casos no ano, normalmente relacionada a pessoas que trabalhavam com solo e vegetação. Até chamava de ‘doença do jardineiro’”, lembra o professor e pesquisador de fungos Felipe Queiroga, do curso de Farmácia da UFPB, coordenador do Laboratório de Micologia Clínica, que estuda a criação de potenciais antifúngicos.

“A partir de 2016, 2017, 2018, houve aumento nos casos, principalmente em pessoas em contato prévio com animal contaminado, particularmente gato. É uma doença fúngica que acomete o tecido subcutâneo, a região mais profunda da nossa pele, e

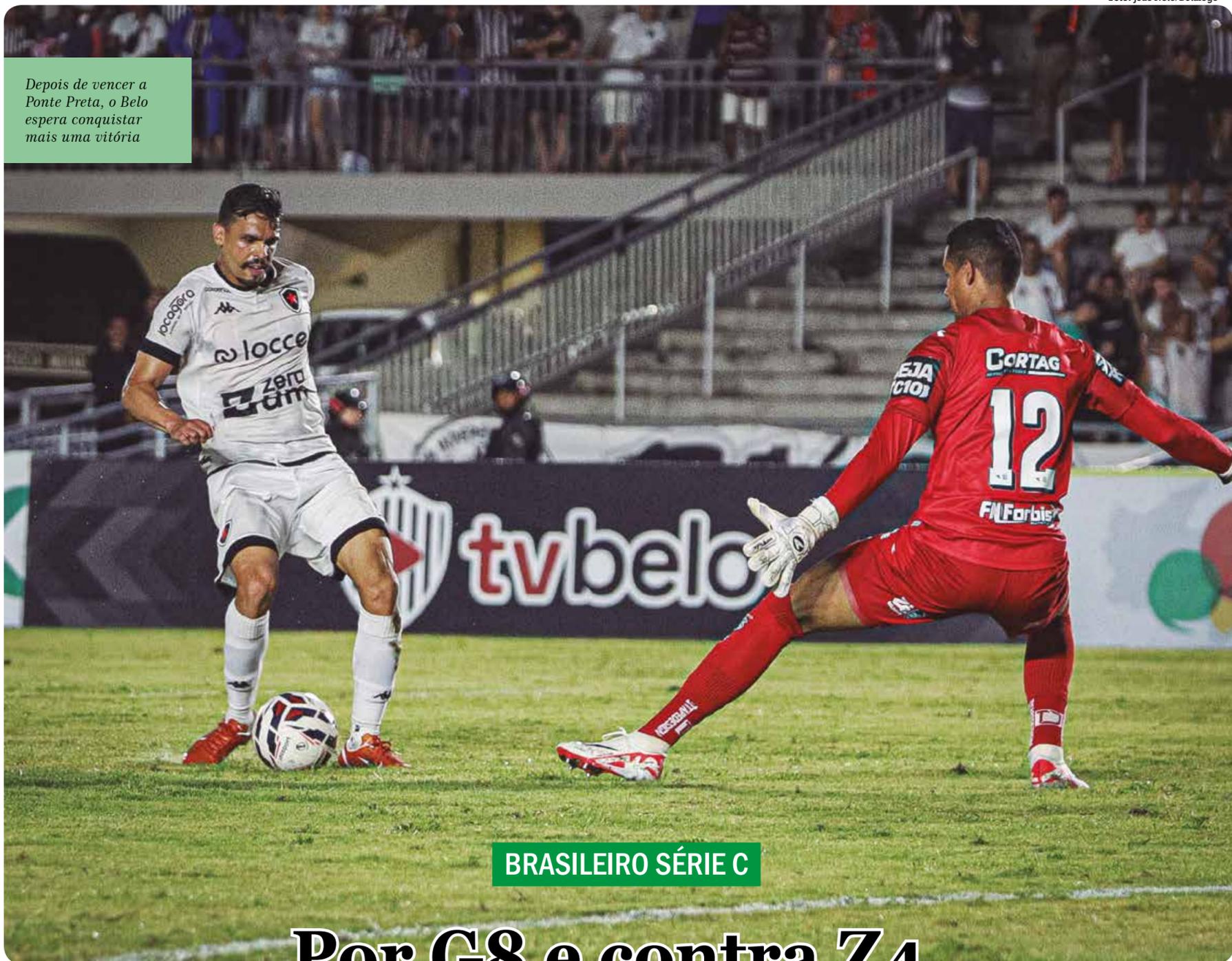
que tem característica zoonótica. A principal vítima é o gato, que termina pegando esse fungo do solo, da vegetação, de outros animais, em contato com ratos, com outros gatos. A gente não tem controle adequado dessa população, eles ficam muito suscetíveis no ambiente urbano, a gente vê muitos animais desprezados na nossa cidade, principalmente quando estão doentes”, finaliza.



O processo de buscas e descobertas de novas espécies de fungos é o principal trabalho do professor Felipe Wartchow e sua equipe, na Universidade Federal da Paraíba

■ Os cogumelos ganham vida e reproduzem-se, a partir de resíduos agrônomicos locais

Depois de vencer a Ponte Preta, o Belo espera conquistar mais uma vitória



BRASILEIRO SÉRIE C

Por G8 e contra Z4, Belo enfrenta o Ypiranga

Confronto válido pela 17ª rodada acontece amanhã, no Colosso da Lagoa, em Erechim (RS)

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O Botafogo enfrenta o Ypiranga, que tem 21 pontos, amanhã, às 19h30, no Colosso da Lagoa, em Erechim (RS). O duelo é válido pela 17ª rodada do Campeonato Brasileiro Série C. Em caso de vitória, o Alvinegro, que tem 19 pontos, ultrapassa o rival, podendo entrar no G8 com uma combinação de resultados favoráveis. O confronto contra os gaúchos será o 240º jogo do Belo na Terceira Divisão, desde 2014.

Na atual edição da Série C, o clube da Maravilha do Contorno só esteve no G8 nas três primeiras rodadas. O desempenho no decorrer da competição ainda colocou a agremiação pessoense no Z4, nas rodadas 10 e 11. Neste momento, o Botafogo, assim como outras equipes, briga, ao mesmo tempo, por uma vaga ao quadrangular de acesso e contra o rebaixamento. O Alvinegro iniciou a 17ª rodada com dois pontos a menos que o 8º e dois pontos a mais que o 17º.

Igor Maduro, que teve seu contrato renovado até 2028, concedeu entrevista coletiva durante a semana e falou sobre o jogo de amanhã. Os últimos três jogos do Botafogo na Série C de 2025 (Ypiranga, Tombense e Anápolis) terão grande impacto no calendário do clube para o ano de 2026. Em um cenário catastrófico, o clube jogará a Série D no próximo ano. Em outro, a agremiação garante, pelo menos, a manutenção na competi-

ção nacional. Já em um cenário vislumbrado por um torcedor otimista, o Alvinegro vence os três confrontos restantes e conquista uma vaga no quadrangular de acesso.

“Temos três jogos nesta reta final, estamos encarando como finais, assim como foi contra a Ponte Preta. Temos agora o Ypiranga, não adianta a gente pensar nos outros dois jogos. É focar jogo a jogo, a nossa intenção é voltar do Sul com a vitória”, destacou Igor Maduro.

“Sabemos que a Série C é um campeonato muito igualitário e competitivo. Então, acredito que vai ser um jogo complicado, mas é preciso manter o que fizemos [na última partida]. Tivemos uma grande atuação contra a Ponte. A gente soube se defender, soube atacar, ficar com a bola e matar quando foi preciso. É isso que temos que levar para o jogo em Erechim”, completou.

Paraibanos e gaúchos estiveram frente a frente em três oportunidades, todas pela Terceira Divisão (2022, 2023 e 2024). No modelo de disputa em que os clubes enfrentam-se em turno único, o Belo não perdeu para o Ypiranga. O confronto nunca ocorreu no Almeidão, mas registra dois empates e uma vitória para o Botafogo.

“Temos um grupo que trabalha bastante, que se cobra bastante para estar sempre melhorando, para evoluir. E acredito que, lá em Erechim, vamos conseguir fazer uma grande partida, vamos ficar atentos aos detalhes para ter êxito”, comentou o volante do Belo.

No último encontro das equipes, no dia 28 de julho de 2024, no Colosso da Lagoa, as agremiações proporcionaram um enfrentamento de dois tempos distintos. No primeiro, não houve chances claras de gols, terminando 0 a 0. Na segun-

da etapa, a vontade dos times de vencer contagiou a partida. Assim, nos 45 minutos finais, houve quatro gols, e o placar do confronto foi 2 a 2.

Ypiranga

A equipe gaúcha vive um jejum de seis jogos. No período, contabiliza quatro derrotas e dois empates. Antes dessa sequência negativa, o Ypiranga chegou a ocupar a terceira posição na tabela de classificação. Agora, faltando três rodadas para o fim da fase classificatória, com uma campanha de 21 pontos, seis vitórias, três empates e sete derrotas, vê suas chances de avançar ao quadrangular ameaçadas. O último triunfo da agremiação na Série C ocorreu dia 29 de junho, contra o ABC, por 3 a 0, na 10ª rodada.

Em entrevista coletiva, o meia Jean Pyyerre, camisa 10 do Canarinho, comentou sobre o momento do clube. “A situação está cada vez mais se afinando, mas os únicos responsáveis por esse cenário somos nós [atletas, comissão e todo mundo do dia a dia]. Já tivemos diversas oportunidades de reverter, mas não podemos fazer terra arrasada. Não éramos os melhores quando tivemos uma sequência positiva, e agora não somos os piores. [...] Precisamos quebrar essa sequência negativa e retomar o caminho das vitórias para que possamos classificar e depois buscar o nosso principal objetivo”, afirmou.

Jogo 240

O Botafogo fará o seu 240º jogo na Série C do Campeonato Brasileiro, desde 2014, primeiro ano de uma sequência de 12 participações consecutivas na competição nacional. No recorte, o Belo acumula 83 vitórias, 87 empates e 69 derrotas. Ao todo, o clube tem 22 aparições no certame, com a primeira registrada em 1988. Nos 239 jogos que fez na Terceira Divisão, o time marcou 275 gols, média de 1,15 por partida. Além disso, foi vazado 243 vezes, média de 1,01.

Arbitragem

Thaillan Azevêdo Gomes (CBF-AP) será o comandante do apito no confronto entre Ypiranga e Botafogo. Ele terá como assistentes Inácio Barreto Da Câmara (CBF-AP) e Luan Patrique Pereira da Silva (CBF-AP). Jodis Nascimento de Souza (CBF-RJ) é o quarto árbitro.

Outros jogos

Depois dos jogos de ontem, a 17ª rodada da Série C terá seu complemento hoje, com duas partidas acontecendo às 16h30: o Brusque recebe o Londrina no Augusto Bauer, no Vale do Itajaí; e o São Bernardo enfrenta o Figueirense, no Primeiro de Maio, no ABC Paulista. Às 19h, ocorrem mais dois confrontos: Náutico e Anápolis, no Estádios Aflitos, em Recife; e Confiância e Floresta, no Batistão, em Aracaju. Amanhã, além de Ypiranga e Belo, também às 19h30, jogam Tombense e Caxias, no Estádio Municipal de Tombos.

Foto: Matheus Weschenfelder/Ypiranga



Jean Pyyerre acredita em reação da equipe na reta final

NO PARADESPORTO

Fórum vai debater deficiência visual

Pessoas cegas e de baixa visão são o alvo do evento em São Paulo, dentro do Encontro Mundial que ocorrerá em setembro

A CBDV (Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais) está com inscrições abertas para o Fórum Paradesportivo para Pessoas Cegas e com Baixa Visão: Uma Jornada de Excelência da Gestão ao Pódio, evento que ocorrerá em São Paulo, nos dias 4 e 5 de setembro, dentro da programação do 11º Encontro Mundial da Deficiência Visual, que começará no dia 1º e vai até o dia 5.

O evento proposto terá como estrutura central a realização de painéis temáticos, que abordarão aspectos essenciais da organização e expansão do paradesporto. Entre os temas, estarão em foco: as experiências de governança esportiva; os mecanismos de fomento e sustentabilidade; as políticas de base; a formação de profissionais; e o alto rendimento nas modalidades administradas pela CBDV.

“No âmbito do encontro, inserir o paradesporto nesse contexto é não apenas oportuno, mas estratégico. A realização do fórum permitirá dar visibilidade às conquistas, aos desafios e às potencialidades dessa agenda, reforçando o papel do esporte como ferramenta de inclusão, superação de limites, enfrentamento de barreiras e fortalecimento de identidades individuais e coletivas”, explica o coordenador de Gestão Estratégica da CBDV, professor Carlos Ferrari.

O Encontro Mundial da Deficiência Visual é promovido há mais de 40 anos pela



Foto: Alessandra Cabral/CPB

O futebol de cegos é uma das modalidades do paradesporto que mostra a inclusão de pessoas com deficiência na modalidade de maior expressão no país

União Mundial de Cegos (WBU – World Blind Union), principal organização internacional dedicada à representação e defesa dos direitos das pessoas cegas e com baixa visão. Realizado a cada quatro anos, o evento consagrou-se como o maior e mais relevante fórum global para a troca de experiências, inovação, ar-

ticulação política e técnica no campo da deficiência visual.

Pela primeira vez em 11 edições, a América Latina será sede e terá como país-anfitrião o Brasil. As inscrições já estão abertas e podem ser realizadas exclusivamente *on-line*, no [site mundialdedeficienciavisual.com.br](http://site.mundialdedeficienciavisual.com.br). Os valores va-

riam conforme a categoria e a data de inscrição, com descontos especiais para brasileiros graças a subsídios de patrocinadores. O Holiday Inn Parque Anhembi é o hotel oficial do evento, oferecendo tarifas promocionais para os participantes que adquiram quartos juntamente com a inscrição.

A realização do evento no Brasil se dá por meio da ONCB (Organização Nacional de Cegos do Brasil), em parceria com o CPB (Comitê Paralímpico Brasileiro) e a CBDV.

Inscrições e programação

O Fórum Paradesportivo para Pessoas Cegas e

com Baixa Visão vai acontecer dentro do espaço do Encontro Mundial, no Centro de Convenções Distrito Anhembi. As primeiras 200 pessoas que se inscreverem terão acesso gratuito ao evento. Basta preencher o formulário no *site* com nome completo, idade, CPF e cidade de origem.

BOLSA ATLETA

Governo Federal registra o maior número de beneficiários

O Ministério do Esporte publicou a lista de 9.207 atletas que assinaram o termo de adesão ao Programa Bolsa Atleta, registrando o maior número de beneficiários desde a

criação da iniciativa. O documento marca a etapa final para o repasse do auxílio financeiro, que garante apoio direto à preparação dos esportistas para o ciclo olímpico

rumo a Los Angeles 2028.

O total de atletas apoiados alcança uma marca inédita. Em relação a 2022, quando 7.236 esportistas receberam o benefício, o crescimento foi de

27,2%. Na comparação com 2024, que teve 8.739 contemplados, o aumento é de 5,36%, consolidando 2025 como o ano com o maior alcance do programa.

Somando o Bolsa Atleta e o Bolsa Pódio, o número total de atletas apoiados pelo programa chega a 9.673. Em 2024, eram 9.075 esportistas, um aumento de 598 atletas, o que re-

presenta crescimento de 6,6%.

“É um novo marco histórico que o Bolsa Atleta acaba de alcançar desde a sua criação; isso significa mais atletas com tranquilidade para treinar, competir e sonhar com o pódio, especialmente neste ciclo olímpico rumo a Los Angeles em 2028. Um salto importante também nos recursos, passando de R\$ 160 milhões para R\$ 176 milhões. Os números comprovam que, no governo do presidente Lula, o esporte é tratado com respeito e seriedade. Seguimos firmes apoiando os nossos talentos e construindo um Brasil cada vez mais forte em um esporte mundial”, afirmou o ministro do Esporte, André Fufuca.

A secretária nacional de Excelência Esportiva, Iziane Marques, destacou a importância do momento. “O termo de adesão é o compromisso formal entre o governo e o atleta. Após essa assinatura, ele começa a receber efetivamente o benefício no mês subsequente. Ele simboliza nossa política de valorização do esporte de alto rendimento e garante condições para que nossos talentos cheguem ainda mais longe”, afirmou.

Criado em 2005, o Bolsa Atleta é considerado o maior programa de patrocínio individual de atletas do mundo, contemplando esportistas de modalidades olímpicas e paralímpicas em diferentes categorias, do estudantil ao pódio.



Foto: Miriam Jeske/CPB

Auxílio financeiro do Bolsa Atleta garante apoio direto à preparação dos esportistas para mais um ciclo olímpico rumo aos Jogos de Los Angeles em 2028

NEYMAR

Craque estreou na Seleção há 15 anos

Atacante fez o seu primeiro jogo no dia 10 de agosto de 2010, contra os Estados Unidos, e marcou um gol de cabeça

Disseram que Careca faria. Depois, Romário. Para Ronaldo, parecia ser basicamente uma formalidade. No entanto, por mais sobrenaturais que esses atacantes fossem com a camisa da Seleção Brasileira, eles não conseguiram igualar a marca de 77 gols de Pelé.

Finalmente, a marca foi eclipsada por alguém que, no início de sua carreira, era visto mais como um criador de chances do que um artilheiro. No início das Eliminatórias Sul-Americanas para a Copa do Mundo da Fifa 26, Neymar anotou dois gols em vitória sobre a Bolívia e chegou à marca de 79 gols pelo Brasil.

Devido a uma sequência de lesões, em especial a ruptura do ligamento cruzado do joelho esquerdo contra o Uruguai, Neymar está afastado da Seleção há quase dois anos. Agora, isso pode estar prestes a mudar. Na semana passada, ele jogou os 90 minutos pela quinta partida consecutiva e marcou dois gols na vitória do Santos sobre o Juventude, por 3 a 1 e ainda foi destaque na vitória, de 2 a 1, sobre o Cruzeiro, na rodada seguinte. Membros do Departamento de Futebol da CBF estavam na plateia enquanto o técnico da Seleção se prepara para anunciar sua segunda convocação.

Por essas e outras, no seu 15º aniversário da estreia de Neymar pelo Brasil, a Fifa presta homenagem a um gênio único.

Menino prodígio

Os rumores sobre o fenomenal talento de Neymar co-



Foto: Raul Baretta/Santos FC

Neymar vem recuperando o seu melhor futebol e ainda segue muito assediado nos jogos que vem disputando no Brasileirão

so após o Mundial na África do Sul, jogando ao lado de Thiago Silva e Daniel Alves em um amistoso com os Estados Unidos, em Nova Jersey. Ele precisou de apenas 28 minutos para abrir a sua contagem — curiosamente, com um atípico gol de cabeça. A partida terminou em vitória por 2 a 0.

No primeiro gol pelo Brasil

O Instagram não existia. Neymar, hoje, tem 231 milhões de seguidores na plataforma, mais que Katy Perry, Rihanna, LeBron James e a Nasa juntos. “Avatar” havia acabado de se tornar o filme de maior bilheteria de todos os tempos. “Love The Way You Lie”, de Eminem, com a participação especial de Rihanna, “Billionaire”, de Travie McCoy com Bruno Mars, e “Club Can’t Handle Me”, de Flo Rida e David Guetta, eram as músicas mais tocadas mundo afora. As *air fryers*, a Alexa da Amazon e as produções originais da Netflix não existiam. O primeiro *iPad* da Apple havia sido lançado recentemente, enquanto o Uber contratava o seu primeiro funcionário.

As maiores vítimas

Neymar marcou nove gols em apenas cinco partidas contra o Japão. Em seguida, as suas maiores vítimas são Peru (seis gols), Estados Unidos (cinco) e Equador (quatro). Entre os principais títulos com a Seleção Brasileira, a Copa das Confederações da Fifa de 2013, quando anotou quatro gols em cinco jogos, entre eles um golaço de canhoto na vitória de 3 a 0, sobre a Espanha, na final.

Ele também faturou a Bola de Ouro Adidas no torneio e o Torneio Olímpico de Futebol Masculino dos Jogos do Rio 2016. Era o único título que o Brasil não possuía na sua ilustre coleção, apesar de tê-lo buscado intensamente. Jogando em casa, Neymar tratou de conquistar o ouro olímpico marcando gols e dando assistências, além de ter convertido o pênalti que garantiu a vitória sobre a Alemanha na disputa de penais.

Quando tinha 13 anos, Neymar passou 20 dias fazendo testes no Real Madrid, mas não aceitou ficar na Europa

meçaram a surgir quando ele tinha 10 anos. O bicampeão mundial Zito não demorou a se convencer quando o viu jogar futsal. “Fiquei maravilhado”, recordou o ex-meio-campista, morto em 2015. “Fui encontrar o presidente [do Santos] em seguida e lhe disse que ele precisava contratar o Neymar imediatamente”.

Mas o presidente Marcelo

Teixeira informou a Zito que o clube não tinha uma categoria de idade para Neymar. “Então, invente uma!”, insistiu Zito. E assim fez Teixeira.

Quando tinha 13 anos, Neymar passou 20 dias fazendo testes no Real Madrid, onde à época jogavam Ronaldo, Roberto Carlos, Zinedine Zidane e David Beckham. O poderoso clube espanhol fez

de tudo para contratá-lo e quase conseguiu, mas o garoto decidiu permanecer no Santos. Ele estreou pelo time paulista aos 17 anos, em 2009, e não tardou a brilhar.

Convocação que não veio

Havia clamor para que Dunga levasse Neymar para a Copa de 2010, na África do Sul. O próprio Pelé incenti-

vou o treinador a convocar o jovem de 18 anos. Mas Dunga se recusou a ceder e, pecando pela falta de criatividade, o Brasil foi eliminado, por 2 a 1, nas quartas de final, contra a Holanda.

Primeiro jogo, primeiro gol

Neymar fez a sua estreia pela Seleção Brasileira no primeiro compromiss-



Foto: Divulgação/Fifa

A medalha de ouro nas Olimpíadas veio com o atacante sendo o grande protagonista da conquista no Rio de Janeiro

Saiba Mais

Neymar é o mais jovem atleta a ter marcado mais de três gols em um jogo do Brasil. Aos 22 anos, ele colocou quatro bolas na rede contra o Japão.

Neymar foi o único jogador de futebol — e um dos apenas cinco esportistas — na lista elaborada pela revista Time com as 100 pessoas mais influentes do mundo no ano de 2017. Os outros foram Simone Biles, Tom Brady, LeBron James e Conor McGregor. O perfil de Neymar — cada indicado é apresentado por outra personalidade — foi escrito por David Beckham.

Neymar é um dos três jogadores com 100 gols marcados por três clubes de primeira divisão. Ele atingiu a marca com as camisas do Santos, do Barcelona e do Paris Saint-Germain. Romário e Ronaldo são os outros dois.

A Chuteira de Ouro Adidas foi concedida pela primeira vez ao artilheiro do torneio em 1982. Foi nomeada Chuteira de Ouro em 2010. Os próximos no ranking recebem os prêmios Chuteira de Prata Adidas e Chuteira de Bronze Adidas, respectivamente.

Maiores artilheiros do Brasil

- 1 - Neymar (79 gols)
- 2 - Pelé (77 gols)
- 3 - Ronaldo (62)
- 4 - Romário (56)
- 5 - Zico (48)

Maiores goleadores em Copas

- Ronaldo (15 gols em 19 jogos)
- Pelé (12 em 14)
- Ademir de Menezes (9 em 6)
- Jairzinho (9 em 16)
- Vavá (9 em 10)
- Leônidas da Silva (8 em 4)
- Rivaldo (8 em 14)
- Neymar (8 em 13)
- Careca (7 em 9)

BRASILEIRÃO

Inter e Fla jogam, hoje, no Beira-Rio

Depois do confronto pela Libertadores, as duas equipes buscam, agora, somar pontos na competição nacional

Da Redação

A 20ª rodada do Brasileirão terá quatro jogos hoje. Às 16h, no Morumbi, o Santos recebe o Vasco; no mesmo horário, na Arena MRV, o Atlético-MG joga contra o Grêmio. Os dois duelos terão transmissão da Globo e Premiere. Às 18h30, Internacional e Flamengo (Premiere) enfrentam-se no Beira-Rio, em Porto Alegre. Já às 20h30, no Nilton Santos, acontece o confronto dos dois últimos campeões brasileiros, Botafogo e Palmeiras (Prime Video). Amanhã, Mirassol e Cruzeiro fecham a primeira rodada do turno, no Maião, no interior paulista, às 20h.

Com duelo em andamento pelas oitavas de final da Libertadores, Internacional e Flamengo jogam pelo Brasileirão três dias antes do confronto decisivo da competição continental. Na Série A, o Rubro-Negro busca a manutenção da liderança. Com 40 pontos e uma partida a menos, se não perder no Sul, o time de Filipe Luís garante mais uma rodada no topo na tabela de classificação.

Já o Inter, na 11ª posição, deve focar, exclusivamente, na Libertadores. O clube enxerga a competição como a única possibilidade de título. Assim, Roger Machado não deve escalar força máxima hoje. O

time foca em reverter o resultado do primeiro jogo do torneio continental. Atrás 1 a 0 no placar, será preciso vencer, pelo menos, pela contagem mínima para levar a decisão para as penalidades. Sendo uma das prioridades do clube carioca, o Flamengo deve escalar o que tem de melhor no Brasileirão.

Botafogo x Palmeiras

Tendo vencido seus respectivos jogos das oitavas de final da Libertadores. Na noite deste domingo (18), Botafogo e Palmeiras enfrentam-se, no Nilton Santos, buscando encostar no Flamengo, líder do Brasileirão. Com a vantagem mínima, tendo uma partida difícil na volta do torneio continental, na altitude de Quito, no Equador, o Alvinegro deve escalar um time misto para hoje. Já o Alviverde, que fez 4 a 0 na ida do primeiro mata-mata do certame da Conmebol, fora de casa, entrará com força máxima diante do clube de John Texor, pela Série A.

No último encontro, na abertura do Brasileirão deste ano, no Allianz Parque, as equipes ficaram no empate em 0 a 0, em jogo movimentado, de muita disputa e algumas boas oportunidades desperdiçadas. Aquele enfrentamento teve o goleiro John como destaque.



Foto: Gilvan de Souza/Flamengo

Na última quarta-feira, o Flamengo conseguiu vencer o Internacional por 1 a 0, no jogo de ida pela Copa Libertadores

GOL MAIS RÁPIDO

Artur entra para a estatística na Libertadores

Fazer um gol em uma partida de futebol não costuma ser coisa fácil, se comparado ao objetivo com outros de esportes diferentes, mas há quem consiga fazer logo nos primeiros segundos de uma partida.

Na Libertadores de 2025, o gol mais rápido da edição foi marcado por Artur, do Botafogo, aos 14 segundos da partida das oitavas de final contra a LDU, dentro do Estádio Nilton Santos, na vitória por 1 a 0 pelas oitavas de final. O camisa 7 aproveitou cruzamento preciso de Alex Telles para estufar as redes. O gol relâmpago acendeu a torcida alvinegra, mas também uma outra curiosidade: seria este o gol mais rápido em um jogo de Libertadores, em todos os tempos? Sem a necessidade de fazer



Foto: Vitor Silva/Botafogo

Arthur aproveitou o cruzamento de Alex Telles para marcar o gol aos 14 segundos

muito suspense, a resposta é: não.

O gol mais rápido já marcado em uma partida de Libertadores aconteceu em 1976, quando Félix Suárez balançou a rede aos 6 segundos

primeiro dos três gols da Alianza Lima, do Peru, contra o Santa Fé, da Colômbia.

Em relação a times brasileiros, o gol mais rápido foi do Cruzeiro: em 2001, a Raposa demorou 8,5 segundos para estufar as redes do

El Nacional. A curiosidade é ter sido um gol-contra de Bolívar Gómez. Kaio Jorge, pelo Santos, em 2020, demorou 11,4 segundos para marcar contra o Grêmio e é o recordista entre os jogadores brasileiros

EDITAL DE NOTIFICAÇÃO E CONVOCAÇÃO - LEILÃO EXTRAJUDICIAL

UNIDADE: 0109 A e 2003 A - COMISSÃO DE REPRESENTANTES DO "CONDÔMÍNIO DO CONCEPT JOÃO PESSOA", CNPJ nº 54.270.174/0001-01, em construção localizada na Av. Sen. Ruy Carneiro - 416 Miramar - João Pessoa/PB, legalmente constituído quando da Assembleia Geral de Constituição e Instalação do Condomínio, no gozo de suas atribuições legais e contratuais, em conformidade com §§ 1º ao 5º do art. 63, da Lei 4.591/64 e nas disposições constantes dos Termos de Inscrição em Condomínio Fechado e Outros Ajustes Preliminares subscritos, comunicar e tornar pública a realização de Leilão Extra-judicial, de forma presencial e eletrônico (simultâneo), da unidade (direitos e ações sobre a fração ideal do terreno) a seguir informada, a quem interessar possa, e, especialmente, ao condômino inadimplente aderentes à unidade imobiliária a seguir:

DADOS DO EMPREENDIMENTO: Será constituído por um único bloco arquitetônico com 8.317,42m² de área privativa total, 429,25m² de área de uso comum de divisão não proporcional e 5.810,05m² de área comum de divisão proporcional, tendo assim uma área total construída de 14.556,72m². Será composto dos seguintes pavimentos: pavimento subsolo, pavimento térreo, pavimento mezanino, 27 pavimentos tipo, pavimento cobertura e coberturas. DADOS DA UNIDADE: Disponíveis mediante solicitação ao Leiloeiro Oficial ou através do site www.mouradubex.com.br.

PREVISÃO PARA ENTREGA DO EMPREENDIMENTO: Aproximadamente 31.01.2029.

DATAS, HORÁRIOS E LOCAL: 1º Leilão: Dia 05/setembro/2025 (sexta-feira) às 14 horas, quando a unidade poderá ser arrematada por lance igual ou superior ao valor da avaliação. 2º Leilão: Dia 05/setembro/2025 (sexta-feira) às 14h30min, quando a unidade pode ser arrematada por lance igual ou superior ao lance mínimo. LOCAL ELETRÔNICO: www.inovaleilao.com.br (necessita de cadastro prévio) LEILOEIRO PÚBLICO OFICIAL: O LEILÃO SERÁ CONDUZIDO PELO LEILOEIRO, SR. DIOGO MATTOS DIAS MARTINS, JUCEPE nº 381, telefones: (81) 3132.5966 e 3061-0818 (WhatsApp). Remuneração: Limitada a 05% (cinco por cento) sobre o valor total da arrematação - lance vencedor - na forma do art. 24, parágrafo único da Lei 21.981, comissão está já inclusa nos respectivos valores de avaliação e de lance mínimo abaixo descritos. INFORMAÇÕES PARA PARTICIPAÇÃO DO LEILÃO: Para participar presencialmente, basta comparecer no dia, horário e local, e efetuar os lances orais em disputa com demais concorrentes presentes ou através da plataforma online www.inovaleilao.com.br. IMÓVEIS A SEREM LEILOADOS, ÁREAS E PREÇOS:

CONDÔMÍNIO(S)	UNIDADE	ÁREA PRIVATIVA APROXIMADA	LANCE INICIAL (AVALIAÇÃO)	LANCE MÍNIMO (2º LEILÃO)
MARIA CAROLINA AFONSO - CPF: 289.xxx.xxx-60	0109 A	21,17m²	R\$ 244.373,00	R\$ 216.797,00
HENRIQUE NUNES DE ANDRADE - CPF: 050.xxx.xxx-16	2003 A	24,55m²	R\$ 325.754,00	R\$ 259.460,00

CONDIÇÕES DOS LEILÕES: i) O maior lance ofertado será declarado vencedor, sendo o valor devidamente consignado no Auto de Arrematação, juntamente com os dados dos Arrematante, a quem caberá, neste ato da arrematação, o pagamento de sinal equivalente a 20% (vinte por cento) do lance ofertado, sendo o saldo, pago, por opção do arrematante, poderá ser pago: i.a) À VISTA (em até 72h após o leilão); i.b) através da quitação imediata do saldo devedor vencido, acrescido das despesas de procedimento (comissão, honorários advocatícios e despesas com publicações de edital e do pagamento das cotas de construção vencidas em igualdade de condições com os demais condôminos do grupo, conforme cronograma financeiro estabelecido por ocasião da constituição do Condomínio e ratificado nos respectivos Termos de Inscrição e outros ajustes preliminares subscritos pelos condôminos e que servem de balizamento jurídico ao empreendimento; ii) O Leiloeiro também fará constar do Auto de Arrematação os dados do licitante que ofertar o segundo maior lance, para que ele seja declarado vencedor em caso de: ii.a) desfazimento pelo inadimplimento do saldo pelo arrematante; ii.b) pela falta de apresentação, pelo arrematante, no prazo improrrogável de 72 (setenta e duas) horas, de todos os documentos necessários à formalização do contrato que instrumentaliza a aquisição dos direitos sobre a unidade arrematada; iii) Nessas hipóteses, não sendo viável a arrematação pelo segundo maior lance, o licitante inicialmente declarado vencedor responderá pelas despesas relativas ao procedimento, notadamente, os valores dispendidos com a publicação dos respectivos editais e demais despesas operacionais, na forma do art. 389 do CC; iv) Nas 24 (vinte e quatro) horas após a realização do leilão, a Comissão de Representantes, em igualdade de condições com o arrematante poderá exercer seu direito de preferência estabelecido no § 3º do art. 63 da Lei nº 4.591/64, caso em que o imóvel será adjudicado; DISPOSIÇÕES GERAIS: a) O licitante é responsável pela fidelidade e legitimidade das informações e dos documentos apresentados em qualquer fase da licitação. Na hipótese de se constatar a falsidade ou imprecisão das informações e/ou dos documentos apresentados pelo licitante, poderá o Condomínio aplicar penalidades previstas neste Edital e na Lei. b) O CONDÔMÍNIO poderá a qualquer tempo que anteceder a execução do leilão, e a seu exclusivo critério, retirar qualquer item (imóvel) do leilão, sem que cabam aos participantes quaisquer direitos, vantagens ou indenizações. c) A nenhum participante do leilão será dado o direito de alegar desconhecimento das condições previstas neste edital, mesmo porque, por ocasião do leilão todas as informações e esclarecimentos serão previamente detalhados e explicitados pelo Leiloeiro Oficial. d) Concluída arrematação, o arrematante vencedor ficará sub-rogado nos direitos e obrigações decorrentes do Termo de Inscrição em Condomínio Fechado e outros Ajustes Preliminares relativo à unidade imobiliária autônoma arrematada, inclusive o eventual acréscimo no custo estimado da unidade, item 6.4 do respectivo contrato - assumindo ainda eventuais despesas do imóvel a partir deste momento, além de taxas extras e acréscimos que vierem a ser aprovados em Assembleia do Condomínio para aplicação no empreendimento, tudo em igualdade de condições com os demais condôminos do empreendimento. e) O Leiloeiro tem em seu poder todos os documentos pertinentes ao empreendimento, os quais poderão ser examinados até a data e hora do leilão, por todos os interessados. COMISSÃO DE REPRESENTANTES "Condômino CONCEPT JOÃO PESSOA"

MD Moura Dubex

Leilão Extrajudicial

Concept João Pessoa

Av. Sen. Ruy Carneiro - 416 Miramar - João Pessoa, PB, Brasil

UNID. 0109 A 21,17m²	1º LEILÃO: 05/09/2025, às 14h. Lance inicial: R\$ 244.373,00
	2º LEILÃO: 05/09/2025, às 14h30. Lance inicial: R\$ 216.797,00
UNID. 2003 A 24,55m²	1º LEILÃO: 05/09/2025, às 14h. Lance inicial: R\$ 325.754,00
	2º LEILÃO: 05/09/2025, às 14h30. Lance inicial: R\$ 259.460,00

* LEILÃO ELETRÔNICO: Acesso: www.inovaleilao.com.br

© 2025. Todos os direitos reservados. Este edital e o presente documento estão sujeitos a alterações sem aviso prévio.

Mais informações: (81) 3132.5966 | www.inovaleilao.com.br

DIAGOMARTINS

HERANÇA DE UM POVO

Em defesa do nosso legado

Dia Nacional do Patrimônio Cultural, comemorado hoje, alerta para necessidade de preservar os bens históricos e culturais



Foto: Roberto Guedes



Foto: Roberto Guedes



Foto: Roberto Guedes



Foto: Leonardo Ariel



Foto: Roberto Guedes

São tombados ou estão em vias de tombamento, de cima para baixo: os centros históricos de João Pessoa, Princesa Isabel e Rio Tinto, patrimônios materiais; a capoeira e coco de roda, bens imateriais

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

Um dos primeiros significados da palavra patrimônio, nos dicionários, remete à noção de herança, de bens deixados por uma pessoa ou instituição. Esse sentido também se aplica à coletividade, à herança deixada por um povo, seja ela material ou imaterial, e que, assim como aquilo que veio da família, precisa ser bem cuidada para que não se perca. Para celebrar e conscientizar acerca da necessidade de preservar a herança cultural e histórica brasileira convencionou-se comemorar, a cada 17 de agosto, o Dia Nacional do Patrimônio Cultural.

“O foco desse dia é não só lembrar, mas, principalmente, defender o patrimônio. É uma espécie de grito de resistência”, sinaliza o historiador Edvaldo Lira, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep). Em alusão à data, a entidade que tem por função resgatar e preservar a memória da Paraíba, deverá promover, nos dias 25 e 26 de agosto, a segunda edição do Encontro Paraibano de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural, com palestras, debates e outras ações educativas. Na lista de bens móveis e imóveis tombados pelo Iphaep, constam mais de 140 itens reconhecidos pelo valor histórico, artístico, cultural, ecológico e paisagístico, distribuídos em 40 municípios do estado.

Além do Centro Histórico da capital, o Iphaep tem decretos de tombamento de mais 13 centros históricos de cidades do interior, como Areia, Alagoa Grande, Princesa Isabel e Campina Grande, e mais dois — em Itabaiana e Rio Tinto — estão em vias de tombamento. O historiador destaca, ainda, o tombamento temático de estações ferroviárias em 17 municípios paraibanos, e como algumas têm sido transformadas em pousadas, restaurantes e espaços culturais, de modo a tornar o patrimônio acessível à comunidade.

Esses exemplos corroboram a visão de Lira de que o brasileiro se interessa por questões relacionadas à história e ao seu patrimônio cultural, bastando que haja algum movimento mais proativo das instituições para furar as “bolhas” nas quais muitos vivem atualmente. “Eu viajei, recentemente, para as aldeias potiguaras e percebi como eles se interessam demais por cultura, por história... E eles são parte do povo brasileiro. Se o

povo de João Pessoa fosse convidado a visitar os casarões antigos, por exemplo, com certeza iria amar conhecer a cultura, a história, ver como são esses casarões por dentro, saber a quem serviram... Então, o pessoense, o paraibano e o brasileiro têm interesse por história e por cultura sim”, argumenta o historiador. Nesse sentido, ele acredita ser necessário investir em educação patrimonial, desenvolvendo um trabalho mais consistente nas escolas públicas e particulares para que as novas gerações aprendam, desde cedo, a valorizar e preservar o imenso patrimônio cultural paraibano.

Se o tombamento é o instrumento jurídico criado para impor a obrigação de preservar os bens materiais, que incluem edificações como casarões e igrejas, a salvaguarda é o modo encontrado para proteger o patrimônio imaterial, que envolve saberes e fazeres como rituais, celebrações, artesanatos, comidas. É o que explica a professora de Antropologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Lara Amorim. A docente faz questão de pontuar, no entanto, que patrimônio material e imaterial não estão separados nem se opõem.

“A abordagem do patrimônio imaterial ou intangível, como a gente chama na Antropologia, é muito mais voltada para uma ideia de presente, do que está vivo e que acontece agora, mas todas as manifestações culturais são dinâmicas e estão sempre se transformando, então há uma dimensão histórica, uma dimensão de passado que se revela no presente. A temporalidade do patrimônio imaterial está muito relacionada com a nossa memória”, esclarece, exemplificando como as conhecidas Festas do Divino possuem raízes nas festas ibéricas surgidas no século 13, carregando heranças da colonização portuguesa no Brasil.

Na lista de patrimônios imateriais brasileiros reconhecidos como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), estão a roda de capoeira, o frevo pernambucano, o samba de roda do Recôncavo Baiano, o Círio de Nazaré, em Belém (PA), considerada uma das maiores celebrações religiosas do mundo, e a Arte Kusiwa, pintura corporal dos povos indígenas Wajãpi, no Amapá. Além destas, mais 33 manifestações culturais imateriais brasileiras figuram na lista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

“Para que um bem imaterial seja

registrado como patrimônio, a iniciativa tem que ser da comunidade. A salvaguarda possui uma dimensão simbólica de colocar em evidência aquela manifestação, que pode ter muita dificuldade de se perpetuar ou até estar em risco de desaparecer, pois, diferente da cultura de massa, uma das características das culturas tradicionais é que elas se propagam de geração para geração, ou seja, as crianças vão às Festas de Boi do Maranhão, por exemplo, e aprendem a dançar com os pais. Então, a salvaguarda é uma tentativa de garantir que essas tradições continuem existindo”, reitera a antropóloga.

Reconhecimento

O processo de reconhecimento público de um patrimônio imaterial feito pelos órgãos administrativos, como o Iphan e o Iphaep, possui trâmites rigorosos de registro, com elaboração de pareceres com base em pesquisas etnográficas. Contudo, iniciativas parlamentares em âmbitos estaduais e municipais também têm conferido esse título a determinadas manifestações culturais, como é o caso do Coco de Roda, da Ciranda e da Mazurca, declarados patrimônios culturais imateriais do Estado da Paraíba. Para o historiador Edvaldo Lira, em alguns casos, é preciso evitar a discussão superficial acerca desses registros.

“É necessário um debate maior entre os órgãos públicos para que se possa definir o que pode ser feito em termos de registro de patrimônio material e imaterial, senão vai ficar uma banalização. A tapioca, por exemplo, eu acredito que, um belo dia, pode ser declarada como patrimônio imaterial, mas não depende só da ideia ou do pensamento de uma pessoa; depende de um debate. Recentemente, se tentou registrar a escadaria da Penha como patrimônio imaterial, e o Iphaep orientou o governador a vetar a medida, inclusive porque toda a parte elevada da Penha já é tombada com patrimônio material”, argumenta.

Para a professora de Antropologia Lara Amorim, o reconhecimento pode ser um primeiro passo em direção a um maior cuidado com o patrimônio cultural. “Essa declaração é uma enunciação e possui uma força política, pois agrega valor simbólico, no entanto isso não é suficiente. É necessário desenvolver uma política pública efetiva de preservação pelo estado, que os órgãos competentes procurem fazer, mas contam com muito pouco recurso para registro e acompanhamento de cada caso”, pondera a docente.

Data celebra nascimento do fundador do Iphan

O Dia Nacional do Patrimônio Histórico foi comemorado pela primeira vez em 17 de agosto de 1998, quando se celebrou o centenário de nascimento do advogado e jornalista mineiro Rodrigo Melo Franco de Andrade, um dos principais responsáveis pela criação do Iphan e seu primeiro presidente. A partir de então, a data tem sido dedicada à conscientização da população sobre a necessidade de preservação dos patrimônios que representam a memória e a história nacionais.

Como jornalista, Rodrigo Melo Franco de Andrade foi colaborador de importantes jornais da época como *O Dia*, *O Estado de Minas*, *O Estado de São Paulo* e *Diário Carioca*. Na *Revista do Brasil*, onde foi redator-chefe e diretor, procurou dar espaço aos artistas do movimento modernista, com quem lutou pela consolidação jurídica do tema patrimônio cultural e pela criação do Iphan, em 1937. Ao longo dos 30 anos em que esteve à frente da instituição, o mineiro introduziu

o instrumento do tombamento e executou diversas obras de conservação e restauração de pinturas antigas, esculturas e documentos, além da criação de museus regionais e nacionais, como o Museu da Inconfidência, em Ouro Preto (1938), das Missões, em Santo Ângelo (1940), e da Abolição, no Recife (1957), dentre outros.

Em sua homenagem, o Iphan criou, em 1987, o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, mecanismo de fomento às ações de pre-

servação e salvaguarda do patrimônio cultural brasileiro que, em razão da sua originalidade, relevância e caráter exemplar, mereçam registro, divulgação e reconhecimento público. Na edição de 2014, a Associação Cultural de Zabelê (Ascuza) foi premiada por incentivar, de maneira colaborativa, a produção de documentários para registrar memórias e o rico patrimônio cultural da pequena cidade situada no Sertão do Cariri Paraibano.

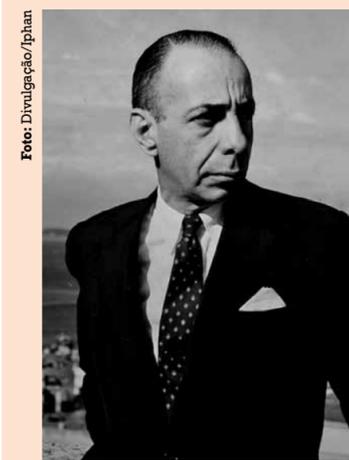


Foto: Divulgação/Iphan

Rodrigo Melo também foi jornalista

Carleusa Candeia

De professora a hábil escritora do colunismo social

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

Enquanto forma particular de representação do cotidiano que parte de narrativas sobre o espaço público, o colunismo social encontra lugar nos jornais impressos e contribui para reforçar estilos e práticas de vida. Nessa habilidade, destacou-se, no Sertão paraibano, Carleusa Candeia, que, como integrante de uma das mais tradicionais famílias da região, procurou equilibrar nesse gênero jornalístico, tanto aspectos frívolos e lúdicos dos eventos e festas quanto assuntos mais sérios ligados à vida política e econômica das elites.

Carleusa Candeia Pereira nasceu em 25 de abril de 1949, em Pombal, cidade onde seus pais, Eduardo Pereira da Silva, conhecido como Dadá Pereira, e Maria das Chagas Candeia Pereira, estabeleceram-se logo após o casamento. Com a seca de 1958, a família retornou para Patos, onde se fixaram definitivamente. Foi na capital do Sertão paraibano que Carleusa realizou os estudos: primeiro no Colégio Cristo Rei e, depois, na Fundação Francisco Mascarenhas, onde se formou em Letras em 1979. Nos anos seguintes, já atuava como professora em ambas as instituições.

Das palavras transmitidas nas salas de aula para as notas dos jornais não demorou muito. Em março de 1983, Carleusa começou a escrever a coluna social do Diário da Borborema, no qual permaneceu até 1988. Na época, a maioria dos jornais do estado mantinha sucursais na cidade de Patos. Segundo o jornalista Damião Lucena, a colunista era *socialite* e foi a partir dessa presença constante nos eventos da cidade que ela recebeu convites

para fazer parte da imprensa social.

“Carleusa sempre foi dos acontecimentos sociais. Realizava a Festa dos Destaques e, ao lado de Tereza Marinha, chegou a lançar jornais da Festa de Nossa Senhora da Guia, sempre direcionada às pessoas da alta sociedade. Tinha acesso livre a todos os setores, principalmente pela facilidade de comunicação. Era bonita e tinha uma conversa agradável”, destacou o jornalista.

As notícias do que ocorria nos círculos sociais não se restringiam à cidade de Patos. Carleusa procurava cobrir toda a Paraíba, como informa o também colunista social Vicente Conserva, que ressalta a sinceridade e espontaneidade como características marcantes da companheira de profissão. “Ela era sempre muito respeitosa com todos e eu nunca ouvi alguém reclamar do trabalho que ela fazia. E não é fácil fazer colunismo social. Apesar de tratarmos com um público um pouco diferenciado, às vezes é muito complicado, porque, dependendo do que você escreve, tem gente que não aceita. E nem sempre a coluna social está para agradar. Falam-se coisas boas, mas também se falam certas coisas que, às vezes, desagradam”, justifica o colunista do Portal 40 Graus.

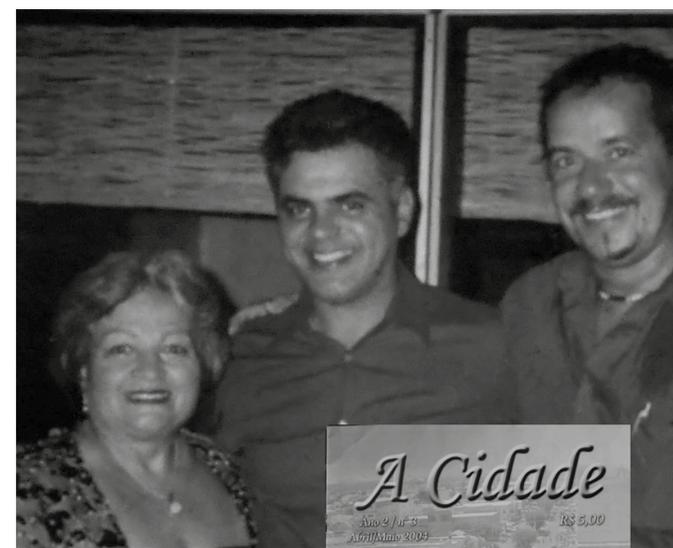
A boa aceitação talvez residisse no fato de Carleusa ser conciliadora. Conserva afirma que a jornalista não gostava de confusão e procurava mediar conflitos, como ocorreu em uma das reuniões entre colunistas sociais que costumavam fazer. “Certa feita, houve um embate entre algumas pessoas e foi Carleusa que intermediou para selar a paz entre todos. Com aquele jeito simples dela de apaziguar as coisas, conseguiu colocar todo mundo de volta na mesma mesa”, recorda o jorna-

lista. Na lembrança dele, também estão o modo sempre sorridente e amigo de Carleusa no tratamento com as pessoas, o dinamismo, alegria e o bom humor. “Estava sempre de bem com a vida e não gostava de tristeza; aonde ela chegava, pode ter certeza que tinha felicidade e risada”, conta.

Encontros

Organizar festas costuma ser parte do trabalho de um colunista social e, segundo a filha de Carleusa, Anna Christina de Medeiros, esse trabalho começou nos anos 1980, com as festas promovidas pelo cronista social campinense Josildo Albuquerque (já falecido), e depois em Patos, em parceria com o colunista Carlos Estevam. Em 2002, comemorando seus 18 anos de colunismo social, Carleusa promoveu uma festa no famoso Hotel JK, que contou com a animação de músicos do Clube do Choro de Patos.

Por essa época, a colunista esteve à frente da luta para reativar a Associação de Imprensa de Patos, juntamente com outros colegas de profissão. “Ela foi uma das batalhadoras para a gente criar uma instituição de representação da nossa classe. Lembro-me das articulações, das reuniões preparatórias para a fundação, porque a Associação de Imprensa de Patos estava nas mãos de uma pessoa que usava a instituição para o próprio benefício. A gente tentou acordo, mas não conseguimos. Foi quando nós — Mário Soares,



Carleusa promovia muitas festas; também foi editora da revista “A Cidade” e fundou a Associação de Imprensa do Sertão Paraibano

Cláudio Paschoal, eu e outras pessoas como Carleusa — tivemos a iniciativa de fundar a Associação de Imprensa do Sertão Paraibano [Aispj]”, relata o jornalista Izaias Nóbrega.

Carleusa Candeia atuou no colunismo até 2008, escrevendo também para periódicos como Correo da Paraíba e O Norte, além de colaborar com o Jornal dos Mu-



Foto: Cláudio Paschoal/Colaborador

nicipios. No início dos anos 2000, apresentou um programa dominical sobre etiqueta na Rádio Panati, além de trabalhar como assessora de imprensa da Câmara de Vereadores de Patos. “Em janeiro de 2003, ela realizou o sonho com a primeira edição da revista *A Cidade*. A revista era eclética, falava sobre moda, etiqueta, entretenimento, notícias em geral e contava com artigos de outros colaboradores”, explicou a filha, Anna Christina.

Nun dos editoriais, ao falar de moda, Carleusa recorda que a verdadeira sofisticação não requer roupas extravagantes nem excessos, mas, sobretudo, bom senso: “Oh! O bom senso! As pessoas estão muito preocupadas com a forma e pouco ligadas ao espírito. Não é só a forma que vai nos deixar satisfeitas. O importante mesmo é estar equilibrada, feliz, em paz, realizada. [...] A beleza e a energia contagiante provam que essa sintonia entre o físico e a mente pode ser alcançada a qualquer tempo. Mais do que soluções de moda e beleza, refletimos sobre a importância de respeitar a si mesma e, principalmente, saber adequar o visual a cada momento da vida”, escreveu.

Imprensa na gráfica da Editora A União, a publicação circulou até abril de 2009. Carleusa Candeia faleceu em 1º de maio daquele mesmo ano. Como homenagem, seu nome foi dado a uma Unidade do Programa de Saúde da Família, localizada na região central do município de Patos.



Conciliadora, a colunista era conhecida pelo bom humor e simpatia

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Felca, redes sociais, adultização: o que você tem a ver com isso

Felca. Este foi o nome que mais ouvi nos últimos dias. Essas cinco letras que, até outro dia, eram puro hieróglifo para mim, dão nome a um humorista e influenciador digital. Na verdade, o nome completo dele é Felipe Bressanim Pereira. E seu apelido viralizou, de forma absurda, nos últimos dias, por causa de um vídeo. No YouTube, durante 50 minutos, ele denunciou o que chama de “adultização”. Traduzindo: um fenômeno em que crianças e adolescentes são levados a falar e agir como adultos, para puro deleite de quem se alimenta das redes sociais.

Felca virou *trend*. Tornou-se o assunto da vez. A denúncia ganhou ruas, bares, a sala de jantar dos brasileiros e até o Congresso Nacional. O *youtuber* não só mostrou, mas explicou a partir do chamado Algoritmo P, o que vem ocorrendo no mundo, no Brasil e, especialmente, na Paraíba, minha aldeia. Felca ousou abordar o óbvio, o que muitos têm banalizado, ou “tratado como problema dos outros”: crianças e adolescentes estão à mercê de predadores vários no mundo digital — e que atuam no mundo *off-line* também, não se engane.

Tem muito marmanjo (e mulheres idem) ampliando a rede dos que se aproveitam dos pequenos. Iludem, dão presentes e outras benesses. Convencem pais e mães de que está



Foto: Reprodução/YouTube Felca

A sociedade vai entrar em colapso. Não tem volta.

Youtuber alertou para uso das redes com o objetivo de explorar a imagem infantil

tudo bem expor um vídeo curioso, uma foto apelativa ou a dancinha do filho em redes sociais. Tais figuras ganham seguidores, *likes*, audiência e muito, muito dinheiro. O bem-estar das crianças e dos adolescentes? “Dane-se!”, talvez seja assim que essas pessoas pensam.

No vídeo-denúncia de Felca, é citado um personagem já conhecido na minha aldeia, um sujeito chamado “Hytao”, assim mesmo, com Agá e Ypsilon na grafia. Com sobrenome Santos, algo que não parece combinar bem com

sua persona midiática denunciada, Hytao é conhecido por expor crianças e adolescentes em seus vídeos: em situações vexatórias, erotizadas, “adultizadas”.

E a dimensão do problema, após didaticamente exposto, se revelou em números. Na última vez que acessei o canal de Felca, o vídeo “Adultização” já tinha mais de 37 milhões de visualizações. Para você ter uma ideia do volume, seria o mesmo que colocar no mesmo local toda a população de Minas Gerais (20,5

milhões de habitantes) e toda a população do Rio de Janeiro (16,05 milhões) para ver o mesmo vídeo. E ainda sobraria gente assistindo pela janela...

Não é de hoje que especialistas e ativistas comprometidos com os direitos de crianças e adolescentes alertam para esse tipo de situação e para a necessidade urgente de regulamentação das redes sociais. Por muito tempo, porém, tais vozes não encontraram o eco necessário na sociedade. Felizmente, alguém com expressivo capital social na internet, como Felca, decidiu usar sua reputação digital para trazer à tona o delicado tema da “adultização”.

E o que você tem a ver com isso? Tudo. Debater e lutar por regulamentação das redes sociais deve ser papel de todos nós. Contrário ao que muitos pensam, regular não se traduz em proibição, censura ou mordada. É estabelecer um conjunto de regras mínimas para o ambiente digital, visando à proteção de direitos e à responsabilização das plataformas, se preciso for. É buscar caminhos para proteger os mais vulneráveis, como as crianças e os adolescentes. Enquanto isso não chega em forma de lei, você pode começar em casa: criando suas próprias regras e limites. É um movimento doméstico, eu sei, mas fundamental para um ambiente digital mais seguro.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

O romantismo popular e o popularesco na MPB – XI

Foto: Reprodução/Arquivo Nacional

Ainda no domínio das estrelas que fizeram sucesso no universo da chamada música popular ou, como queiram, brega, um destaque vai para Idenilde de Araújo Alves da Costa, que adotou o nome artístico de Núbia Lafayette (Açu-RN, 1937 - Niterói-RJ, 2007). Em sua cidade natal, ela viveu somente até os três anos de idade, quando a família passou a residir no Rio de Janeiro. Ali, descoberto o talento dela para a música, já aos oito anos, começou a apresentar-se em programas radiofônicos infantis, como o *Clube do Guri*, da Rádio Tupi.

Profissionalmente, só no fim da década de 1950, trabalhando nas antigas Lojas Pernambucanas e usando o nome artístico de Nilde Araújo, participou do então consagrado programa de calouros *A Voz de Ouro*, na TV Tupi, o que a levou a ser contratada como *crooner* da boate paulista Cave, com repertório centrado em canções popularizadas por Vicente Celestino e/ou Dalva de Oliveira.

Foi ali que, no início dos anos 1960, conheceu o compositor Adelino Moreira, que se tornaria o principal criador e incentivador do repertório dela e que lhe deu o nome artístico definitivo. Aliás, foi este quem a levou ao primeiro contrato na RCA Camden, com o apoio do já artista da casa, Nelson Gonçalves, outro grande inventador da carreira dela e de quem se tornou uma espécie de versão feminina.

Com o apoio dos dois, ela viria a gravar o primeiro sucesso — “Devolvi”, que já fora gravado por Nelson — e tornou-se reconhecida como grande cantora romântica popular da MPB: *Devolvi o cordão e a medalha de*



Núbia Lafayette ao lado de seu parceiro musical, Adelino Moreira, e na capa do disco “Não Creias”, lançado pela gravadora RCA Camden



Foto: Divulgação/RCA Camden

ouro / e tudo que ele [ela] me presenteou / Devolvi suas cartas amorosas / e as juras mentirosas / com que ele [ela] me enganou. Com cerca de duas dezenas de álbuns e CDs gravados, o repertório dela, como apontado, baseou-se em criações dos dois amigos, Nelson e Adelino, como “Solidão”, sua canção favorita, e “Séria tão diferente”, entre tan-

tos outros, com predominância do samba-canção e do bolero.

Após um declínio que veio com o advento do “estilo” Jovem Guarda, ela, passada a “onda”, voltou a participar do nosso cenário musical, chegando até a gravar um sucesso criado por um dos integrantes daquele movimento: “Casa e Comida” (imaginem: um

bolero criado por Rossini Pinto).

Até o fim de sua vida, morando em Maricá (RJ), Núbia continuou sua vida artística, gravando e apresentando-se em shows radiofônicos e televisivos, até que nos deixou, em 2007; aos setenta anos de idade, vitimada por complicações resultantes de um AVC.

MERCADO DA TECNOLOGIA

Cientista custou o valor de um jogador de futebol

Saiba por que a Meta pagou US\$ 250 milhões pelo “passe” de Matt Deitke

João Pedro Adania
Agência Estado

Daqui a pouco, os filmes de comédia adolescente terão de inverter os papéis: o *nerd* de óculos grossos, antes sacaneado pelo capitão do time de basquete, vai assumir o protagonismo e conquistar todas as gatinhas. Por quê? Os prodígios da inteligência artificial (IA).

Matt Deitke é a nova estrela do Vale do Silício e mais um dos responsáveis pela guinada *pop* dos *nerds*. Ele foi recém-contratado pela Meta, em uma transação de US\$ 250 milhões, uma mudança de casa que lembra a de atletas profissionais — Neymar custou US\$ 257 milhões ao PSG quando saiu do Barcelona, sendo, até hoje, a transação mais cara do futebol.

O cientista de 24 anos ganhou suas primeiras manchetes quando rejeitou uma oferta de US\$ 125 milhões para se juntar ao principal núcleo de IA da Meta. Só uma reunião olho a olho com Mark Zuckerberg — e o dobro do valor oferecido a princípio — fizeram ele mudar de ideia. Mas quem é esse jovem que fez a gigante pagar US\$ 250 milhões, na missão de construir uma “superinteligência”?

Em 2019, Deitke inscreveu-se no LinkedIn como pesquisador e engenheiro de IA no Allen Institute for AI (AI2), em Seattle, onde ficou até outubro de 2024 — o laboratório foi criado pelo cofundador da Microsoft, Paul Allen, morto em 2018. Nesse mesmo período, ele formou-se em Ciência da Computação na Universidade de Washington. Seu trabalho na AI2 o co-

locou na linha de frente da inovação em IA. Foi ali que Deitke liderou o desenvolvimento do Molmo, um *chatbot* multimodal capaz de entender e raciocinar textos, imagens e áudios. Isso não lembra algo que veio a público em novembro de 2022? Sim, o ChatGPT, lançado pouco tempo depois.

A novidade era que o Molmo, ao contrário dos *chatbots* que dependem exclusivamente de modelos de linguagem, “pensava” com base no espaço e ambiente. Essa abordagem fazia todo sentido. No seu currículo, Deitke reserva um bom espaço para mostrar seus projetos de modelagem 3D e geração de realidade aumentada.

O feito não passou despercebido e lhe rendeu o prêmio de Outstanding Paper Award na NeurIPS 2022, uma das conferências de IA mais prestigiadas do mundo. E, claro, os olheiros do Vale do Silício o acompanhavam de perto.

Citado pela OpenAI como um sistema de referência para testes de alinhamento intermodal, o Molmo teve um reconhecimento raro entre os concorrentes do setor. A fama estava consolidada: Deitke passou de um engenheiro de destaque para um líder no pensamento em IA.

Depois de cinco anos no Allen Institute for AI, Deitke resolveu abrir sua própria *startup*, a Vercept. De novembro de 2024 até julho de 2025, Deitke levou a empresa a projetar o Vy, um aplicativo nativo para computadores Apple com recursos avançados de interação e agentes de raciocínio. Ou seja, a nova fronteira tecnológica.

O início da *startup* não foi nada modesto. Ainda com

10 funcionários, a empresa atraiu grandes investidores. Na primeira rodada, US\$ 16,5 milhões em financiamento, inclusive do ex-CEO do Google, Eric Schmidt. Nas palavras da Vercept, a criação funciona como qualquer outro aplicativo dentro do *software* do próprio Mac e não depende de *internet* ou servidores externos para funcionar: “Você diz o que quer, com suas próprias palavras, e ele faz acontecer”.

Algumas semelhanças contribuíram para o “*match*” entre Deitke e Zuckerberg. Por exemplo, o jovem pesquisador seguiu os passos dos pioneiros de Palo Alto e largou um futuro acadêmico promissor. Bill Gates, Steve Jobs e o próprio Zuckerberg saíram da faculdade antes de concluí-la. Deitke foi mais conservador e só abandonou a Universidade de Washington no doutorado.

Tudo isso resultou na conversa olho no olho com Zuckerberg. Com a oferta de US\$ 250 milhões em quatro anos (com até US\$ 100 milhões pagos no primeiro ano) na mesa, a mente mais cobiçada do Vale do Silício con-

versou com amigos, que o aconselharam a não deixar a oportunidade passar. O contrato foi assinado logo depois.

Outras empresas também correm nessa busca por novos talentos do Vale do Silício. Nas últimas semanas, a contratação de “agentes livres” da IA virou um espetáculo nas redes sociais e debate estilo “*mesa redonda*”. E não é para menos: em 2012, três estudantes da Universidade de Toronto publicaram um artigo sobre um sistema de IA que reconhecia objetos como flores e carros. Depois, eles foram arrematados pelo Google por US\$ 44 milhões. Um desses estudantes era Ilya Sutskever, cofundador e mente tecnológica nos primeiros anos de OpenAI.

Peter Lee, chefe de pesquisa da Microsoft, comparou, em 2014, o mercado de tecnologia ao da NFL (Liga de Futebol Americano), em que os novatos já ganhavam cerca de US\$ 1 milhão por ano. O custo de um especialista de ponta em *deep learning* era comparável ao de um “*quarterback* promissor”, disse Lee à Bloomberg Business Week na época.

Charada

Resposta da semana anterior: crustáceo (2) = siri + instrumento de boca (2) = gaita. **Solução:** garota espevitada (4) = sirigaita.

Charada de hoje: Depois que cura (2) suas dores, siga (1) seu caminho para fazer a saudação afro (3).

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br



Ilustração: Bruno Chiossi

Eita!!!

Sistema em declínio

A partir de 14 de outubro, a Microsoft deixará de dar suporte ao sistema operacional Windows 10. Com isso, os usuários não poderão recorrer a atualizações de segurança, renovações do sistema ou qualquer outra forma de assistência ofertada pela fabricante. A consequência dessa decisão é que os computadores passarão a funcionar de modo lento, aumentando o risco de exposição a *malwares* (*softwares* que danificam computadores), falhas de segurança ou outras situações que ameacem a estabilidade de sua operação. Com base em dados produzidos pela Agência Estado, trazemos dois caminhos para os leitores que desejem preservar a integridade de suas máquinas — além de uma terceira, porém arriscada, possibilidade.

Atualizar para o Windows 11

Essa é a opção mais prática. Quem possui a versão mais recente do Windows 10 pode atualizar para o novo sistema operacional de forma gratuita, desde que o aparelho utilizado possua os requisitos mínimos de *hardware*. Entre as exigências listadas pela Microsoft, estão um processador de 1 *gigahertz dual-core 64 bits*, 4 GB de memória RAM e 64 GB de armazenamento. Já os requisitos de segurança podem ser mais complexos, especialmente em máquinas antigas. É necessário que o PC inicie o modo “Secure Boot” e tenha um módulo Trusted Platform Module (TPM) 2.0 — *chip* de segurança, presente nas placas-mãe, que armazena chaves criptográficas, protege informações sensíveis e garante a integridade do sistema. Para descobrir se seu aparelho está apto às atualizações, basta acessar o aplicativo Verificação de Integridade do PC da Microsoft. Já no momento da mudança, é preciso ter espaço de armazenamento suficiente no HD, sendo recomendado, ainda, fazer um *backup* dos dados mais importantes.

Ganhar tempo

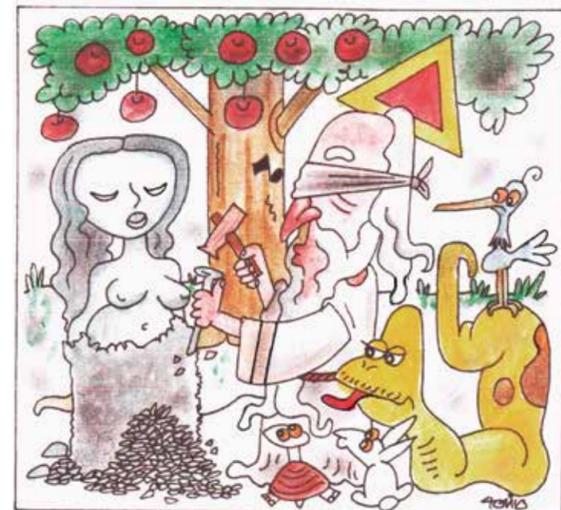
Se o seu *hardware* não preenche os requisitos para a instalação do Windows 10, é possível estender o prazo de suporte pela Microsoft. Contudo, essa opção não é gratuita. Com um pagamento único de US\$ 30 — ou de mil pontos no programa de recompensas ofertado pela empresa —, o usuário adquire um serviço de atualização de segurança estendida, o qual garante suporte até 13 de outubro de 2026.

Permanecer com o Windows 10

Esse é o caminho mais perigoso. Como o sistema antigo não passará por uma autodestruição imediata, ainda é possível continuar usando o computador até que, eventualmente, ele pare de funcionar. O risco mora na possibilidade de um *hacker* encontrar alguma brecha de segurança, seja por meio de *malwares*, vírus, *spywares* (*malwares* “espíões”) ou *ransomwares* (quando um *malware* sequestra o computador ou seus arquivos).

9ertos

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 - cabelo de Deus; 2 - barba; 3 - rabo da ave; 4 - língua; 5 - mancha da cobra; 6 - olho de Eva; 7 - nota musical; 8 - maçã; 9 - cabelo da ave

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)

